



Programa de Pós-Graduação em Linguística

**OS DÊITICOS *EU* E *VOCÊ*: UMA ANÁLISE COGNITIVISTA SOBRE SEUS USOS  
GENÉRICOS**

LEILA CRUZ MAGALHÃES

LEILA CRUZ MAGALHÃES

**OS DÊITICOS *EU* E *VOCÊ* : UMA ANÁLISE COGNITIVISTA SOBRE SEUS USOS  
GENÉRICOS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como pré-requisito para a obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Doutor Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

Rio de Janeiro

Dezembro de 2024

## CIP - Catalogação na Publicação

M188d Magalhães, Leila Cruz  
Os dêiticos eu e você: uma análise cognitivista sobre seus usos genéricos / Leila Cruz Magalhães. - Rio de Janeiro, 2024.  
127 f.

Orientadora: Diogo Oliveira Ramires Pinheiro.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística, 2024.

1. Linguística Cognitiva. 2. Dêixis. 3. Dados de fala espontânea. 4. Experimento. 5. Teoria dos Espaços Mentais. I. Pinheiro, Diogo Oliveira Ramires, orient. II. Título.

# OS DÊITICOS *EU E VOCÊ* : UMA ANÁLISE COGNITIVISTA SOBRE SEUS USOS GENÉRICOS

Leila Cruz Magalhães

Orientador: Doutor Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutora em Linguística

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro - UFRJ. Presidente da Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lilian Vieira Ferrari - UFRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Aparecida Faria de Almeida - UFJF

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosângela Gomes Ferreira - UERJ

---

Prof. Dr. Vitor de Moura Vivas - IFRJ

---

Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior - UFRJ. Suplente

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liana de Andrade Biar - PUC-Rio. Suplente

Rio de Janeiro

Dezembro de 2024

Dedico este estudo ao meu avô João Batista (*in memoriam*). Que este trabalho honre a sua memória e a de todos que, como ele, foram privados do direito e do sonho de estudar.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai (*in memoriam*) que, embora não compreendesse o ambiente acadêmico, sempre teve tanto orgulho das minhas conquistas. O seu entusiasmo foi o incentivo mais sincero que eu poderia ter recebido.

À minha mãe, pelo amor e pela sabedoria. Cada passo dessa jornada foi inspirado pelos seus ensinamentos e pelo seu exemplo de resiliência.

Ao Mateus, meu amor e cientista preferido, por compartilhar comigo a vida e o mesmo apreço pela Ciência.

À Carolyn Massariol, pela amizade inesperada em meio ao ensino remoto e pelo acolhimento e apoio nesse universo novo que a UFRJ representava para mim.

À Brendha, pelo auxílio paciente e gentil durante a elaboração do meu experimento.

Aos colegas do grupo de pesquisa, pelas valiosas discussões e contribuições sobre o meu objeto de estudo.

Ao meu orientador Diogo, pela excelente orientação, trocas acadêmicas, e por tornar possível esse trabalho.

*Caro Você, direi. Apenas você, sem nome.  
Acrescentar um nome acrescenta você ao mundo  
real, que é mais arriscado, mais perigoso: quem  
sabe quais serão as probabilidades lá fora de  
sobrevivência? Eu direi você, você, como uma  
velha canção de amor. Você pode ser mais de uma  
pessoa. Você pode significar milhares.  
(ATWOOD, 2017, p.52)*

## RESUMO

MAGALHÃES, L. C. **Os dêiticos eu e você: uma análise cognitivista sobre seus usos genéricos.** Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O presente estudo tem como objetivo investigar as diferenças e semelhanças conceituais dos dêiticos *eu* e *você* em suas interpretações genéricas. Como quadro teórico, adotamos as premissas da Linguística Cognitiva, com ênfase na abordagem mais recente da Teoria dos Espaços Mentais, a *Basic Communicative Spaces Network* (BCSN), proposta por Sanders, Sanders e Sweetser (2009) e Ferrari e Sweetser (2012). Em termos metodológicos, dividimos o trabalho em duas etapas: uma qualitativa e de sondagem, e outra experimental e confirmatória. Na primeira fase, utilizamos dados de fala espontânea extraídos de vídeos do canal do *Youtube* “Gabi Oliveira”. As observações decorrentes da exploração de dados levaram às seguintes hipóteses: (i) o *eu* genérico estabelece uma referência indeterminada ancorando-a a uma entidade determinada, qual seja, o falante; e (ii) o *você* genérico estabelece uma referência indeterminada vinculando-a a uma entidade determinada, qual seja, o ouvinte. Essas proposições foram analisadas com o suporte teórico fornecido pela BCSN, que nos permitiu visualizar as relações conceituais subjacentes a cada uma dessas expressões. Na segunda fase de nossa investigação, verificamos experimentalmente a hipótese (i) Para isso, desenvolvemos um experimento de escolha forçada, do qual participaram 60 estudantes de graduação. Esperava-se que a escolha pelo *eu* genérico seria menor, à medida que o falante deixa claro que não experienciou a situação sobre a qual opina. Os dados obtidos confirmaram a previsão estipulada, mostrando que os participantes optavam menos pelo *eu* genérico diante de contextos em que o falante expunha a sua inexperiência. Esses resultados reforçam a existência do vínculo conceptual do *eu* genérico com seu significado canônico e, conseqüentemente, com a experiência do falante. De maneira indireta, os dados também sugerem a existência de uma relação do *você* genérico com a ausência de uma experiência pessoal do enunciatador, uma vez que essa foi a opção mais escolhida pelos participantes nas situações comunicativas analisadas. Esse achado abre caminhos para estudos futuros, que podem explorar mais a fundo as nuances dessa relação e os diferentes contextos em que ela pode ocorrer.

Palavras-chave: linguística cognitiva. teoria dos espaços mentais. dêixis genéricas. dados de fala espontânea. experimento.



## ABSTRACT

MAGALHÃES, L. C. **Os dêiticos *eu* e *você*: uma análise cognitivista sobre seus usos genéricos.** Dissertation (PhD in Linguistics) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The present study aims to investigate the conceptual differences and similarities between the deictic expressions *I* and *you* in their generic interpretations. As a theoretical framework, we adopt the principles of Cognitive Linguistics, with an emphasis on the most recent approach of Mental Spaces Theory, specifically the Basic Communicative Spaces Network (BCSN), proposed by Sanders, Sanders, and Sweetser (2009) and Ferrari and Sweetser (2012). Methodologically, we divided the work into two phases: a qualitative and exploratory phase, and an experimental and confirmatory phase. In the first one, we used data from spontaneous speech extracted from videos of the YouTube channel “Gabi Oliveira.” Observations made during the data exploration led to the following hypotheses: (i) the generic *I* establishes an indefinite reference, anchoring it to a specific entity, namely, the speaker; and (ii) the generic *you* establishes an indefinite reference, linking it to a specific entity, namely, the listener. These propositions were analyzed with the theoretical support provided by the BCSN, which allowed us to visualize the conceptual relationships underlying each of these expressions. In the second phase of our investigation, we experimentally tested hypothesis (i). To this end, we developed a forced-choice experiment with 60 undergraduate students. We expected that the choice of the generic *I* would be lower when the speaker clearly indicated that they had not experienced the situation about which they were expressing an opinion. The data obtained confirmed the predicted outcome, showing that participants were less likely to choose the generic *I* in contexts where the speaker revealed their inexperience. These results reinforce the existence of a conceptual link between the generic *I* and its canonical meaning, and consequently, with the speaker’s experience. Indirectly, the data also suggest a relationship between the generic *you* and the absence of personal experience on the part of the speaker, as this was the option most frequently chosen by participants in the communicative situations analyzed. This finding paves the way for future research, which could further explore the nuances of this relationship and the different contexts in which it may occur.

Keywords: cognitive linguistics. theory of mental spaces. generic deixis. spontaneous speech data. experiment.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação adaptada da ambiguidade referencial do exemplo (6).....	24
Figura 2: Representação da sentença (7).....	26
Figura 3: Representação da sentença (8).....	27
Figura 4: Representação do exemplo (9).....	28
Figura 5: Representação do exemplo (10).....	29
Figura 6: Representação adaptada e traduzida da BCSN.....	31
Figura 7: Representação do processo de mesclagem do nós genérico.....	40
Figura 8: Representação do processo de mesclagem do nós genérico.....	41
Figura 9: Representação da mesclagem conceptual do nós genérico.....	42
Figura 10 - Print da tabela de teste.....	51
Figura 11: Representação conceptual do eu genérico de acordo com a BCSN.....	54
Figura 12: Representação conceptual do você genérico de acordo com a BCSN.....	55
Figura 13: Representação Ah, quanto EU gasto no aplicativo de deslocamento de carro?.....	61
Figura 14: Representação Quanto VOCÊ pode gastar no mês com isso?.....	63
Figura 15: Representação de dá para VOCÊ contar uma história de superação sem cair naquela coisa.....	65
Figura 16 - Recorte dos estímulos do experimento.....	70
Figura 17- Recorte dos estímulos do experimento.....	70
Figura 18- Recorte de um estímulo crítico do experimento.....	72
Figura 19 - Recorte de um estímulo distrator do experimento.....	73
Figura 20- Recorte de um estímulo distrator do experimento.....	74
Figura 21- Recorte de um estímulo de treinamento do experimento.....	74
Figura 22- Recorte de um estímulo crítico do experimento.....	75
Figura 23 - Print da tela do experimento.....	76

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Respostas por variável.....	78
Tabela 2 - Frequência observada e esperada.....	79

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Respostas por variável.....	78
---	----

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Tipologia de espaços mentais.....	25
Quadro 2: Resumo da hipótese experimental e previsão.....	76

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.2 Estrutura do trabalho.....	18
<b>2. LINGUÍSTICA COGNITIVA E A ABORDAGEM DA DÊIXIS</b> .....	20
2.1 Linguística Cognitiva: um panorama pela história.....	20
2.2 A Teoria dos Espaços Mentais.....	22
2.2.1 Basic Communicative Spaces Network (BCSN).....	29
2.3 A dêixis: primeiras reflexões.....	32
2.4 Dêixis de pessoa genérica e outras propostas cognitivistas.....	37
2.5 Conclusões e perspectivas.....	46
<b>3. A ABORDAGEM QUALITATIVA E EXPLORATÓRIA: A ANÁLISE DE DADOS DE FALA ESPONTÂNEA</b> .....	46
3.1 Procedimentos metodológicos.....	48
3.1.1 Os dados de fala espontânea.....	48
3.1.2 Procedimentos de análise: o percurso qualitativo para a elaboração da hipótese.....	50
3.2 A distinção entre o eu e o você genéricos: apresentando a hipótese.....	53
3.3 A análise de dados: formalizando a hipótese.....	59
3.4 Conclusões e perspectivas.....	66
<b>4. A ABORDAGEM QUANTITATIVA E CONFIRMATÓRIA: O MÉTODO EXPERIMENTAL</b> .....	68
4.1 Procedimentos metodológicos.....	69
4.1.1 O desenho experimental.....	69
4.1.2 Composição e distribuição dos estímulos.....	71
4.1.3 Materiais e procedimentos.....	73
4.1.4 Perfil dos participantes.....	76
4.1.5 Previsões experimentais e análise estatística.....	76
4.2 Resultados.....	77
4.2.1 Apresentação dos resultados.....	77
4.2.2 Discussão dos resultados.....	79

4.3 Conclusões e perspectivas.....	81
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>
5.1 Considerações sobre a análise qualitativa.....	82
5.2 Considerações sobre a análise quantitativa.....	84
5.3 Avaliação geral do trabalho.....	86
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>89</b>

## 1. INTRODUÇÃO

poderia começar de muitas formas  
 e esse começo poderia ser um movimento ainda sem  
 direção  
 que vai se definindo  
 durante o trajeto  
 poderia começar situando o tempo e o espaço  
*contexto* hoje é quarta-feira dia 27 de novembro  
 e estamos no 3º andar do centro maria antonia  
 também faria uma pergunta  
 nesse caso *com quem estou falando aqui hoje?*  
 (GARCIA, 2014, p.11)

O princípio do poema *Blind Light*, de Marília Garcia, conceptualiza uma série de imagens, convidando o leitor a pensar a criação poética. Os critérios para iniciar o texto são eleitos verso a verso, e sugerem a delimitação do momento, do lugar e do interlocutor, construindo, assim, uma cena a que o indivíduo seria capaz de “assistir” durante sua experiência de leitura. Logo, acompanhar o trajeto linguístico proposto é também observar o processo criativo do eu lírico, que permite ao leitor imergir na atmosfera poética construída na introdução da cena.

A delimitação de todo esse universo contextual é realizada de uma forma singular, pois utiliza-se de itens dêiticos para situar discursivamente o momento e questionar a provável interlocução do poema. Para além das informações acerca da época e de um possível interlocutor, esses elementos dão acesso à perspectiva do enunciador, sua experiência sociocultural e a influência desses fatores na dinâmica da interação. Por meio dos dêiticos, captamos intenções, posições sociais, a relação entre os participantes do discurso e a maneira como o falante adapta suas escolhas linguísticas de acordo com o contexto apresentado.

Não é à toa que a dêixis é um dos temas caros às diversas áreas da linguística. Uma síntese ainda relevante, embora inevitavelmente desatualizada, pode ser encontrada no Manual de Pragmática, de Levinson (1983), que apresenta um capítulo dedicado a estudos realizados sobre o fenômeno. Entre eles estão os trabalhos de Fillmore (1975) e de Lyons (1977), que desenvolveram categorizações para a ampla gama de manifestações dêiticas. Esses autores observam que a dêixis pode estar associada a diferentes aspectos da comunicação, tais como às entidades que participam da situação comunicativa (dêixis de pessoa), o momento em que o enunciado ocorre (dêixis de tempo) e o local em que ocorre a interação (dêixis de lugar). Brown e Levinson (1979) também notaram a influência do recorte

social (dêixis social) na elaboração do discurso, ao analisarem a interferência das relações sociais na codificação linguística, representada pelo uso de certos pronomes pessoais, formas de tratamento e títulos honoríficos. A organização textual também seria guiada por elementos dêiticos (dêixis discursiva), conforme propôs Fillmore (1975) ao abordar os diferentes elementos linguísticos que auxiliam na estruturação discursiva.

Como se vê, os trabalhos anteriores investigaram as dinâmicas interacionais presentes nas manifestações mais centrais do fenômeno. Em contrapartida, casos mais periféricos, como a dêixis de pessoa genérica – foco deste trabalho – foram relativamente pouco explorados ao longo dos anos. Esse cenário, porém, começa a mudar a partir da proposta cognitivista de Marmaridou (2000). A autora desenvolve um trabalho abrangente, incluindo também casos atípicos de dêixis, como o da genericidade dos dêiticos de pessoa. Ela defende que nem sempre os pronomes pessoais designam as entidades do contexto imediato, podendo extrapolar o universo do aqui-e-agora. Marmaridou (2000, p. 76) aponta essa tendência nos pronomes *you* e *we* do inglês:

(1) You can never tell what youngsters actually want nowadays.<sup>1</sup>

(2) We lived without really knowing why.<sup>2</sup>

Ao não codificarem os participantes da cena – função canônica dos dêiticos de pessoa – os pronomes *you* e *we* assumem a função sujeitos genéricos, promovendo a impessoalização dos referentes expostos nos enunciados. Entretanto, esse novo papel não seria desempenhado da mesma forma por todos os dêiticos, visto que algumas expressões não se alternariam entre outras manifestações genéricas – como, no caso do inglês, pela palavra *people* – sem uma mudança de significado. A partir dessas reflexões, a autora postula que o fenômeno envolve graus de impessoalidade, com alguns termos sendo mais generalizantes e, conseqüentemente, mais facilmente substituíveis, do que outros. Marmaridou (2000, p.77) ilustra essa premissa a partir do seguinte caso:

(3) You beat the eggs until fluffy.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Você nunca sabe o que os jovens querem hoje em dia. (Tradução própria).

<sup>2</sup> Nós vivíamos sem realmente saber o porquê. (Tradução própria).

<sup>3</sup> Você bate os ovos até ficarem fofos. (Tradução própria).

Na ocorrência em (3), a linguista afirma que o *you* faz referência a um interlocutor *quase-genérico* (MARMARIDOU, 2000, p.76), pois, embora não esteja presente no momento da enunciação e nem seja identificável, trata-se de alguém interessado em executar uma receita. Contudo, diante do contexto estabelecido, a substituição do pronome por outro termo impessoal implicaria uma perda de sentido específica do gênero textual receita culinária. Isso se deve ao objetivo comunicativo associado a esse tipo de enunciado, que pretende ensinar um leitor que aprecia, ou quer, cozinhar. Diante disso, a alternância entre o pronome *you* e outra expressão de sentido similar torna-se inviável, pois comprometeria a dinâmica interacional do gênero.

A discussão proposta por Marmaridou (2000) acerca da genericidade dos dêiticos de pessoa impulsionou o desenvolvimento de inúmeros estudos no campo da Linguística Cognitiva. Dentre eles, os trabalhos de Ferreira (2006), Anúnciação (2009) e Fontes (2017) – detalhados no segundo capítulo desta pesquisa –, que se destacaram ao explorarem o fenômeno no português brasileiro (PB) e expandirem a investigação para outros dêiticos atípicos. No entanto, ainda há questões instigantes sobre esse fato linguístico que permanecem inexploradas. Uma delas refere-se à diferença entre os usos genéricos dos pronomes *eu* e *você*. Ambos expressam indeterminação de maneira bastante similar, sugerindo até mesmo uma possível intercambialidade. Entretanto, ao considerarmos o Princípio da Não-sinonímia (GOLDBERG, 1995), reconhecemos que as distinções formais dessas duas manifestações linguísticas já pressupõem diferenças semântico-pragmáticas. Nesse sentido, quais nuances conceptuais inerentes a essas expressões ainda não teriam sido identificadas?

Guiado por esse questionamento, este estudo cognitivista objetiva analisar a estrutura subjacente aos usos genéricos dos dêiticos pessoais *eu* e *você* do PB e definir em que consiste a diferença conceptual entre eles. Aqui, na esteira de Marins, Soares da Silva e Duarte (2017), tratamos como genéricos os pronomes pessoais que não particularizam os participantes de um enunciado, referindo-se a um conjunto indeterminado de entidades. Nesse contexto, buscamos manifestações periféricas, capazes de apontar para entidades que ultrapassam o contexto imediato de comunicação. A fim de ilustrar melhor o objeto de nossa investigação, apresentamos os seguintes exemplos<sup>4</sup>:

---

<sup>4</sup> Os exemplos (4) e (5) são de elaboração própria e foram criados apenas para ilustrar os conceitos discutidos. Ademais, destacamos que os dados efetivamente analisados neste estudo provêm de uma amostra de fala espontânea, o que garante a autenticidade das interações linguísticas examinadas.



(4) Minha vida mudou quando comecei a me organizar, vi uma mudança real. A gente começa com coisas simples e vai evoluindo para maiores. Mas será que **EU** vou demorar muito para manter uma nova rotina? Gente, não importa. O importante é começar.

(5) Eu nunca esbarrei no carro de ninguém. Mas acho que, quando **VOCÊ** faz algo assim, tem que entrar em contato com a pessoa prejudicada.

Os trechos expostos discorrem sobre assuntos distintos e apresentam, respectivamente, manifestações do *eu* e do *você* genéricos. No excerto (4), o enunciador discursa sobre organização e argumenta a favor do tema, incentivando o seu provável interlocutor a também se engajar no estabelecimento de uma nova rotina. Nessa sequência, o pronome pessoal *eu* desempenha uma função diferente da prevista pelos estudos tradicionais: em vez de identificar o falante da interação, ele faz referência a uma entidade hipotética, ausente do contexto imediato, mas que está atrelada a um debate sobre hábitos, como proposto pelo enunciador.

Já no trecho (5), o falante comenta uma situação de acidente de carro e opina sobre como o responsável pelo dano deve proceder. Observamos que esse último comentário também não é direcionado a um interlocutor específico, atribuição canônica do dêitico pessoal *você*, mas sim a um participante que vai além do escopo do aqui-e-agora. Esse uso evidencia uma opinião do falante, que acredita que entrar em contato com o indivíduo afetado pela colisão do automóvel é obrigação do responsável pelo dano. Portanto, o enunciador apresenta a sua visão subjetiva como uma norma universal e aplicada a indivíduos não particulares que estejam, potencialmente, na situação mencionada.

É justamente a partir de cenários como os expostos por (4) e (5) que observamos a base semântica comum dessas expressões (apontam para um conjunto indeterminado de indivíduos) e a distinção entre elas (o vínculo com o significado prototípico desses pronomes). Em outras palavras: ainda que os dêiticos *eu* e *você* estabeleçam uma referência genérica similar, a conexão desses elementos com seus significados canônicos evidencia a natureza de suas diferenças conceptuais. Essas observações podem ser traduzidas nas seguintes hipóteses: (i) o *eu* genérico estabelece uma referência indeterminada ancorando-a a uma entidade determinada, qual seja, o falante; (ii) e o *você* genérico estabelece uma referência indeterminada vinculando-a a uma entidade determinada, qual seja, o ouvinte.

As premissas anteriores surgiram a partir da primeira etapa de nosso trabalho, de caráter qualitativo e exploratório. Nessa fase, coletamos uma série de dados de fala espontânea, provenientes de vídeos do *Youtube* que apresentavam um discurso marcadamente dialógico, formato que, em tese, seria propício para a aparição dos dêiticos pessoais. A partir das observações das ocorrências, percebemos a existência de uma relação entre o uso dos pronomes e a experiência dos interlocutores.

Desse modo, com o auxílio do aparato teórico fornecido pela Linguística Cognitiva, com ênfase na expansão e reformulação da Teoria de Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994) oferecida pela *Basic Communicative Spaces Network* (SANDERS, SANDERS, SWEETSER, 2009; FERRARI, SWEETSER, 2012), elaboramos uma análise acerca da estrutura conceptual dos enunciados investigados. A opção por esse modelo expandido justifica-se pela sua capacidade de explicar como ocorrem as representações mentais envolvidas na construção de uma referência genérica, ao representá-la conceptualmente considerando os cenários semântico-pragmáticos em que ela é estabelecida, e, ao mesmo tempo, capturar as marcas cognitivas herdadas do uso canônico dos dêiticos.

A segunda etapa de nossa investigação consistiu em uma abordagem quantitativa e experimental, na qual buscamos verificar empiricamente a hipótese (i), referente ao *eu* genérico. A opção por testá-la especificamente deve-se às pistas contextuais da amostra, que revelavam uma tendência de uso intrínseca à experiência do falante. Além disso, o número de ocorrências desse dêitico era consideravelmente menor se comparado as do *você* genérico – o que também foi um fator determinante para que buscássemos por evidências mais robustas. Nessa perspectiva, implementamos um experimento off-line de escolha forçada, que contou com a participação de 60 estudantes de graduação. Nossa previsão era de que o *eu* genérico seria o menos escolhido diante de contextos em que o enunciador expunha a sua inexperiência diante do assunto debatido. Como se verá adiante, não apenas confirmamos essa previsão, como também obtivemos resultados indiretos a respeito da relação do *você* genérico com o tipo de contexto avaliado.

## 1.2 Estrutura do trabalho

O próximo capítulo abordará a fundamentação teórica deste trabalho. Nele, será apresentado o paradigma cognitivista como base de nossa investigação, com sua agenda dedicada à compreensão dos processos mentais subjacentes às manifestações linguísticas. Em seguida, introduzimos o corpo teórico da primeira fase de nossa análise: a abordagem inovadora proposta pela Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994; SANDERS, SANDERS, SWEETSER, 2009; FERRARI, SWEETSER, 2012). Além disso, elaboramos uma síntese de trabalhos relacionados ao nosso objeto (LEVINSON, 1983; LYONS, 1977; MARMARIDOU, 2000; FERREIRA, 2006; ANUNCIACÃO, 2009; FONTES, 2017).

Após esse panorama conceitual, destinamos o capítulo 3 à seção de metodologia e análise da primeira etapa de nossa investigação. Detalhamos o percurso adotado durante a primeira fase da condução da pesquisa, quais sejam: a análise de dados de fala espontânea, na qual sondamos as manifestações do fenômeno em seu ambiente real e postulamos as hipóteses do estudo; e a representação dos dados obtidos por meio das ferramentas oferecidas pela BCSN.

Na sequência, o capítulo 4 trata da abordagem experimental. Nessa seção, expomos a trajetória metodológica – organização geral do experimento, os materiais, os procedimentos empregados, perfil dos participantes, previsão experimental – e discutimos os resultados obtidos. Nessa seção, atestamos o vínculo cognitivo entre o significado prototípico do *eu* e seu uso genérico.

Por fim, o capítulo 5 retoma os principais achados de nossa tese, ao mesmo tempo em que reflete sobre a estrutura conceptual vislumbrada com o auxílio da BCSN, os resultados experimentais alcançados e a avaliação das possibilidades de desdobramentos futuros em relação ao objeto.

## 2. LINGUÍSTICA COGNITIVA E A ABORDAGEM DA DÊIXIS

Neste capítulo, apresentaremos um breve panorama acerca do surgimento da Linguística Cognitiva, seu impacto nos estudos linguísticos, sua heterogeneidade enquanto um empreendimento teórico diverso e sua relação com o objeto de estudo deste trabalho. Em seguida, elaboramos uma síntese da Teoria de Espaços Mentais (TEM), fundamentada nos estudos de Fauconnier (1994) e no apanhado de Ferrari (2011). Discutimos a sua relevância para a vertente cognitivista, ao propor uma abordagem inovadora e dinâmica para a compreensão dos processos conceptuais subjacentes aos usos linguísticos. Sua versão mais recente, referida como *Basic Communicative Spaces Network* (BCSN), proposta por Sanders, Sanders e Sweetser (2009) e por Ferrari e Sweetser (2012), será apresentada na sequência. A ideia é demonstrar como essa proposta integra questões pragmáticas e cognitivas relevantes para a análise linguística, proporcionando uma visão holística do papel do enunciador no evento de fala, como sujeito de intenções e escolhas discursivas. Essas reflexões teóricas relacionam-se diretamente com nosso objeto de estudo e com a análise desenvolvida no próximo capítulo. Assim, por último, procedemos a uma revisão de literatura sobre as dêixis, a partir dos trabalhos de Levinson (1983), Lyons (1977), Marmaridou (2000), Ferreira (2006), Anunciação (2009) e Fontes (2017). Essa seção tem como objetivo apresentar uma síntese das principais contribuições teóricas de cada autor sobre o fenômeno investigado e sua relevância dentro do paradigma cognitivista.

### 2.1 Linguística Cognitiva: um panorama pela história

O termo *linguística cognitiva* já era familiar ao cenário internacional desde a década de 60 (FERRARI, 2011, p.13); no entanto, foi apenas nos anos 80 que houve a consolidação do que viria a ser um vasto e diverso campo teórico. O marco temporal para a institucionalização desse domínio de investigação data do ano de 1989, com a realização da Primeira Conferência Internacional de Linguística Cognitiva. Nesse encontro, foi concebida a ideia de uma organização permanente, em que fosse possível a discussão e divulgação de trabalhos dedicados a essa área de estudo. Para tanto, foi criada a Associação Internacional de Linguística Cognitiva (ICLA, na sigla em inglês), em que se divulgou o lançamento da revista *Cognitive Linguistics*, cujo primeiro número foi lançado em 1990. Este momento consolidou esse caminho teórico, que apresentou inúmeras perspectivas analíticas no estudo do significado.

Dentre os nomes mais expressivos do momento inaugural dessa nova corrente de pensamento, destacam-se George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier. Embora compartilhassem do viés cognitivista intrínseco à teoria gerativa, esses pesquisadores criticavam o tratamento dado pelo modelo aos domínios da semântica e da pragmática. Para eles, o sentido não estava contido em si mesmo, nem era um reflexo da realidade, como pressupunha a semântica formal, em que o significado é compreendido enquanto uma representação direta do mundo (ou de algum mundo possível). Para os estudiosos da Linguística Cognitiva (LC), o conteúdo semântico era uma construção conceptual baseada na experiência do sujeito, seu contexto cultural e na natureza dinâmica da interação.

Ao defenderem que o conhecimento linguístico vai além da mera forma, os linguistas dessa nova área de investigação distanciaram-se da visão gerativa sobre a modularidade da mente. Como é de conhecimento geral, o gerativismo sustenta a existência de um módulo mental dedicado à linguagem que seria independente dos outros domínios cognitivos (memória, categorização, raciocínio lógico, etc). Ademais, há o destaque para a sintaxe como um módulo que se organiza a partir de princípios próprios e independentes daqueles que orientam os demais módulos, como o semântico e o fonológico. A Linguística Cognitiva surge como contraponto para esses postulados, argumentando que a habilidade linguística estaria atrelada aos mais diversos processos cognitivos, tais como a categorização, o estabelecimento de relações analógicas, a capacidade de focalização e de mudança de perspectiva, entre outros. Resumidamente, a conceptualização associada à linguagem envolveria as mesmas operações cognitivas que o processamento de outros tipos de conhecimento, como aprender a andar de bicicleta, a dirigir, ou montar um quebra-cabeças, por exemplo.

Observa-se, portanto, o interesse dos estudiosos da LC pelas habilidades cognitivas que cercam a construção do significado, o que nos leva a outro destaque nessa perspectiva teórica: a opção por uma semântica subjetivista. Sob essa ótica, o sujeito conceptualizador, responsável pela construção do conteúdo conceptual, é tão relevante quanto o objeto conceptualizado. Dessa forma, há a inquietação investigativa por mecanismos como o deslocamento de perspectiva, a inversão de figura e fundo, a diminuição e aumento de *zoom*, entre outros.

Embora compartilhem pontos convergentes, as teorias associadas à Linguística Cognitiva não formam um grupo homogêneo. De fato, Geeraerts (2006, p.2) defende que a LC deve ser vista como um vasto “arquipélago”, e não simplesmente uma “ilha”, uma vez que

não se trata de um território único e claramente delimitado, mas de um conjunto bastante heterogêneo de possibilidades analíticas. Em outras palavras, essa metáfora enfatiza que a LC é composta por várias abordagens mais ou menos independentes, isto é, trata-se de um empreendimento teórico que, embora inter-relacionado, mantém suas próprias características e métodos.

O conjunto de ilhas explorado por Geeraerts (2006, p.2) é composto por pelo menos doze domínios teóricos. São eles: a Gramática Cognitiva; a Teoria dos Protótipos; a Teoria da Metáfora Conceptual; a Semântica de *Frames*; a Gramática de Construções; a Imagética convencional, a Teoria dos Espaços Mentais; os Modelos baseados no uso, o Modelo de Categorização Radial. Obviamente, este capítulo não abordará todas essas “ilhas teóricas”, concentrando-se apenas naquelas relacionadas ao nosso objeto de estudo.

Como se vê, a pluralidade de “ilhas” que integram o arquipélago cognitivista revela um território repleto de abordagens e ferramentas únicas, destinadas a analisar diferentes aspectos do significado. Diante disso, as próximas duas seções serão dedicadas à “ilha” conhecida como Teoria de Espaços Mentais, incluindo sua versão clássica (FAUCONNIER, 1994; FERRARI, 2011) e sua versão mais recente, referida como *Basic Communicative Spaces Network* (SANDERS, SANDERS E SWEETSER, 2009; FERRARI E SWEETSER, 2012). O objetivo é destacar os aspectos mais relevantes dessas teorias e como elas se alinham à investigação dos dêiticos pessoais genéricos *eu* e *ocê*.

## 2.2 A Teoria dos Espaços Mentais

A Teoria dos Espaços Mentais emergiu no âmbito da Linguística Cognitiva como uma abordagem teórica pioneira no tratamento da referenciação. Ela oferece ferramentas eficazes para lidar com questões relacionadas à ambiguidade, pressuposição, opacidade referencial, e às complexidades inerentes à contrafactualidade. Segundo Fauconnier (1994), essas manifestações linguísticas eram analisadas, em sua maioria, de maneira ineficiente, resultando em análises intrincadas e pouco enxutas. O aparato teórico disponível na época, fundamentado em uma semântica vericondicional, mostrava-se insuficiente para esclarecer as particularidades conceituais que se encontravam abaixo da “ponta do iceberg” (FAUCONNIER, 1994, p.3) do significado linguístico. O autor ressalta que a construção de sentido envolve operações cognitivas profundas, em que uma série de analogias, inferências e esquemas mentais são estabelecidos em interação e sustentados pelo conhecimento enciclopédico acumulado e compartilhado.

Nesse contexto, um caso problemático para as teorias formais pode ser ilustrado, conforme Fauconnier (1994, p.49), pelo seguinte exemplo:

(6) Oedipus believes he will marry his mother.<sup>5</sup>

A sentença acima apresenta uma ocorrência de ambiguidade referencial, da qual é possível depreender dois sentidos distintos. No primeiro, o sujeito Édipo não sabe quem é a sua mãe, mas crê que se casará com a sua genitora desconhecida; já no segundo, Édipo considera que vai se casar com uma mulher que ele acredita ser sua mãe. Para desfazer essa dubiedade, as teorias tradicionais, inicialmente, buscavam analisar os enunciados a partir de critérios de verdade ou falsidade e por meio de substituição de idênticos. Se uma proposição fosse verdadeira, ela poderia ter o elemento causador de ambiguidade substituído por um item semelhante, sem a perda de seu valor de verdade. Entretanto, essa técnica torna-se limitada, na medida em que casos como (6) não podem ser explicados de acordo com esse modelo. Se substituirmos a expressão *her mother*, da segunda interpretação, por *Jocasta*, isso anulará o valor de verdade da proposição inicial, não sendo possível, assim, analisar esse tipo de enunciado nesses termos.<sup>6</sup>

Para dar conta desses questionamentos, Fauconnier (1994) introduz o conceito de *espaço mental*. Esse constructo teórico diz respeito a domínios conceptuais temporários e flexíveis, elaborados e modificados no decorrer da interação. Esses espaços são estruturas capazes de descrever entidades e suas relações com o cenário percebido, imaginado ou recordado (FERRARI, 2011). Nessa perspectiva, o discurso é ancorado no que se denomina Espaço Base, que corresponde à situação comunicativa imediata – momento de enunciação, falante, ouvinte e lugar. A partir do Espaço Base, outros espaços mentais são gerados para armazenar informações ausentes do aqui-e-agora, como referências ao futuro ou passado, a contextos hipotéticos, a cenários imaginários, etc.

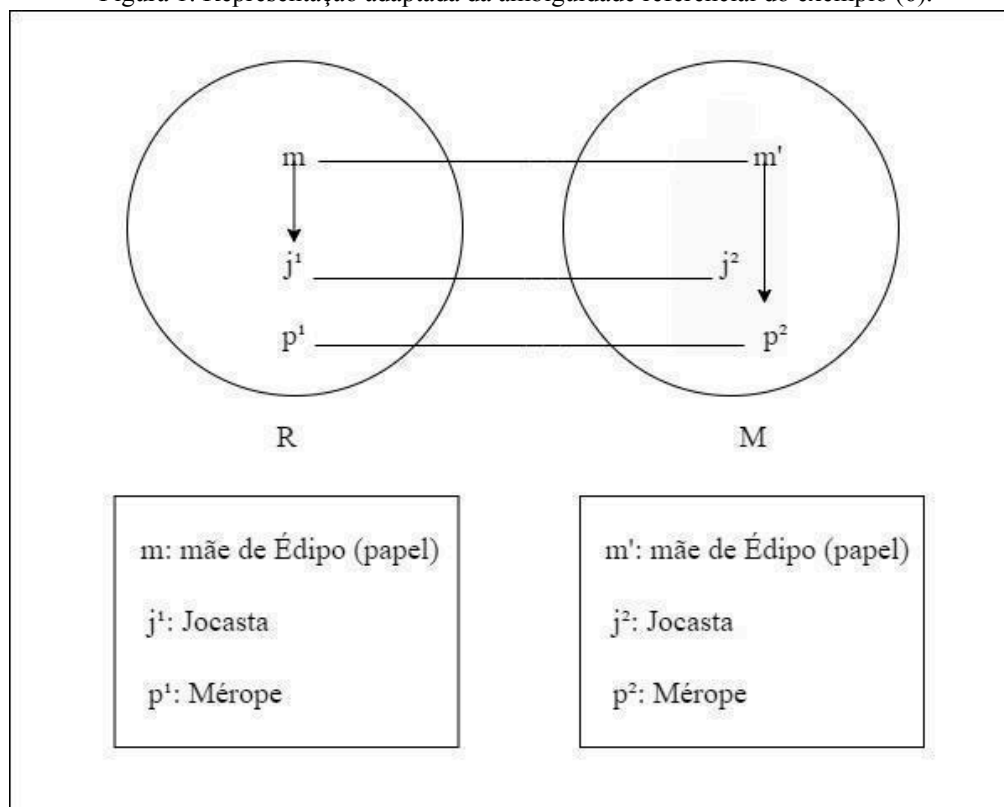
---

<sup>5</sup> Édipo acredita que vai se casar com sua mãe. (Tradução própria).

<sup>6</sup> Uma solução encontrada pelos teóricos implica na alegação de *mundos possíveis* (FAUCCONNIER, 1994, p.11). De acordo com essa proposta, haveria dois tipos de realidades: uma onde seria plausível que Édipo não soubesse quem seria sua mãe, mas acreditasse que se casaria com ela; e outra na qual o herói trágico tem ciência de que a mulher que ele acredita ser sua mãe será a sua esposa. Contudo, essa abordagem foi bastante questionada por sua natureza abstrata, uma vez que as análises da época eram ancoradas aos acontecimentos do mundo real e em uma semântica vericondicional. Dessa forma, o conceito de *mundos possíveis* mostra-se insuficiente dentro da própria abordagem realista, que concebe o significado por meio da verificação da validade do conteúdo expresso e por meio dos instrumentos da lógica formal.

De forma similar ao conceito matemático de conjuntos, a formação de um espaço mental ocorreria por meio da projeção de elementos entre domínios conceituais. Cada espaço apresentaria um número determinado de itens que, por meio do Princípio de Identidade, teriam a sua correspondência estabelecida em uma contraparte. A representação adaptada do exemplo (6), proposta por Fauconnier (1994, p.50), demonstra as operações envolvidas nesse processo:

Figura 1: Representação adaptada da ambiguidade referencial do exemplo (6).



Fonte: Fauconnier (1994, p.50).

Na representação anterior, temos o espaço  $R$ , correspondente ao espaço de Realidade ou Base, onde ocorrem os acontecimentos do mundo real; e o espaço  $M$ , que contém as crenças de Édipo. Cada um desses domínios está associado a significados distintos para o enunciado ambíguo em (6): em  $R$ , Édipo não sabe quem é sua mãe, mas sabe que se casará com sua genitora; e em  $M$ , o herói pensa que a mulher que ele acredita ser sua mãe será sua esposa. O espaço  $R$  exibe o item  $m$ , correspondente ao sintagma *his mother*, e sua contraparte em  $M$ ,  $m'$ ; ainda no Espaço Base, temos os elementos  $j^1$  e  $p^1$ , conectados às suas devidas contrapartes em  $M$ ,  $j^2$  e  $p^2$ . Esses itens equivalem, respectivamente, a Jocasta, mãe biológica



de Édipo, e a Mérope, mulher que o criou (na tragédia grega, o protagonista é encontrado e adotado por uma outra família).

Observa-se que, no espaço  $R$ , o papel de mãe de Édipo está associado ao item referente a Jocasta. Essa representação demonstra o primeiro sentido de (6), em que todos sabem quem é a mãe biológica do herói, enquanto ele ignora esse fato. Já no espaço  $M$ , o papel da mãe, identificado pelo item  $m'$ , projeta-se até o item  $p^2$ , correspondente a Mérope, mãe de criação de Édipo. Essa configuração ilustra a crença do protagonista a respeito de quem ele acreditava ser sua genitora, já que ele desconhece sua condição de filho adotivo.

Na prática, as operações expostas anteriormente permitem o fracionamento da informação por meio do estabelecimento de relações referenciais em domínios conceptuais alternativos. O que provoca a emergência desses espaços são determinadas expressões, tais como orações condicionais, sintagmas preposicionais, certos tipos de morfemas, entre outros. A elas dá-se o nome de construtores de espaços mentais, ou *space builders*, elementos responsáveis pelo surgimento de novas bases conceptuais, onde são projetadas as informações entre os domínios.

Uma classificação didática dos aspectos semânticos dos construtores de espaços mentais foi proposta por Ferrari (2011, p.111-112):

Quadro 1: Tipologia de espaços mentais.

<b>Tipos de espaço mental</b>	<b>Exemplos</b>
Espaços geográficos	<i>Naquela praça, as árvores estão floridas.</i>
Espaços temporais	<i>Quando o inverno chegar, eles viajarão.</i>
Espaços condicionais	<i>Caso o time perca o jogo, vai ser rebaixado.</i>
Espaços contrafactuais	<i>Quem dera que não houvesse guerras!</i>
Espaços de representação	<i>Naquele filme, o rei é um tirano.</i>
Espaços de domínios de atividade	<i>Na medicina chinesa, usam-se remédios à base de ervas.</i>

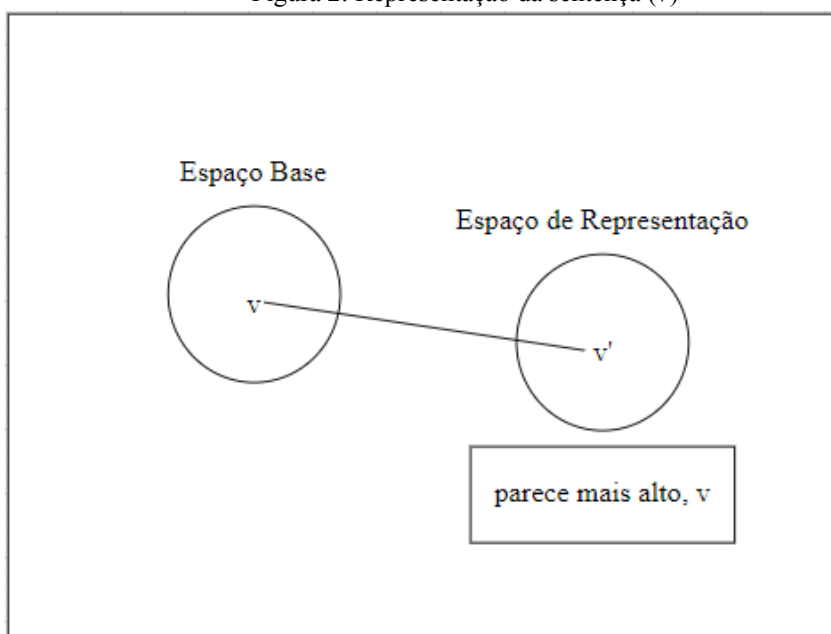
Fonte: Ferrari (2011, p.111-112).

Nas sentenças da tabela anterior, os sintagmas em itálico são os construtores de espaços mentais. A partir deles, são compostos universos conceptuais alternativos em relação ao domínio de referência, ou seja, o Espaço Base. À luz dos conceitos apresentados, analisemos o seguinte enunciado:

(7) *Nessa foto*, você parece mais alto.

Nesse exemplo, o construtor de espaço é o sintagma *Nessa foto*, que projeta um domínio de representação. Observe o diagrama abaixo:

Figura 2: Representação da sentença (7)



Fonte: Elaboração própria.

A estrutura apresenta dois *você*s, correspondentes aos elementos  $v$  e  $v'$ . O primeiro, inserido no Espaço Base, reflete o indivíduo no mundo, ou seja, o modo como ele é conceptualizado a partir da realidade. O segundo, pertencente ao Espaço de Representação, é construído a partir do sintagma *Nessa foto*. Este captura a ideia de que, em uma certa fotografia, seu interlocutor aparentava ter uma altura diferente.

O modelo também se propõe a tratar casos de referências anafóricas, bem como questões envolvendo modo e tempos verbais. Vejamos alguns exemplos das respectivas ocorrências:

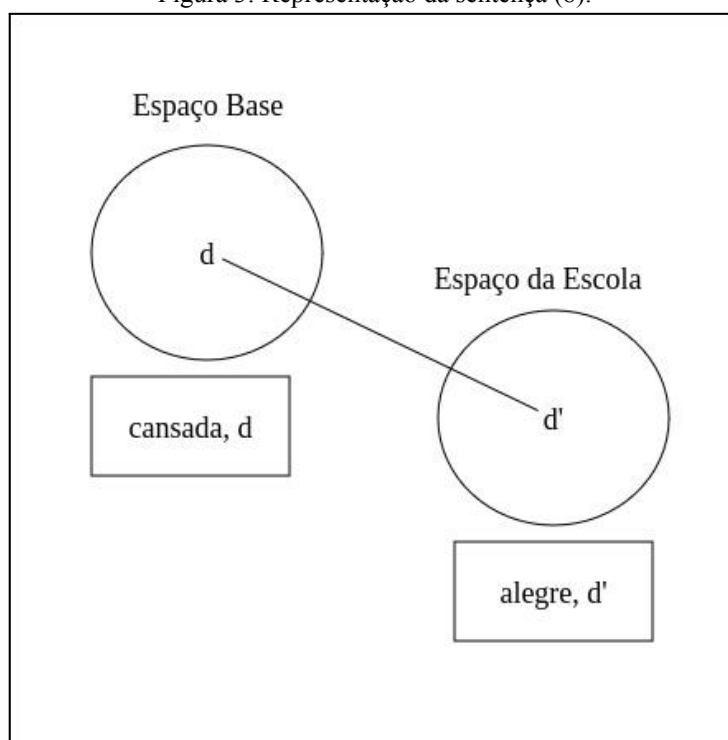
(8) Dandara está cansada, mas na escola ela está sempre alegre.

(9) Dalva quer contratar uma professora que é americana.

(10) Dalva quer contratar uma professora que seja americana.

A sentença (8) apresenta uma referência anafórica criada pelo constructo *na escola*. Esse mecanismo cognitivo estabelece um espaço mental geográfico, na medida em que promove a conceptualização de um local onde *Dandara* expressa emoções distintas daquelas observadas usualmente:

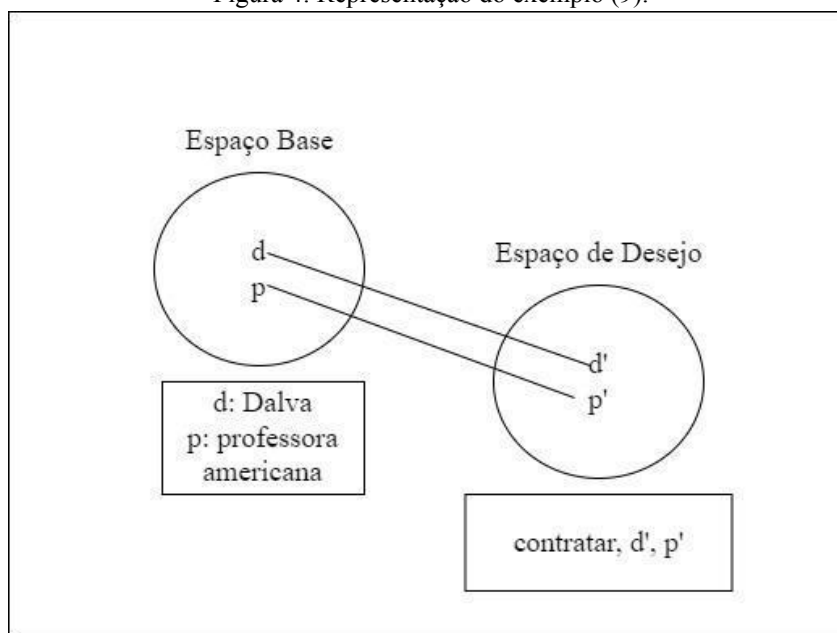
Figura 3: Representação da sentença (8).



Fonte: Elaboração própria.

No enunciado (9), o referente *professora*, representado como *p* e *p'* nos diferentes espaços, é associado ao adjetivo *americana* como uma contraparte definida. Isso reflete o sentido construído pela sentença, que sugere que Dalva não contratará uma americana qualquer, mas que já tem alguém específico em vista. Vejamos:

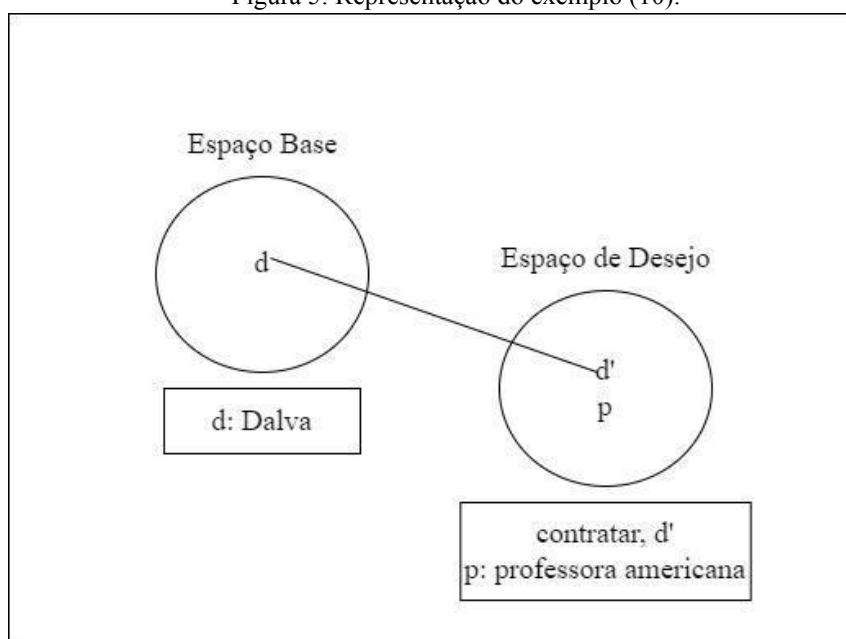
Figura 4: Representação do exemplo (9).



Fonte: Elaboração própria.

Tanto o exemplo (9) quanto o (10) abrem um Espaço de Desejo, evocado pelo verbo *quer*. Contudo, a sentença (10) revela um sentido distinto, devido ao modo como o verbo *ser* está flexionado. Na situação comunicativa, a personagem almeja contratar uma professora cuja característica principal é a nacionalidade americana, independentemente de sua identidade. Em outras palavras, trata-se aqui de uma profissional inespecífica. Portanto, o enunciado (10) é representado da seguinte forma:

Figura 5: Representação do exemplo (10).



Fonte: Elaboração própria.

Como foi ilustrado pelos exemplos anteriores, a Teoria de Espaços Mentais implementa uma forma singular e enxuta de explicar uma ampla gama de fenômenos linguísticos. Entretanto, a proposta de Fauconnier (1994), como se observou mais tarde, apresentava algumas limitações, dentre as quais o fato de não distinguir explicitamente o conteúdo comunicado do *ground* comunicativo. Esse impasse levou ao surgimento de uma abordagem revisada, conhecida como *Basic Communicative Spaces Network* (SANDERS, SANDERS E SWEETSER, 2009; FERRARI E SWEETSER, 2012). Essa nova versão da TEM buscou superar as restrições observadas na proposta original, oferecendo uma estrutura teórica apta para a análise de outros fenômenos linguísticos complexos.

### 2.2.1 Basic Communicative Spaces Network (BCSN)

Sanders, Sanders e Sweetser (2009) propuseram algumas modificações à versão original da TEM. A principal delas refere-se à distinção entre o Espaço Base e o conteúdo efetivamente comunicado pelo discurso. Na Teoria de Espaços Mentais, os elementos que compõem a interação imediata - os participantes da cena, o momento e o lugar da enunciação - são agrupados no mesmo *local* conceptual que o conteúdo informacional, isto é, no Espaço Base. No entanto, a permanência desses elementos em um mesmo espaço mental apresenta um impasse analítico à medida que existem diferenças cruciais entre as informações comunicadas e os papéis desempenhados pelas entidades do discurso.

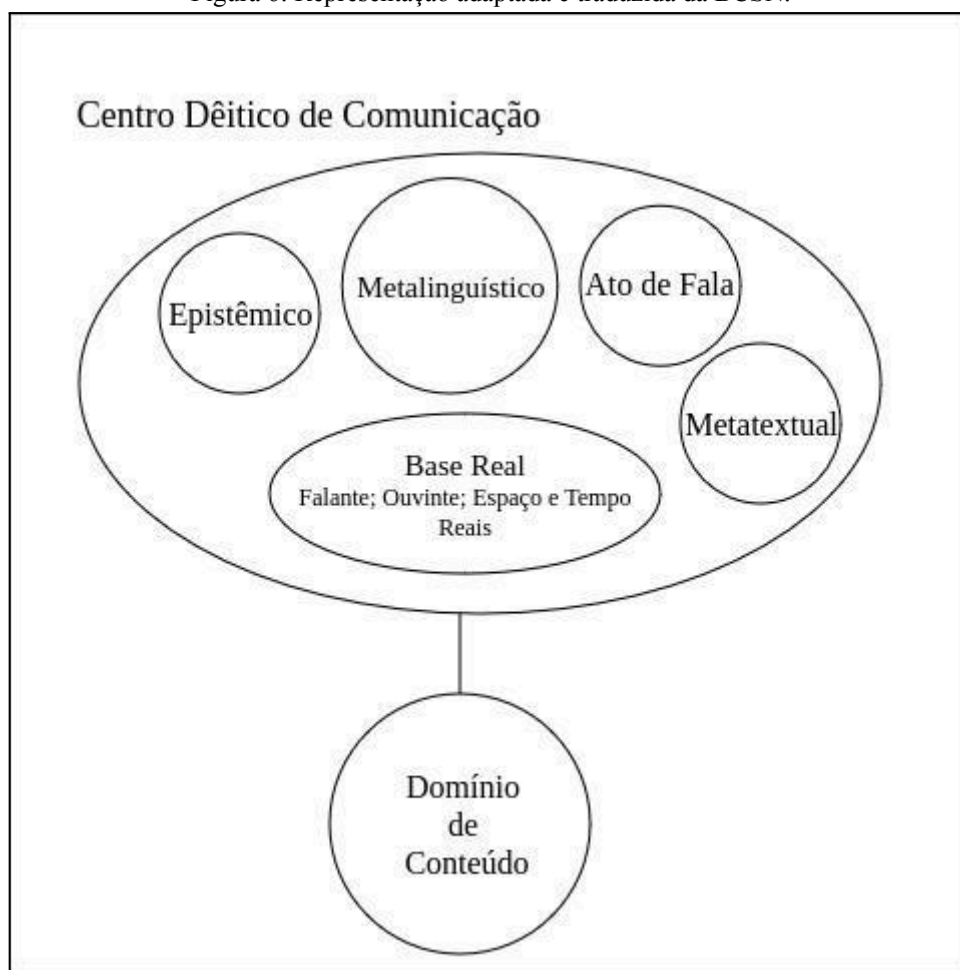
Assim, os dados referentes aos participantes da situação comunicativa e a todos os aspectos do aqui-e-agora passam a integrar o plano conceptual nomeado como Centro Dêitico de Comunicação (CDC). Ferrari e Sweetser (2012, p.26) referem-se a esse domínio como *ground*, expressão oriunda da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2008) que abrange as entidades discursivas e os eventos relacionados ao momento imediato de enunciação. O segundo plano cognitivo corresponde às informações efetivamente comunicadas e conceptualizadas pelo enunciador, sendo chamado de Domínio do Conteúdo.

Essa reformulação está associada à inovação pragmática proposta pela BCSN. Os autores argumentam que as entidades do momento de interação não seriam meros participantes de uma situação comunicativa, mas, sobretudo, enunciadores com formas de pensar e objetivos comunicativos singulares. Em virtude desse viés multifacetado dos sujeitos da interlocução, argumenta-se que o Centro Dêitico de Comunicação deve incluir um

*conjunto* de espaços mentais; entre eles, inclui-se, pelo menos, um Espaço Epistêmico, que captura os estados mentais do falante e do ouvinte; um Espaço de Ato de Fala, que corresponde ao tipo de evento de fala em questão; um Espaço Metalinguístico, com um repertório de associações simbólicas forma-significado; e um Espaço Metatextual, que registra o histórico conversacional.

Resumindo, a BCSN propõe uma análise na qual o Espaço Base é concebido enquanto uma rede completa, internamente organizada e segmentada. Ao mesmo tempo, ele passa a estar restrito a informações ligadas ao aqui-e-agora comunicativo e aos seus participantes, de modo que o conteúdo efetivamente comunicado é representado em um plano distinto. Nessa perspectiva, Ferrari e Sweetser (2012, p.49) apresentam um esquema em rede que ilustra essas inovações, como se vê abaixo:

Figura 6: Representação adaptada e traduzida da BCSN.



Fonte: Ferrari e Sweetser (2012, p. 49).

Esse modelo traduz o que prototipicamente esperamos de uma interação: um falante e um ouvinte, ou mais entidades, que interagem em um espaço-tempo (Base Real), com pretensões comunicativas (Ato de Fala), sendo propensos a determinados estados mentais (Epistêmico). Para tanto, os interlocutores fazem uso de expressões linguísticas (Metalinguístico) por meio das quais comunicam o que desejam (Conteúdo). No decorrer da interação, o assunto passa a integrar a realidade do falante e do ouvinte, podendo ser acessado (Metatextual). Logo, o conjunto desses diferentes espaços mentais estariam disponíveis para serem acessados mentalmente em qualquer tipo de situação comunicativa, por se tratarem de elementos básicos para o estabelecimento da interação.

Embora esse conjunto de constructos cognitivos seja intrínseco às interações, nem todos os fenômenos linguísticos evocam todos eles. Na verdade, para a descrição de cada elemento gramatical específico, a situação típica é que apenas um subconjunto de espaços do CDC seja diretamente relevante. Tendo isso em mente, nem todos os espaços mentais apresentados estarão inseridos em nossa análise; afinal, estamos lidando aqui com um caso particular de genericidade (ou quase-genericidade), que evoca questões pragmáticas e discursivas específicas.

Por se tratar de um fenômeno particular que envolve aspectos conceptuais e pragmáticos, a dêixis – aí incluída a dêixis genérica – será o tema da próxima seção. Apresentaremos uma breve revisão da literatura, a fim de compreender como essa categoria foi explorada tradicionalmente (LEVINSON, 1983; LYONS, 1977) e como ela tem sido analisada em trabalhos atuais e relevantes na Linguística Cognitiva (MARMARIDOU, 2000; FERREIRA, 2006; ANUNCIAÇÃO, 2009; FONTES, 2017).

### **2.3 A dêixis: primeiras reflexões**

Levinson (1983), em seu manual de Pragmática, argumenta que o vínculo entre língua e contexto é manifestado por determinadas expressões linguísticas, as quais qualificamos como dêiticas. O termo tem origem grega e significa *apontar* ou *indicar*, apresentando como exemplares mais prototípicos os pronomes demonstrativos, os pronomes de primeira e segunda pessoa (singular e plural), advérbios de lugar, tempo e diversas outras construções linguísticas que podem estar atreladas ao aqui-e-agora.

Fundamentalmente, a dêixis codifica linguisticamente as entidades e as circunstâncias envolvidas no ato de fala, sejam elas os participantes, o lugar ou o momento da enunciação. Assim, pronomes pessoais como o *eu*, por exemplo, não identificam o mesmo sujeito nem se referem a uma mesma pessoa em todas as situações comunicativas, mas ancoram, de acordo com cada novo contexto, o indivíduo que está dominando certo turno de fala em um dado momento. Devido a esse caráter contextual, Levinson (1983) propõe que o fenômeno dêitico estaria localizado em algum ponto intermediário de um *continuum* semântico-pragmático, pois, embora se materialize nos enunciados por meio de estruturas linguísticas específicas, ele não poderia pertencer somente ao campo de estudo da semântica, uma vez que as informações contextuais são primordiais para a sua interpretação.

A esse respeito, vale ressaltar que a importância da informação contextual é vislumbrada, principalmente, quando estamos diante de sua ausência. Levinson (1983, p.54) ilustra bem essa situação com o exemplo a seguir:

(11) I'll be back in an hour.<sup>7</sup>

A sentença anterior representa um aviso exposto na porta de um escritório. Sua interpretação torna-se problemática, à medida que não se sabe quando o recado foi escrito, gerando um desencontro comunicativo, em especial, para aqueles que, porventura, irão até esse local. Assim, todos que lerem o enunciado, não saberão exatamente qual será o momento de retorno do funcionário. Algo similar acontece ao analisarmos o seguinte exemplo:

(12) Me encontre aqui quando acabar a prova.

Imaginemos que o segmento (12) está escrito em um bilhete dentro de um envelope encontrado no meio da rua. Não sabemos *quem* devemos encontrar, ou *onde*, ou exatamente *quando*, e nem qual prova seria essa, visto que os dados essenciais que contemplariam essas lacunas informacionais estão ausentes do segmento discursivo.

Os exemplos anteriores reiteram o viés pragmático próprio da dêixis, por tratar-se, sobretudo, de um fenômeno linguístico associado ao contexto. Essa valorização das informações contextuais vai de encontro aos estudos fundamentados em uma semântica de vericondicionalidade. Levinson (1983, p.55), inclusive, debate essa questão a partir de enunciados que não podem ser avaliados sob tais critérios. Observemos:

---

<sup>7</sup> Voltarei em uma hora. (Tradução própria).



(13) You are the mother of Napoleon.<sup>8</sup>

(14) This is an eighteenth-century man-trap.<sup>9</sup>

(15) Mary is in love with that fellow over there.<sup>10</sup>

(16) It's now 12.15.<sup>11</sup>

A declaração (13) só será válida se soubermos quem é o interlocutor ao qual essa sentença é direcionada, além de detalhes históricos que comprovem o que está exposto. O enunciado (14) só será considerado verdadeiro se o objeto apontado pelo pronome *this* for realmente uma *eighteenth-century man-trap*, isto é, uma armadilha do século dezoito. Em (15), a constatação da paixão de *Mary* pelo homem mencionado só será possível se houver um ponto de referência compartilhado entre os interlocutores – como a posição do falante ou de outros elementos contextuais. Por fim, (16) será verdadeiro apenas se o enunciador tiver feito seu pronunciamento às 12h15.

Cada um dos casos anteriores contrapõe o ideal de uma semântica baseada em condições de verdade, haja vista que esses enunciados não podem ser verificados sem o acesso a informações contextuais. Assim, conhecer a identidade do falante, do ouvinte, o local e o momento de enunciação, dentre outras circunstâncias, é parte essencial de uma análise semântica satisfatória de qualquer língua.

Nessa perspectiva, estabeleceram-se, inicialmente, três categorias canônicas para a classificação da informação dêitica: pessoa, lugar e tempo. A dêixis de pessoa faz referência aos participantes (diretos ou indiretos) do evento interacional, quais sejam, o falante, que é representado pela primeira pessoa; o ouvinte, representado pela segunda pessoa; e outras entidades que não sejam os interlocutores, que corresponderão à terceira pessoa<sup>12</sup>.

A dêixis de lugar diz respeito à localização dos participantes do evento de fala. Pode ser representada por diversas expressões, tais como advérbios de lugar, como *aqui, lá, aí, cá*,

---

<sup>8</sup> Você é a mãe de Napoleão. (Tradução própria).

<sup>9</sup> Esta é uma armadilha humana do século dezoito. (Tradução própria).

<sup>10</sup> Maria está apaixonada por aquele lá. (Tradução própria).

<sup>11</sup> São 12h15 agora. (Tradução própria).

<sup>12</sup> A depender do uso, a terceira pessoa pode ser dêitica ou endofórica. Este último caso é considerado dêitico apenas pelos autores que reconhecem a categoria de “dêixis discursiva”. Voltaremos a esse ponto logo adiante.

entre outros, e pronomes demonstrativos, como *este, esta, aquele, aquela*, etc. Já a dêixis de tempo tem relação com o momento em que o enunciado foi expresso, seja de maneira oral ou escrita. Os exemplares canônicos desse fenômeno discursivo são os tempos verbais, como em *estudo* (presente), *estudei* (passado), *estudarei* (futuro); os advérbios de tempo, como *sempre, hoje, amanhã*; as locuções adverbiais de tempo, como *neste momento, de vez em quando, de noite*, entre outros.

Além dessas três categorias, Levinson (1983, p.89) menciona a dêixis social. Segundo o autor, os papéis sociais dos participantes de uma dada situação comunicativa poderiam ser marcados por pronomes pessoais, formas de tratamento ou títulos honoríficos. Esses recursos linguísticos não apenas delineiam a posição e o papel dos interlocutores dentro de uma interação, mas também refletem normas culturais que impactam a comunicação interpessoal em diversas sociedades ao redor do mundo.

Exemplos dessa categoria dêitica são encontrados em línguas asiáticas, como o coreano, o japonês e o javanês (LEVINSON, 1983, p.90). Nesses idiomas, é praticamente impossível produzir enunciados sem alguma marca linguística que revele algum aspecto do destinatário, mesmo quando se trata de uma frase sem um interlocutor específico. Nesse sistema, segundo a explicação de Levinson (1983), em uma sentença como *The soup is hot*<sup>13</sup> (LEVINSON, 1983, p.90), o substantivo *soup* precisaria incluir algum indicador linguístico que conferiria respeito ao destinatário. Assim, de maneira geral, os sistemas linguísticos tendem a codificar aspectos culturalmente relevantes, como ocorre no caso das línguas asiáticas citadas, que reafirmam a valorização das relações hierárquicas por meio de expressões dêiticas.

Levinson (1983, p.85) também discute o conceito de dêixis discursiva. Segundo o autor, o fenômeno diz respeito a expressões que referenciam porções dos enunciados (e não aspectos do mundo extralinguístico). Por exemplo, sabemos que o encadeamento discursivo desenvolve-se em uma linha temporal; sendo assim, expressões como *last paragraph*<sup>14</sup> e *next chapter*<sup>15</sup> são adequadamente alocadas nessa classe de elementos. Outro representante dessa categoria são os termos primariamente associados à dêixis de lugar, como os demonstrativos

---

<sup>13</sup> A sopa está quente (Tradução própria).

<sup>14</sup> Último parágrafo (Tradução própria).

<sup>15</sup> Próximo capítulo (Tradução própria).

*este, esta, aquele e aquela*, que podem ser empregados para referenciar partes anteriores ou posteriores do discurso.

Apesar da notável diversidade de aspectos codificados pelas dêixis, há uma característica comum partilhada entre seus vários tipos: a organização egocêntrica. Lyons (1977, p. 638) sustenta que o desenvolvimento de um enunciado dêítico é canonicamente egocentrado, ou seja, voltado para o falante e para todos os aspectos que o rodeiam, desde o ponto de vista espaço-temporal até o discursivo. Nessa perspectiva, se presume que no centro dêítico, o falante é a pessoa central do discurso; o tempo em que ele profere um enunciado é o tempo tomado como referência; o lugar onde ele está é o local assumido para a interpretação do discurso; o discurso produzido por ele é o discurso central; e o seu *status* social é o que está inserido no evento de fala.

Vale dizer, no entanto, que alguns idiomas apresentam divergências em relação à formação de um centro dêítico focado no falante. É o caso apontado por Lyons (1977, p.579) ao contrapor o uso dos verbos *come, venir e venire*<sup>16</sup>, nas línguas inglesa, francesa e italiana, respectivamente. As três formas verbais apresentam sentidos similares em seus idiomas correspondentes. Contudo, apenas o verbo *come* é capaz de estabelecer tanto um centro dêítico centrado no falante, quanto um centro dêítico ancorado no ouvinte, diferentemente do que se observa em *venir* e *venire*, majoritariamente ancorados ao enunciador.

Um cenário que ilustra o uso do *come* egocentrado pode ser visto quando dois falantes de inglês estão em cômodos separados e um deles bate à porta do outro. Se o que está com a porta fechada quer sinalizar a entrada imediata de seu amigo, pode dizer *come in*<sup>17</sup>. Nesse caso, o centro dêítico corresponde à localização espacial do falante, à medida em que este está indicando ao seu colega que se dirija ao local onde ele (falante) se encontra. Já a utilização do verbo *come* centrado no ouvinte pode ser observada, por exemplo, em uma ligação telefônica. Consideremos que dois interlocutores de língua inglesa estão em localidades distintas e um deles pretende visitar o outro. Ao anunciar sua ida, um deles profere o enunciado *I'm coming there next week*<sup>18</sup>. Nessa sentença, a forma verbal projeta o centro dêítico para a localização do ouvinte no momento em que o falante diz, sem violar qualquer regra gramatical, que irá ao encontro de seu amigo que está distante.

---

<sup>16</sup> As três expressões significam *vir*, respectivamente, em inglês, francês e italiano.

<sup>17</sup> Entre, venha. (Tradução própria).

<sup>18</sup> Irei aí na semana que vem. (Tradução própria).

Esse fenômeno é chamado por Lyons (1977, p.578) de projeção dêitica. Canonicamente, as situações comunicativas nas línguas são tais que falante e ouvinte estão em uma relação espaço-temporal de proximidade; todavia, nem sempre este é o caso. Quando isso acontece, muitas línguas apresentam construções, tais como formas verbais ou pronomes demonstrativos, que permitem a aproximação/projeção linguística do falante ao ponto de vista de seu interlocutor. Esse é o caso do verbo *come*, que projeta deiticamente o falante para a localização do ouvinte em determinados contextos.

Ainda que os trabalhos de Levinson (1983) e Lyons (1977) representem contribuições seminais e relevantes acerca do fenômeno dêítico, é importante resgatarmos a abordagem inovadora de Marmaridou (2000). A autora analisou a dêixis, em especial a dêixis de pessoa genérica, à luz de preceitos experientialistas e cognitivistas, ampliando o debate sobre as manifestações do fenômeno. A proposta da pesquisadora influenciou diversos trabalhos em português brasileiro, incluindo as análises de Ferreira (2006), Anunciação (2009) e Fontes (2017), que serão exploradas na próxima seção.

#### **2.4 Dêixis de pessoa genérica e outras propostas cognitivistas**

Em sua obra *Pragmatic, Meaning and Cognition*, Marmaridou (2000) propõe uma análise experientialista e cognitivista de diversos fatos linguísticos, dentre eles, a dêixis. A autora inicia sua argumentação questionando a abordagem tradicional do fenômeno, alicerçada a uma semântica vericondicional. Nessa perspectiva, a dêixis era abordada enquanto uma manifestação verificável na realidade, o que se apresenta como um obstáculo, visto que essa forma de análise não se apoia em parâmetros contextuais — a matéria-prima da dêixis.

Marmaridou (2000) ainda aponta que, mesmo em estudos nos quais o contexto foi acrescentado à investigação, as categorias desenvolvidas a partir deles eram objetivistas e não contemplavam a diversidade das construções, juntamente com suas especificidades. Segundo essa abordagem, uma expressão só seria considerada um termo dêítico se cumprisse critérios rigorosos, os quais, em algumas situações, poderiam não ser plenamente satisfeitos. Contudo, a linguista ainda adota as classificações concebidas pelos autores clássicos, por serem emblemáticas e amplamente estudadas, sendo elas: a dêixis de pessoa, de tempo, de lugar, de

discurso e social. Mesmo diante de uma exposição ampla acerca dessas divisões, nos deteremos apenas na dêixis de pessoa e sua interpretação genérica.

Uma inovação introduzida por Marmaridou (2000) é a análise da dêixis de pessoa enquanto um fenômeno sociocultural. A autora aponta que a manifestação linguística não pode ser investigada como algo independente da construção cultural do participante e do cenário em que ele está inserido, uma vez que a interação envolve uma série de fatores que motivam as nossas escolhas linguísticas.

Por isso, a pesquisadora retoma o conceito de egocentricidade do discurso. Dentro dessa abordagem, o ponto de vista do enunciador é adotado como referência para o desenvolvimento da interação, de modo que, quando há a troca de turnos, o centro dêitico é alterado, sendo possível que todos os interlocutores assumam tanto o papel de enunciador, quanto o de destinatário. Dessa forma, a dêixis de pessoa, responsável por vincular esses participantes ao contexto imediato de comunicação, será empregada de acordo com a perspectiva do detentor do turno de fala.

É a partir dessa visão orientada pelo falante que os estudos sobre dêiticos foram desenvolvidos e forneceram justificativas para os rótulos que usamos na identificação do fenômeno. Por exemplo, em inglês, *I* identifica o falante, *you*, o ouvinte, e *we*, o grupo de indivíduos que inclui o falante. Contudo, Marmaridou (2000, p.76) argumenta que nem sempre o elemento dêitico será empregado de acordo com esses critérios, como mostram estes enunciados:

(17) *You* can never tell what youngsters actually want nowadays.<sup>19</sup>

(18) *We* live without really knowing why.<sup>20</sup>

Para a literatura canônica, casos como (17) e (18) não são considerados dêiticos, na medida em que os pronomes *you* e *we*, nesse contexto, não codificam nenhum falante do evento de imediato de comunicação. Nesses casos, eles atuam como sujeitos genéricos, representando um conjunto de experiências ou opiniões coletivas. Isso permite que os enunciados (17) e (18) ressoem com o senso comum: o primeiro evidencia a incompreensão

---

<sup>19</sup> Você nunca sabe o que os mais jovens querem de verdade hoje em dia. (Tradução própria).

<sup>20</sup> Nós vivemos sem saber o porquê. (Tradução própria).

dos mais velhos sobre os objetivos dos mais jovens; e o segundo propõe uma reflexão acerca da condição humana.

A autora acrescenta que haveria graus de impessoalização, haja vista que exemplos como (17) e (18) permitiriam a substituição dos pronomes por termos impessoais, sem ocasionar perda de sentido significativa, diferentemente do que se observa em outros contextos. É o que revelam os seguintes exemplos de Marmaridou (2000, p.77):

(19) *You beat the eggs until fluffy.*<sup>21</sup>

(20) *In this country we vote for Parliament every four years.*<sup>22</sup>

Em (19), não há a possibilidade de alteração do pronome sem, necessariamente, ocasionar uma perda do sentido original do enunciado. Isso ocorre em virtude da natureza discursiva desse trecho, isto é, do objetivo comunicativo que envolve seu contexto de produção. Claramente, trata-se de uma receita culinária e de instruções para sua execução, de modo que o pronome *you* não se refere a um indivíduo em particular mas, sim, a qualquer leitor interessado em reproduzir o prato apresentado. Porém, ao mesmo tempo em que o sujeito mencionado é inespecífico (dado que o destinatário não é individualizado), ele é, a rigor, “quase genérico” (MARMARIDOU, 2000, p.77), uma vez que não pode ser substituído por outro termo devido à natureza do discurso em que se insere.

Em contrapartida, a sentença (20) apresentaria um maior nível de genericidade. Ainda que o pronome *we* também não se refira a um falante e ouvinte particulares – apresentando, em vez disso, uma autorreferência que inclui o falante como o integrante de um grupo mais amplo –, a modificação do termo para *people* não resultaria em prejuízo substancial no sentido do enunciado. Isso ocorre porque certas expressões são capazes de ancorar os referentes espaço-temporalmente, como observamos no sintagma *in this country*, que situa o enunciado e, conseqüentemente, o enunciador.

Casos como (19) e (20) demonstram que a análise da dêixis de pessoa não pode ser pautada apenas pelos critérios definidos por um eixo egocêntrico, devendo levar em conta também os graus de especificidade dos referentes e da ancoragem espaço-temporal subjacente. Todos esses aspectos são visíveis quando não nos limitamos a análises baseadas apenas no contexto imediato, mas, sobretudo, em construções inseridas em contextos reais de

<sup>21</sup> Bata os ovos até ficarem em neve. (Tradução própria).

<sup>22</sup> Neste país votamos para o Parlamento de quatro em quatro anos. (Tradução própria).

uso, seja em gêneros orais ou escritos, com objetivos comunicativos e normas singulares, que podem interferir em quais participantes serão ancorados, estando eles presentes ou não no contexto imediato.

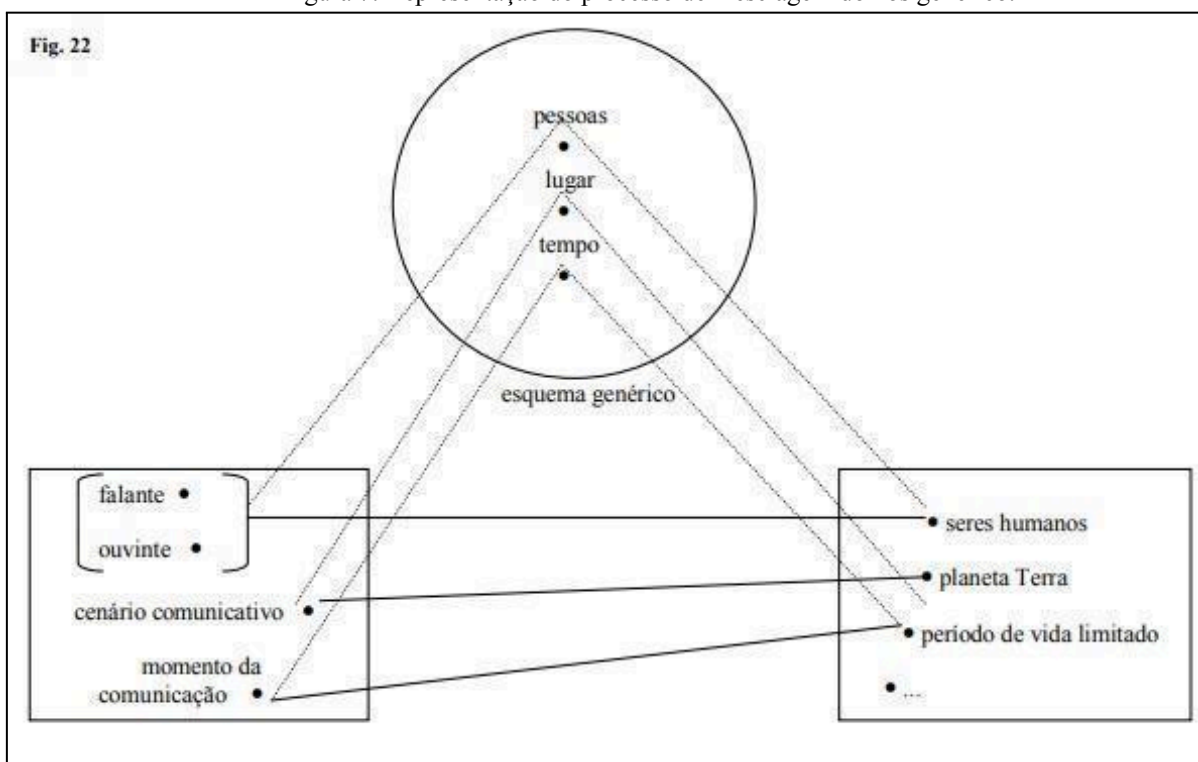
A proposta de Marmaridou (2000), ao explorar o viés sociocognitivo e genérico da dêixis de pessoa, impulsionou o surgimento de diversos trabalhos em diferentes línguas. Isso nos leva às iniciativas em português brasileiro, entre as quais se inclui o estudo de Ferreira (2006), que investigou os processos cognitivos envolvendo o dêitico de pessoa *nós*, o dêitico de lugar *aqui* e o dêitico de tempo *hoje*, a partir de uma coletânea de crônicas dominicais do jornal “O Globo”, escritas por João Ubaldo Ribeiro.

A pesquisadora percebeu que a polissemia dos dêiticos mencionados anteriormente permite vislumbrar conceptualizações distintas acerca de seus respectivos referentes. Diante disso, a autora defende que a variação desses sentidos poderia ser explicada pelo processo cognitivo de mesclagem entre domínios conceptuais. Os domínios envolvidos no processamento do significado dos dêiticos são relativamente estáveis, como um *frame* ou um Modelo Cognitivo Idealizado – uma amostra *default* do que é evocado por um lexema. Portanto, durante o processo de mesclagem conceptual, esses dois esquemas mentais se amalgamam às suas contrapartes, projetando, por fim, a mescla dessas informações. É o que ocorre, segundo a pesquisadora, com o processamento do *nós* genérico presente no enunciado a seguir (FERREIRA, 2006, p.78):

(21) Toinho é, que eu saiba, o autor da metáfora da catraca, alusão ao inevitável transcurso de todos *nós* desta para melhor.

De acordo com Ferreira (2006), esse enunciado envolve a ativação de dois MCIs. O primeiro, acionado pelo pronome *nós*, corresponde a um MCI dêitico, no qual encontramos características prototípicas do fenômeno, como os participantes da cena, o cenário e o momento de enunciação. Já o segundo refere-se ao conteúdo frasal, em que a informação veiculada pelo enunciado aborda a finitude da vida, elaborando, assim, um MCI de vida humana. Dessa maneira, há a interação entre esses dois MCIs, que projetam suas respectivas contrapartes, apresentando pontos comuns em relação à pessoa, tempo e lugar, mesmo que esses fatores não tenham sido contextualmente assinalados. Por isso, o processo inicia-se pelo estabelecimento de um esquema genérico:

Figura 7: Representação do processo de mesclagem do nós genérico.

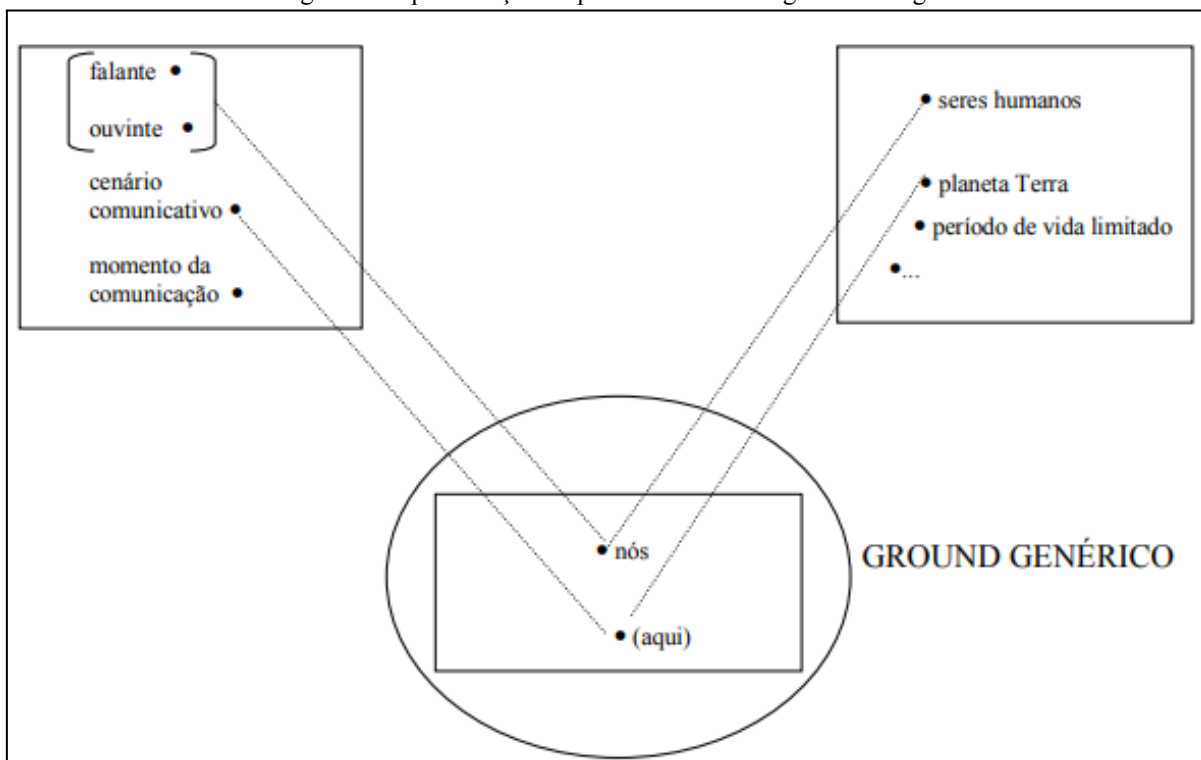


Fonte: Ferreira (2006, p.78).

A partir da estrutura genérica, inicia-se o desenvolvimento da mesclagem. Há a projeção do *nós*, no *input 1*, e das pessoas inseridas no MCI de vida humana, no *input 2*. Como este último codifica todos os seres humanos, obtemos o significado genérico evocado pela expressão dêitica:



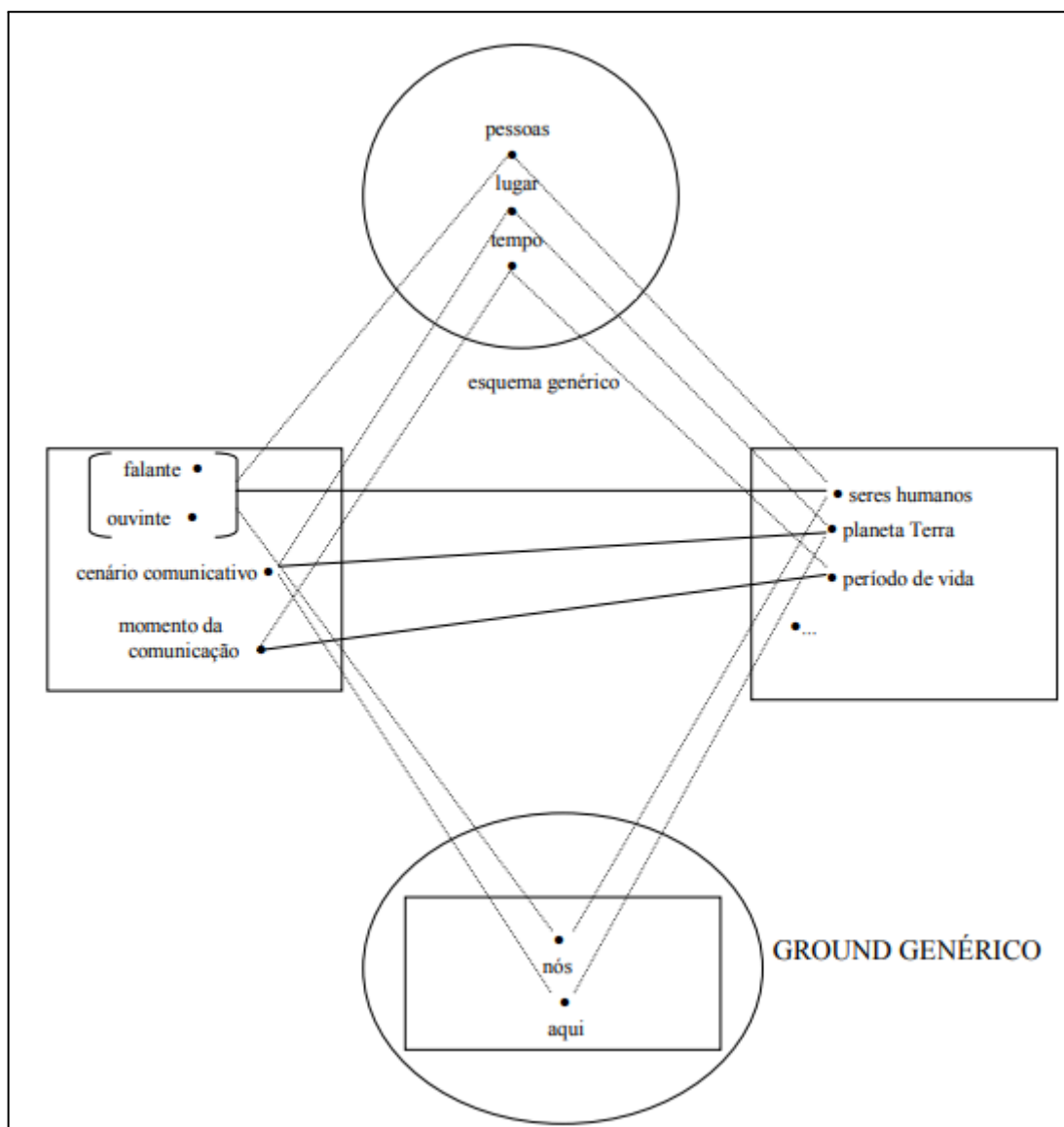
Figura 8: Representação do processo de mesclagem do *nós* genérico.



Fonte: Ferreira (2006, p.79).

Como podemos observar, o *ground genérico* assimila também informações do *input 2*. Há a correspondência entre os participantes, representados pelos itens *seres humanos* e pelo pronome *nós*; e, em relação aos lugares, identificamos a associação entre *planeta Terra* e o cenário comunicativo, o que resulta na referência mesclada do advérbio *aqui*. Em relação aos correspondentes de tempo, não haveria um referente: muito embora a sentença analisada contenha a expressão *nesta vida*, sinalizando um período temporal, ela não seria uma contraparte adequada. Dito isso, a pesquisadora ilustra todo o processo de mesclagem a partir do seguinte diagrama:

Figura 9: Representação da mesclagem conceptual do nós genérico.



Fonte: Ferreira (2006, p. 81).

Dessa maneira, Ferreira (2006) argumenta que todas as correspondências formadoras do *ground genérico* apresentavam informações indeterminadas (os participantes seriam todos ou qualquer um, o lugar poderia ser qualquer ambiente de vida ou morte), que foram reforçadas em seu conteúdo generalista pela ausência de dado temporal. Por isso, a autora conclui que o MCI do dêitico genérico seria composto por participantes, lugares e tempo não particulares, ou seja, elementos não identificáveis e abstratos. Além disso, na formação desse MCI genérico, a projeção dos itens entre domínios não seria completa, sendo essa uma característica distintiva dessa estrutura, chamada pela autora de um *ground* “deiticamente incompleto” (2006, p.70). A linguista argumenta que, prototipicamente, o MCI dêitico deve

expor certas informações, tais como a entidade ancorada, o local e o tempo em que ocorreu a interação; no entanto, isso não acontece quando temos o MCI do *nós* genérico, que, além de apresentar dados inespecíficos, não revela uma contraparte capaz de situar o enunciado em um momento no tempo (presente, passado ou futuro).

Um trabalho que também optou por uma abordagem baseada na TEM foi conduzido por Anunciação (2009). Em sua dissertação, a pesquisadora examinou as operações subjacentes ao significado dos dêiticos não-prototípicos de primeira pessoa, descrevendo os processos de significação envolvidos em sua conceptualização. A autora argumenta que, apesar de o *eu* ser canonicamente vinculado ao falante, ocorrem diversas situações discursivas em que a expressão referencia outros participantes. De fato, a linguista encontrou diversas ocorrências atípicas do pronome *eu* nos 22 sermões (35 horas) analisados. O *corpus* selecionado pela autora, armazenado no endereço eletrônico [www.ibbetania.com](http://www.ibbetania.com), consiste em sermões ministrados pelo pastor protestante Neil Barreto durante os anos de 2006, 2007 e 2008.

Esse potencial polissêmico do dêitico seria fruto do processo de mesclagem conceptual. Para Anunciação (2009), a integração parcial das informações presentes na estrutura emergente é fornecida a partir dos *inputs* de um MCI de um dêitico prototípico e de outro ativado pelo enunciado em análise, tendo como resultado o surgimento do MCI periférico, no qual seria possível o enquadre de outras entidades, para além do próprio falante. Essa percepção assemelha-se, em certa medida, aos achados de Ferreira (2006), que, como mencionado anteriormente, apresenta o *nós* genérico como o produto de um processo de mesclagem, do qual emerge um MCI de dêixis genérica. Entretanto, a pesquisa de Anunciação (2009) se diferencia da anterior por analisar o *eu* em sua interpretação genérica em vez de se concentrar na primeira pessoa do plural, reivindicando também sua capacidade de representar outras entidades. Como resultado, a autora observou que o MCI ou *frame* gerado a partir da operação de mescla do *eu* não-prototípico ativaria outras possibilidades de configuração, como o *frame* de diálogo. No sermão analisado, a linguista aponta o surgimento de um diálogo virtual entre um pastor e um fiel, emulado pelo líder espiritual Neil Barreto, detentor do turno de fala (ANUNCIÇÃO, 2009, p.71):

(22) - *Eu* sou membro da Igreja Batista Betânia.

- É mesmo? Tem um monte de safado aqui nesta igreja, você nem imagina...e você pode ser um deles.

- O pastor não pode falar assim não, *eu* não gosto quando ele fala assim não porque me ofende.
- Se você não é, é só não colocar a carapuça.

Nesse trecho, o enunciador simula uma conversa entre um cristão da Igreja Batista e ele mesmo enquanto pastor. Ao adotar essa estrutura dialógica, nota-se que a primeira pessoa do excerto não identifica factualmente o locutor, e sim a perspectiva do fiel hipotético criado pelo religioso durante o sermão, com o propósito de ilustrar uma situação potencial dentro da igreja. Nesse sentido, Anunciação (2009) explica que o pronome *eu* ativa um *frame* de diálogo, estruturado a partir da mescla das projeções dos domínios ocupados pelo pastor e suas concepções, do fiel imaginário e suas crenças, e do espaço genérico. A consequência dessa amálgama é a integração do devoto e do religioso, juntamente com suas respectivas crenças, por meio da expressão linguística não-prototípica, que é conceptualizada de modo a ocultar sua função tradicional.

Esse viés interpretativo, no qual o uso do pronome pessoal não se restringe somente a demarcar quem fala ou ouve, alinha-se às discussões propostas neste trabalho. Sustentamos que as expressões *eu* e *você* nem sempre serão responsáveis por identificar falante ou ouvinte, uma vez que podem funcionar como ferramentas importantes no processo de impessoalização discursiva. Entretanto, defendemos a existência de um vínculo conceptual intrínseco entre esses elementos e seus referentes tradicionais, questão que será detalhada no próximo capítulo.

Assim como Anunciação (2009), Fontes (2017) também investigou outras possibilidades de conceptualização dos pronomes pessoais. A autora incluiu em seu estudo a interpretação genérica e utilizou dados de fala espontânea provenientes dos debates políticos, televisionados em meados de 2012 e 2014. Sua análise concentrou-se na locução *a gente* e no pronome *nós*, cujas diferenças pragmáticas, discursivas e conceptuais culminaram na elaboração e distribuição dessas expressões em categorias. Os critérios para as classificações partiram de uma percepção de radialidade, isto é, as construções que apresentassem os usos mais convencionais eram alocadas no centro da categoria, ao passo que as aplicações menos prototípicas seriam dispostas nas regiões mais marginais. Nesse contexto, o *nós* e o *a gente* genéricos, por representarem usos menos tradicionais, não seriam incorporados às áreas mais centrais da categoria, mas sim posicionados em uma região periférica da rede.

A autora defende que o MCI prototípico de um dêitico de pessoa identifica o falante e o ouvinte do contexto imediato. Em contrapartida, sua versão genérica projeta entidades que ultrapassam o aqui-e-agora, como ilustrado a seguir (FONTES, 2017, p.131):

(23) Candidato [A. N.], eu acredito que o senhor tem uma memória curta. O meu governo garantiu, neste período que **NÓS** estamos vivendo, uma inflação controlada dentro dos limites da meta. (D. R. – REDE BANDEIRANTES 2º Turno/2014).

(24) Bom, muito rapidamente, esperava a tréplica para falar sobre metrô. O que **A GENTE** quer é que o metrô se expanda, né? E o que **A GENTE** viu no Rio de Janeiro, durante muito tempo, foi cada governador que vinha inaugurar uma estação ao final de 4 anos de mandato. O governador Sérgio Cabral está fazendo a linha 4 do metrô, ligando o metrô até a Barra da Tijuca. O prefeito não é comentarista daquilo que se faz na cidade, o prefeito trabalha e busca trabalhar em parceria para se implementar. (E. P. – REDE BANDEIRANTES 1º Turno/2012).

No exemplo (23), o candidato defende a sua reeleição, alegando que, em sua administração, implementou melhorias, tais como o controle da inflação. Nesse trecho, destaca-se o emprego do *nós* genérico, que inclui não apenas o candidato e os seus adversários, mas também entidades que transcendem à cena comunicativa, como os telespectadores. Em (24), outro político realiza a sua tréplica, criticando governos anteriores e defendendo a expansão da linha de metrô na cidade. No início de seu discurso, observa-se o uso da locução genérica *a gente*, utilizada para incluir participantes ausentes na cena comunicativa, além de seus interlocutores diretos.

O trabalho de Fontes (2017) discute os usos periféricos dos dêiticos de pessoa a partir de uma concepção de genericidade similar à nossa proposta. Como mencionamos no capítulo introdutório, tratamos como genéricos, ou quase-genéricos, pronomes pessoais que não particularizam os participantes de um enunciado, referindo-se a um conjunto inespecífico de entidades. Tendo isso em vista, o falante e o ouvinte não estariam diretamente contidos nas expressões, apesar de nosso capítulo de análise revelar que traços de uma referência cognitiva estão presentes em suas estruturas conceptuais.

Como observamos, a temática da dêixis genérica, especialmente em relação às operações cognitivas implicadas na construção de seu significado, tem atraído bastante interesse no campo da Linguística Cognitiva. Entretanto, devido à sua complexidade, que

abrange aspectos semântico-pragmáticos da comunicação, o tema ainda oferece amplas possibilidades de investigação.

## **2.5 Conclusões e perspectivas**

Neste capítulo, destacamos as principais contribuições da Linguística Cognitiva enquanto um vasto campo teórico com inúmeras possibilidades investigativas. Exploramos a influência da TEM clássica e de sua versão BCSN como abordagens inovadoras dentro dessa linha de pesquisa, ao proporcionarem ferramentas para a compreensão de mecanismos conceptuais profundos da construção do significado. Por fim, elaboramos uma revisão da literatura relacionada à dêixis, destacando a relevância do tema e sua consonância com a Linguística Cognitiva. A seguir, a próxima seção apresentará a metodologia e a análise utilizadas na primeira etapa de nossa investigação: o processo para o levantamento de dados preliminares, a geração das hipóteses e a análise desenvolvida à luz da BCSN.

### 3. A ABORDAGEM QUALITATIVA E EXPLORATÓRIA: A ANÁLISE DE DADOS DE FALA ESPONTÂNEA

Como apresentamos no capítulo 2, a Linguística Cognitiva é um campo teórico orientado por princípios que contrastam com a semântica formal. Ao invés de explorar o significado por um viés objetivista e referencial, a LC discute seu caráter subjetivista, reconhecendo-o como um componente construído em interação e pela experiência individual. Essa perspectiva guiou o interesse desse paradigma pelas operações envolvidas na construção do sentido, evidenciando a existência de mecanismos cognitivos complexos e dinâmicos.

Na literatura, diversos autores dedicaram-se a compreender o funcionamento dos dispositivos mentais associados à construção do sentido. Destacam-se os trabalhos de Fauconnier (1994), com a Teoria de Espaços Mentais (TEM) clássica; e a ampliação proposta por Sanders, Sanders e Sweetser (2009) e por Ferrari e Sweetser (2012), que resultou na versão da TEM conhecida como *Basic Communicative Spaces Network* (BCSN). São dois modelos teóricos pioneiros na investigação da referência, com contribuições importantes para a compreensão de camadas profundas da construção de sentido e da flexibilidade na determinação de referentes. À medida que novas informações são incorporadas à cena comunicativa, universos conceptuais são elaborados e, a partir deles, elementos como entidades e eventos, que até aquele momento estavam ausentes do contexto imediato, passam a fazer parte do *ground*.

Apesar de a TEM original e a sua versão BCSN apresentarem uma natureza teórico-metodológica comum, esta última remodela e expande a primeira, concentrando-se na relação entre os interlocutores e o significado. Conforme comentamos no capítulo 2, a reformulação de Sanders, Sanders e Sweetser (2009) e de Ferrari e Sweetser (2012) separa as informações relacionadas às circunstâncias imediatas da comunicação daquelas pertinentes ao conteúdo conceptual. Devido à atenção destinada ao *ground* comunicativo, a BCSN torna-se, a nosso ver, a opção mais adequada para explicar a distinção entre os dêiticos genéricos *eu* e *você* e a relação intrínseca com seus referentes prototípicos, falante e ouvinte.

Neste contexto, este capítulo se dedicará a descrever a trajetória investigativa da primeira etapa de nosso trabalho. Por meio de uma abordagem qualitativa e exploratória, cujos detalhes metodológicos serão apresentados a seguir, formalizamos as hipóteses desenvolvidas durante a análise de dados de fala espontânea. Portanto, o capítulo se organiza como segue. A seção 3.1 apresentará a metodologia empregada na coleta e análise de dados. Em seguida, a seção 3.2 propõe a formalização da distinção conceptual dos dêiticos genéricos

*eu* e *você*, de acordo com os mecanismos da BCSN. Na sequência, a seção 3.3 analisa dados de fala espontânea que contemplam o fenômeno, para demonstrar, na prática, como a hipótese postulada se manifesta. Por último, a seção 3.4 revisita os pontos mais relevantes, apresenta reflexões sobre os dados e delinea os encaminhamentos para o capítulo seguinte.

### **3.1 Procedimentos metodológicos**

A primeira fase de nossa investigação foi orientada pelo questionamento acerca das nuances conceituais ainda não observadas para a distinção dos dêiticos genéricos *eu* e *você*. Essa inquietação investigativa foi fundamental durante a exploração dos dados encontrados, que foram lidos, submetidos a testes introspectivos de substituição e então representados à luz da Teoria de Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994), mais especificamente, a partir de sua versão mais atual, a *Basic Cognitive Spaces Network* (SANDERS; SANDERS; SWEETSER 2009; FERRARI; SWEETSER, 2012), que serviu de base para nossa análise e representação.

Nesta seção, apresentamos essa primeira parte do nosso percurso metodológico, começando pelo processo de coleta e organização dos dados (3.1.1) e passando para os procedimentos de análise qualitativa desses dados (3.1.2).

#### **3.1.1 Os dados de fala espontânea**

Os dados analisados neste estudo provêm de 6 vídeos de um canal de *Youtube* intitulado *Gabi Oliveira*, nome da comunicadora que produz e apresenta os conteúdos da página. Nessa plataforma, a *youtuber* compartilha suas vivências e expõe suas opiniões sobre uma variedade de tópicos, incluindo livros, filmes, relacionamentos, organização, entre outros assuntos. Como exposto, a temática dos vídeos é bastante diversa, o que permitiu uma investigação contextual mais ampla, na qual examinamos as diversas situações de uso do fenômeno.

Apesar da ampla gama de temas, um aspecto comum a todo esse material é a sua estrutura dialógica. Buscamos esse formato de vídeo porque, em tese, a semelhança com uma conversa, mesmo que com um interlocutor virtual, seria uma condição favorável à emergência de dêiticos pessoais. Por isso, esse ambiente conversacional, aliado ao fato de se tratar de uma interação assíncrona, nos levou a acreditar que a probabilidade de que ocorressem não só



dêiticos pessoais prototípicos, como também dêiticos pessoais genéricos - que designam um conjunto indeterminado de indivíduos - seria consideravelmente maior.

Por se tratar de dados de fala espontânea, conseguimos observar o objeto em seu *habitat* natural. Acreditamos que essa forma de registro discursivo potencializaria a emergência do fenômeno, uma vez que a baixa preocupação com a formalidade ou com um planejamento muito restrito seria o ambiente propício para a observação de usos que fogem da tradição normativa. Desse modo, essa abordagem, nos permitiu capturar o emprego autêntico dos dêiticos pessoais genéricos, refletindo melhor as suas nuances e padrões de uso.

Sobre a compilação dos dados, os vídeos selecionados foram produzidos entre 2018 e 2020, com duração média de 10 a 15 minutos e assistidos na íntegra<sup>23</sup>, para identificação de ocorrências de usos genéricos dos dêiticos pessoais *eu* e *você*. Após essa verificação, buscamos pelas legendas automáticas geradas pela plataforma, para melhor apurar o contexto em que as expressões genéricas apareciam. Dessa forma, reassistimos ao material acompanhando o arquivo de legenda, para averiguar se a expressão realmente se encaixava no que delimitamos como genericidade, isto é, se a estrutura não particularizava as entidades discursivas, bem como para corrigir alguns erros presentes nesse modelo de legendagem que pudessem prejudicar a análise ou compreensão do fenômeno. A partir desse processo cuidadoso e com o auxílio da legenda dos vídeos, transcrevemos os trechos em que se encontravam as manifestações do objeto.

Os intervalos transcritos tinham duração máxima de 2 minutos, com o registro sendo iniciado em um momento anterior ao uso das expressões investigadas. A escolha por essa delimitação justifica-se pela natureza discursiva da dêixis genérica, cuja interpretação requer contextos (ou cotextos) mais extensos. Portanto, o período estipulado para a transcrição garantiu informações suficientes para a observação e análise do fenômeno, evitando tanto a escassez de evidências linguísticas, quanto o excesso de dados não relacionados aos nossos objetivos de pesquisa.

Acerca da posição sintática das expressões analisadas, não impusemos restrições prévias, pois esse aspecto não impactaria os fatores relativos à construção do significado. Contudo, observamos que, nos dados analisados, os pronomes genéricos ocupavam apenas a posição de sujeito. Além disso, não estabelecemos uma categorização sistemática ou

---

<sup>23</sup> Apesar de acompanhados na íntegra, os vídeos não foram transcritos por completo, pois nos dedicamos apenas às passagens que contextualizavam e incluíam os pronomes genéricos. Essa escolha metodológica foi motivada pelo alto volume de dados que não atendiam aos nossos interesses investigativos, tornando a transcrição completa do material uma tarefa contraproducente. Por isso, focamos nos excertos mais alinhados ao nosso objeto de estudo para compor a nossa amostra, evitando a sobrecarga de informações irrelevantes para a análise.

quantificamos os padrões enunciativos, como a presença de sentenças afirmativas ou interrogativas, por exemplo. Essas variações, embora notadas, não tiveram impacto direto na investigação das diferenças conceituais que estávamos buscando.

Dito isso, os dados coletados foram organizados em planilhas para uma avaliação qualitativa detalhada. Nesses arquivos (Apêndice A), constam a identificação do vídeo (de 1 a 6), as datas de publicação e de busca (coleta), o *link* do vídeo, seu título, um resumo sobre o tema discutido, o excerto que contextualiza a ocorrência, a frase em que o dêitico está inserido e o intervalo de tempo da passagem transcrita. Todas essas informações foram fundamentais para a compreensão do contexto de produção dos nossos objetos de pesquisa e para a organização das análises.

Ao fim do processo de organização, contabilizamos 53 ocorrências de dêiticos pessoais genéricos: 9 do *eu* e 44 do *você*.

### **3.1.2 Procedimentos de análise: o percurso qualitativo para a elaboração da hipótese**

Com os dados organizados, a investigação qualitativa partiu da leitura atenta dos excertos para a identificação das semelhanças e, sobretudo, diferenças entre o *você* e o *eu* genéricos. Para além da leitura minuciosa e da interpretação das diferentes passagens, foram realizados testes introspectivos de substituição: nos trechos em que o *você* genérico estava presente, trocávamos pelo *eu*, e vice-versa, para avaliarmos (neste primeiro momento, ainda de forma subjetiva) se existiria uma distinção de sentido dentro desses contextos de uso.

Para melhor organizar tais testes, colocamos as ocorrências originais do *eu* e do *você* em arquivos separados. Cada arquivo apresentava uma tabela composta por duas colunas. Na primeira, inserimos os dados originais numerados, destacados em vermelho, e, na segunda, as substituições também numeradas e destacadas em amarelo. Veja uma amostra da demonstração:

Figura 10 - Print da tabela de teste.

OCORRÊNCIAS ORIGINAIS	SUBSTITUIÇÕES-TESTES
EU	VOCÊ
<p>[...] porque, assim, a gente precisa entender a nossa realidade, sabe. Às vezes, a gente entra numa vibe muito restrita e fala "nossa não, eu não vou pedir comida". Só que, na sua realidade, você sabe que você pede comida. Então, você tem que botar na sua planilha o quanto você pode gastar pedindo comida, porque você já sabe que vai acontecer. Então, para aquilo não ser um desvio, sabe. Aquilo tem que tá no seu orçamento.</p> <p><b>(01)Ah, quanto que eu gasto pedindo no aplicativo de deslocamento de carro? Quanto você pode gastar no mês com isso?</b></p>	<p>[...] porque, assim, a gente precisa entender a nossa realidade, sabe. Às vezes, a gente entra numa vibe muito restrita e fala "nossa não, eu não vou pedir comida". Só que, na sua realidade, você sabe que você pede comida. Então, você tem que botar na sua planilha o quanto você pode gastar pedindo comida, porque você já sabe que vai acontecer. Então, para aquilo não ser um desvio, sabe. Aquilo tem que tá no seu orçamento.</p> <p><b>(01)Ah, quanto que você gasta pedindo no aplicativo de deslocamento de carro? Quanto você pode gastar no mês com isso?</b></p>

Fonte: Elaboração própria.

A título de exemplo, observam-se os dados abaixo:

(25) [...] **Ah, quanto que EU gasto pedindo no aplicativo de deslocamento de carro?**

(26) [...] **dá para VOCÊ contar uma história de superação sem cair naquela coisa de “quem quer consegue, bora lá” só que não tá?!**

Para contextualizar: no exemplo (25), Gabi, que mora sozinha, dá dicas para a sua audiência sobre como se organizar para morar só. Ela sugere colocar as despesas em planilhas e considerar os gastos mais comuns da rotina. Já em (26), proveniente de outro vídeo, a *youtuber* faz uma resenha da biografia de Michelle Obama, destacando o tom não meritocrático utilizado pela ex-primeira-dama ao relatar sua história de vida.

Ao realizarmos as substituições, foi possível identificar semelhanças em termos de significado, uma vez que ambos os usos pronominais apresentam a mesma base conceptual. Os dois itens referem-se a uma entidade não-particular e abstrata, o que, à primeira vista, pode fazer parecer que as expressões seriam semanticamente equivalentes. Atestar a *possibilidade* de intercambialidade (o que não implica equivalência de significado) é relevante para evidenciar que *alguma* similaridade semântica existe entre os itens investigados. No entanto, um procedimento de interpretação qualitativa mais cuidadosa sugeriu a existência de especificidades para cada um dos dois elementos dêiticos, suscitando, assim, na hipótese que será explicitada no decorrer do capítulo.

Parte da interpretação mais detalhada baseou-se em informações contextuais que circundavam as manifestações do fenômeno. O vídeo que contém o item (25), por exemplo, é baseado nas experiências pessoais de Gabi, que mora só. Isso é revelado no início de sua fala, ao expor que o conteúdo visa esclarecer dúvidas sobre o assunto, dada sua vivência morando sozinha há algum tempo.

Essa informação poderia, então, justificar o emprego de uma expressão generalizante como o *eu* genérico, em detrimento do *você* genérico. Quando compartilhamos experiências próprias, convencionalmente, utilizamos o *eu* para nos autorreferenciar nas situações de interação. Nesse sentido, esse componente semântico ainda estaria presente, mesmo diante de seu uso estendido, direcionado a grupos indeterminados de sujeitos. Em suma, nossas análises nos levaram a crer que haveria uma correlação entre o uso do *eu* genérico e as experiências pessoais do falante.

Já no vídeo que apresenta a amostra (26), a *youtuber* não comunica diretamente nenhuma influência de experiência pessoal para a emissão de suas opiniões a respeito do livro discutido. Logo, o emprego do dêitico *você* – que, assim como o *eu*, também contempla um significado referencial prototípico e um uso expandido – parece ter sido a escolha mais adequada para exposições que não estão associadas, de algum modo, à experiência pessoal do falante. Isto é, poderia haver uma tendência de uso do *você* genérico para designar situações que não estão (ou não são construídas como estando) vinculadas à vivência do enunciador.

Além disso, prototipicamente, o emprego do pronome *você* é associado a uma referência direta à pessoa com quem se fala, ou seja, o ouvinte. Assim, esse dêitico ainda preserva sua relação intrínseca com sua referência original, ao estabelecer uma conexão com esse interlocutor no discurso. Portanto, essa característica não apenas sugere a existência de um vínculo conceptual com o ouvinte, pré-existente ao uso genérico, como também reforça uma construção que, em tese, apresenta um distanciamento das experiências do falante devido à sua função convencional.

Essas observações foram fundamentais para o desenvolvimento da análise subsequente, em que buscamos formalizar, com o auxílio da BCSN, a ideia de que um vínculo conceptual entre esses dêiticos genéricos e os seus referentes canônicos estaria presente na estrutura semântica subjacente a essas manifestações. Por isso, o restante do capítulo apresentará a discussão e formalização dessa hipótese, com base nos dados de uso real coletados.

### 3.2 A distinção entre o *eu* e o *você* genéricos: apresentando a hipótese

Construções como *todo mundo*, *galera*, *rapaziada*, *pessoal*, entre tantas outras, pertencem ao repertório de diversos grupos sociais e são frequentemente ouvidas ou utilizadas, nas inúmeras situações comunicativas às quais somos expostos. Esses termos servem, naturalmente, para perfilar um grupo de participantes não-particulares, sendo facilmente reconhecidas como expressões pertencentes ao âmbito das generalizações.

Outros itens linguísticos que desempenham uma função comunicativa similar são os dêiticos pessoais. Os pronomes *eu* e *você*, que canonicamente representam as entidades do discurso, também atuam como indicadores de genericidade. Em usos como *Aí, eu vou lá, faço a minha inscrição e é só esperar o dia da prova. Entenderam como é fácil, turma?* ou *Agora você deixará a massa descansar por uma hora* são exemplos de como os dêiticos pessoais evocam um interlocutor inespecífico, sem registrar particularidades, permitindo que esses enunciados sejam direcionados a uma audiência indeterminada. Nesta tese, porém, argumentaremos que, apesar desse caráter genérico, esses dêiticos não deixam de estar ancorados, em última instância, nos participantes específicos da situação comunicativa. Isto é, defenderemos que, em certos contextos, os pronomes em questão, *ao mesmo tempo*, evocam individualmente os participantes da interação e estabelecem referência genérica.

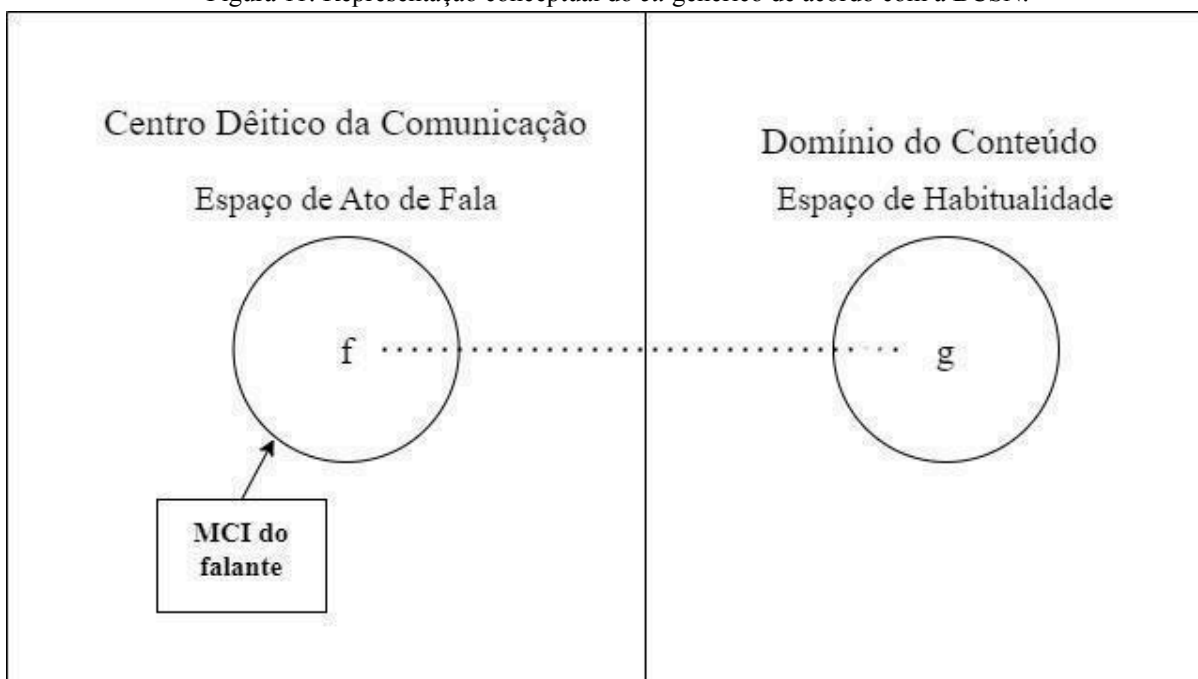
Segundo essa hipótese, como se nota, os potenciais semânticos dos pronomes *eu* e *você* são bastantes similares em relação à possibilidade de aplicação genérica. Ambos ampliam o campo referencial, podendo incluir em seu escopo uma gama de interlocutores não-particulares, para além daqueles presentes no aqui-e-agora. Ao mesmo tempo, porém, a tradição cognitivo-funcional em linguística tem recusado reiteradamente a ideia de que duas formas distintas possam apresentar completa equivalência semântico-pragmática (ver, por exemplo, o Princípio da Não-sinonímia de Goldberg (1995)). Diante disso, partimos do princípio de que os pronomes *eu* e *você* genéricos, ainda que utilizados com propósitos similares, não são sinônimos perfeitos. Com efeito, buscaremos mostrar aqui que seus sentidos estabelecem conceptualizações diferentes em relação ao conteúdo comunicado.

Assim, de acordo com a hipótese a ser sustentada ao longo desta tese, a distinção entre os dêiticos pessoais genéricos *eu* e *você* reside na maneira como cada um desses pronomes constrói sua referência. Especificamente, argumentaremos que, apesar de ambos os pronomes designarem genericamente um grupo abstrato, eles remetem, em última instância, aos seus referentes prototípicos – isto é, o falante e o ouvinte, respectivamente. Nesse sentido, esses elementos não seriam tão genéricos quanto às expressões citadas no início desta seção,

também reconhecidas por seu caráter inclusivo e direcionado a um conjunto inespecífico de seres.

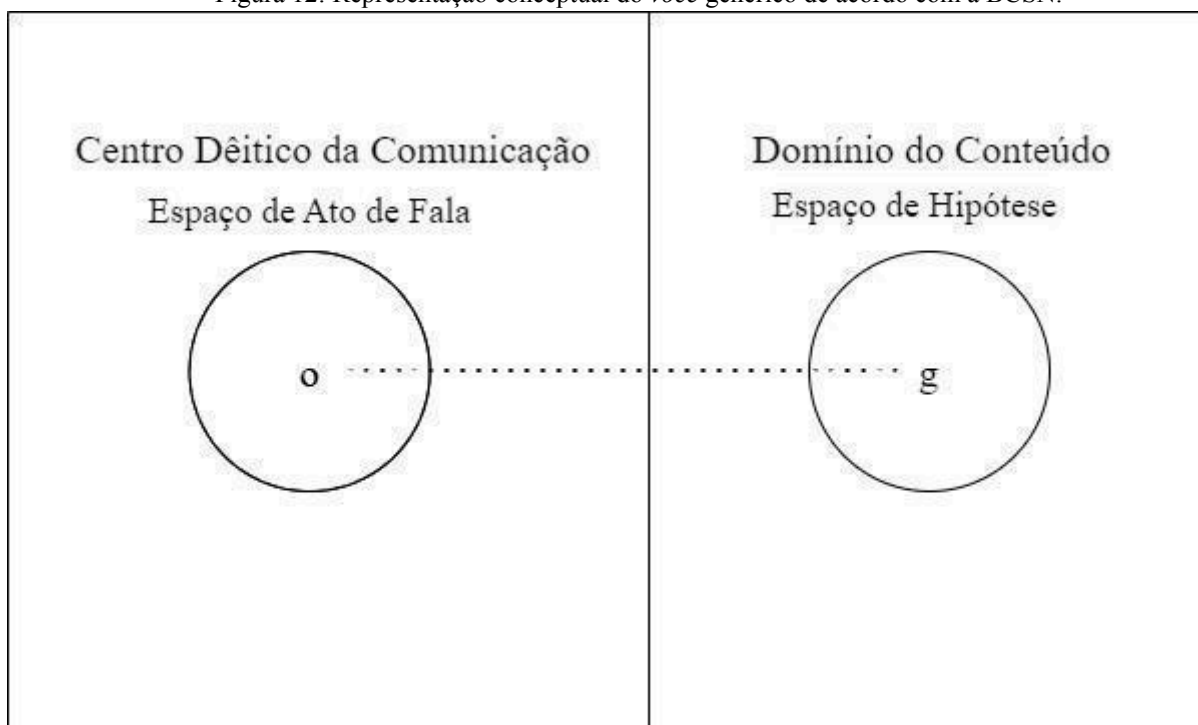
Dessa forma, sustentamos que a diferença apresentada pode ser formalizada, nos termos da versão BCSN da TEM, da seguinte maneira: (i) tanto o *eu* quanto o *você* denotam um conjunto indeterminado de referentes, especificado no Domínio do Conteúdo; (ii) no caso do *eu*, esse referente indeterminado está conectado ao referente Falante, presente no Espaço de Ato de Fala, um dos espaços mentais que compõem o Centro Dêitico de Comunicação; no caso do *você*, esse referente indeterminado está conectado ao Ouvinte, também presente no Espaço de Ato de Fala; (iii) no DC, o *eu* genérico é vinculado a um Espaço de Habitualidade, enquanto o *você* genérico associa-se a um espaço de Hipótese. Além disso, argumentamos que o Espaço de Ato de Fala do *eu* genérico é alimentado por informações presentes em um MCI que contém dados ligados à biografia do falante. Em suma, propomos que a interpretação de enunciados que contêm os dêiticos genéricos *eu* e *você* (i) demanda o estabelecimento de uma conexão entre um referente indeterminado presente no DC e um referente determinado presente no CDC e (ii) envolve, especificamente no caso de *eu*, a referência a informações biográficas relativas ao falante. As distinções descritas podem ser ilustradas pelas seguintes representações:

Figura 11: Representação conceptual do *eu* genérico de acordo com a BCSN.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 12: Representação conceptual do *você* genérico de acordo com a BCSN.



Fonte: Elaboração própria.

As figuras 11 e 12 demonstram o processo cognitivo referente à interpretação de enunciados com os dêiticos *eu* e *você* genéricos, respectivamente, à luz da BCSN. Como é possível observar, a referência genérica é estabelecida, em ambos os casos, no DC. Nesse domínio, a letra *g* corresponde a um *conjunto indeterminado de indivíduos*. É nesse espaço, portanto, que se constrói a referência genérica, que, no entanto, é estabelecida em espaços mentais distintos devido ao conteúdo semântico associado a esses dêiticos genéricos. O *eu*, cuja interpretação é alimentada em última instância pelo MCI biográfico do falante no CDC, é projetado para o DC e alocado em um Espaço de Habitualidade. A existência desse local conceptual é influenciada pelas informações acessadas no MCI biográfico, que embora representem um conjunto de experiências individuais, podem ser generalizadas e associadas a outros indivíduos. Portanto, o Espaço de Habitualidade remete a um comportamento que ocorre com certa regularidade, que pode estar relacionado a um conjunto de seres que transcende ao contexto imediato, ampliando assim, o seu escopo referencial.

O *você* genérico, por outro lado, não está ancorado a um MCI específico, estabelecendo sua projeção no DC em um Espaço de Hipótese. Esse espaço mental se configura como uma representação hipotética de uma situação que não é necessariamente vivida pelo ouvinte naquele momento, mas que poderia ser. Assim, a associação do *você* genérico com esse

local conceptual sugere uma referência mais relacionada a uma situação em potencial do que a um interlocutor específico. Isso, porém, não anula a relação entre o ouvinte e o dêitico analisado. Devido a questões discursivas e pragmáticas, o *você*, mesmo não se referindo a um indivíduo em particular e sim a uma abstração, continua sendo interpretado como uma referência indireta do ouvinte. Isso ocorre devido à natureza dialógica do discurso, baseada na existência de, pelo menos, dois interlocutores em potencial, quais sejam, falante e ouvinte. As circunstâncias pragmáticas também reiteram a relação do *você* genérico com o ouvinte. Quando um cenário hipotético apresenta essa expressão genérica, ele “convida” o ouvinte a se posicionar mentalmente no lugar daquele *você*, mesmo que ele represente um conjunto abstrato de interlocutores. Por isso, a projeção para um Espaço de Hipótese não elimina a ligação com o ouvinte, na medida em que este é preservado como ponto de ancoragem interpretativa e expande a sua referência ao incluir outros interlocutores em potencial. Dito de outro modo, a configuração desse espaço captura o fato de que, diante de dêiticos pessoais genéricos, nós produzimos a interpretação de que uma determinada situação (aquela denotada pelo verbo da cláusula em questão) não se aplica a um indivíduo particular, mas a um conjunto inespecífico de entes.

A construção do significado do *eu* e do *você* genéricos ocorre de forma similar, isto é, ambos apresentam uma relação intrínseca, com o *ground* – como se pode constatar comparando a ligação entre o CDC e DC das figuras 11 e 12. Ao mesmo tempo, conforme argumentamos acima, defendemos que os dêiticos genéricos *eu* e *você* não são semântico-pragmaticamente equivalentes. Segundo a nossa proposta, se a semelhança entre eles (que é inegável) reside na existência de uma relação conceptual com os interlocutores impostos e na interpretação em última instância genérica, ao passo que a diferença reside no MCI armazenado em uma das estruturas conceptuais do CDC e, sobretudo, nos espaços mentais presentes no DC. Especificamente, defendemos que (i) no caso do *eu*, o referente genérico *g* do Espaço de Habitualidade (situado do DC) se conecta ao referente específico *f* (Falante) do Espaço de Ato de Fala (situado no CDC), que é alimentado por um MCI de informações biográficas do Falante, ao passo que (ii), no caso do *você*, o referente genérico *g* do Espaço de Hipótese (situado do DC) se conecta ao referente específico *o* (Ouvinte) do Espaço de Ato de Fala (situado no CDC).

Em suma, e crucialmente, sustentamos que os chamados dêiticos genéricos *eu* e *você* não são de fato inteiramente genéricos, pois apresentam uma referência conceptual implícita aos seus respectivos interlocutores prototípicos. Para ilustrar essa caracterização, observe os dados:



(27) [...] Então a vida adulta é mais solitária, **VOCÊ não consegue encontrar mais as suas amigas, os seus amigos, como VOCÊ encontrava antes.** Não adianta. **é uma luta para VOCÊ marcar uma reunião. quando VOCÊ é adolescente, VOCÊ assim, marca vai dormir, fica lá final de semana.**

No excerto acima, a *youtuber* Gabi comenta os desafios da vida adulta em relação à manutenção das amizades. Destacam-se os usos do *você* genérico como ferramenta generalizadora, permitindo que o público se identifique e inclua-se nas situações descritas pela interlocutora. A escolha do *você* genérico ainda apresenta um caráter subjetivo similar ao do *eu*, na medida em que ambos impessoalizam o enunciado por meio de expressões intrinsecamente ancoradas ao contexto de enunciação. Entretanto, o *você* promove um outro recorte semântico, ao fazer emergir outro personagem da cena comunicativa, qual seja, o ouvinte. De fato, o termo, conforme a sua definição canônica, identifica o interlocutor com quem falamos, sendo este significado colocado em proeminência quando empregamos a expressão em seu sentido central. Diante disso, sugerimos que, mesmo em seus usos periféricos, como no caso da expressão de genericidade, o dêitico *você* ainda teria esse viés semântico presente em sua rede.

Além disso, percebemos que a alternância do *você* para o *eu* no excerto anterior provoca uma modificação sutil do significado de cada uso dêitico. Esse tipo de impossibilidade de substituição é mencionado por Marmaridou (2000, p.77). A autora defende que, em algumas situações discursivas, pronomes pessoais de uso genérico, como o *you*, não poderiam ser substituídos por outras expressões de sentido aproximado, e se refere ao interlocutor desse *you* como *quasi-generic addressee*<sup>24</sup>. Segundo a pesquisadora, mesmo que certos termos não codifiquem um destinatário específico, eles evocam um tipo particular de interlocutor, devido ao contexto e aos objetivos comunicativos próprios do gênero em que o referente está inserido. Veja o exemplo a seguir (MARMARIDOU, 2000, p.77):

(28) You beat the eggs until fluffy.<sup>25</sup>

O enunciado (28) ilustra a concepção de *quasi-generic addressee* proposta pela autora. Aqui, o dêitico não pode ser trocado por outra expressão impessoal sem que haja mudança de

<sup>24</sup> Destinatário quase-genérico. (Tradução própria).

<sup>25</sup> Você bate os ovos até ficarem fofos. (Tradução da própria).

sentido, pois o *you*, mesmo que indique um interlocutor indeterminado, simula uma interação com um indivíduo interessado em produzir uma receita culinária. Desse modo, o dêitico não é tão abrangente e impessoal quanto termos como *pessoa* ou *pessoal*, já que evoca um perfil de audiência específico, a despeito de os indivíduos serem desconhecidos.

De modo semelhante, o *eu* genérico também não permite uma alternância com outros termos impessoais, devido à preservação semântica de sua função original. Veja o exemplo abaixo:

(29) E eu também não to falando que em algum momento da vida a gente não precisa dedicar mais tempo a esse campo ou focar um pouco mais nesse campo. Só que esse campo não pode nos fazer esquecer dos outros campos da roda da vida. Eu particularmente acredito que a gente não deve colocar tanto peso nesse campo, primeiro porque é um campo que não depende só da gente. Segundo é um campo como todos os outros, então não dá para sei lá, **às vezes EU sei lá tô muito bem em todas as áreas da minha vida e aí EU sei lá achar que a vida tá infeliz somente porque esse campo não está funcionando do jeito que a sociedade ou que EU acredito que deva acontecer.** Vocês conseguem entender?

No trecho, o *eu* destacado em caixa alta não se restringe a uma pessoa específica, podendo referenciar qualquer pessoa que esteja refletindo sobre suas vivências. Contudo, esse pronome, segundo argumentamos, remete ainda, em última instância, a uma experiência individual da própria falante. Assim, a fim de exemplificar um tipo de frustração relacionado a determinado campo da vida, observamos que o *eu* genérico vincula-se a um momento de introspecção da própria falante, que convida o seu interlocutor em potencial a olhar de forma compassiva para sua própria trajetória (*às vezes EU sei lá tô muito bem em todas as áreas da minha vida e aí EU sei lá achar que a vida tá infeliz somente porque esse campo não está funcionando do jeito que a sociedade ou que EU acredito que deva acontecer.*).

A interpretação dos dêiticos genéricos se ancora na interpretação dos referentes particulares, que, por sua vez, pode depender de informações biográficas compartilhadas. Esse é o caso do *eu* genérico que, em última instância, traz consigo informações referentes ao falante da cena. Segundo a nossa proposta, essas informações biográficas são capturadas, como se vê na figura 11, por meio da postulação de um MCI – base de conhecimento estável, associada à memória de longo prazo – que alimentam o Espaço de Ato de Fala, sustentando a interpretação dos dêiticos *eu* no seu sentido canônico. Como se verá adiante, esse MCI carrega informações padronizadas e relacionadas às experiências do locutor da situação comunicativa.

Em suma, e crucialmente, sustentamos que os chamados dêiticos genéricos *eu* e *você* não são de fato inteiramente genéricos, pois apresentam uma referência conceptual implícita aos seus interlocutores prototípicos. Portanto, o *eu* genérico estabelece uma referência indeterminada ancorando-a a uma entidade determinada, qual seja, o falante; e o *você* genérico estabelece uma referência indeterminada vinculando-a a uma entidade determinada, qual seja, o ouvinte.

### 3.3 A análise de dados: formalizando a hipótese

Para discutir a diferença sugerida para os dêiticos *eu* e *você* genéricos, expomos outros exemplos relevantes para a construção de nossa hipótese. O primeiro deles pertence ao seguinte contexto: a comunicadora Gabi, a partir de sua experiência morando só (explicitada nos minutos iniciais do vídeo), tira dúvidas da audiência sobre o assunto e argumenta sobre a necessidade de organização de prioridades e despesas no momento em que se decide sair da casa dos pais:

(30) [...] porque assim, a gente precisa entender a nossa realidade. Às vezes a gente entra numa vibe muito restrita e fala ‘nossa não, eu não vou pedir comida’. Só que na sua realidade você sabe que você pede comida. Então você tem que botar na sua planilha o quanto você pode gastar pedindo comida, porque você já sabe que vai acontecer. Então para aquilo não ser um desvio, sabe. Aquilo tem que tá no seu orçamento. **Ah, quanto que EU gasto pedindo no aplicativo de deslocamento de carro? Quanto VOCÊ pode gastar no mês com isso?**

Uma leitura global do excerto permite visualizar a alternância de usos genéricos ao longo do texto. A comunicadora inicia o discurso por meio de pronomes, prototipicamente, mais inclusivos e abrangentes referencialmente, como é o caso do *a gente* (*A GENTE precisa entender a nossa realidade*) e, de forma gradual, passa para itens menos inclusivos e mais delimitados, como ocorre na transição para o *eu* (*Ah, quanto que EU gasto pedindo no aplicativo de deslocamento de carro?*) e, por fim, propõe um retorno para o *você*. (*Quanto VOCÊ pode gastar no mês com isso?*) Esse processo marca a progressão do texto, que se inicia com uma reflexão geral, em que Gabi afirma que é necessário compreender os hábitos de consumo quando se deseja morar só, e finaliza o enunciado com perguntas mais

direcionadas, em que a interlocutora questiona, diretamente, o seu espectador hipotético sobre o consumo de serviços mais específicos, como o uso de aplicativo de carro.

Mesmo em se tratando de construções genéricas, ou seja, que pretendem englobar um grupo de entidades sem identificá-las, a natureza conceptual dos pronomes reverbera na formulação discursiva. Isto é, a progressão textual revela que os dêiticos genéricos presentes no início do enunciado são expressões mais abrangentes e, conseqüentemente, não identificam individualmente os interlocutores, como é o caso do *a gente*. Esse uso é motivado pela própria construção do texto, que, por tratar de um assunto mais amplo na sua parte inicial, emprega uma construção genérica mais abrangente conceptualmente. O mesmo ocorre diante da restrição do tema: à medida que se torna mais específico, elementos mais restritos referencialmente, como *você* e *eu*, são empregados.

Essa relação sugere que a base do significado influencia mesmo os usos menos centrais dos pronomes, como é o caso da genericidade. Essa constatação também indica quem é colocado objetivamente em proeminência no discurso, ainda que de forma metonímica. Em outras palavras, o *eu* genérico, devido ao seu uso prototípico, cuja função é estabelecer a referência do falante presente no *ground*, evoca o enunciador, mesmo que esteja se referindo a um grupo abstrato de interlocutores. A mesma lógica se aplica ao *você* genérico, originalmente responsável por situar o ouvinte presente no aqui-e-agora interacional: mesmo em seu uso periférico, a relação do dêitico com sua base conceptual resulta na focalização do participante que escuta.

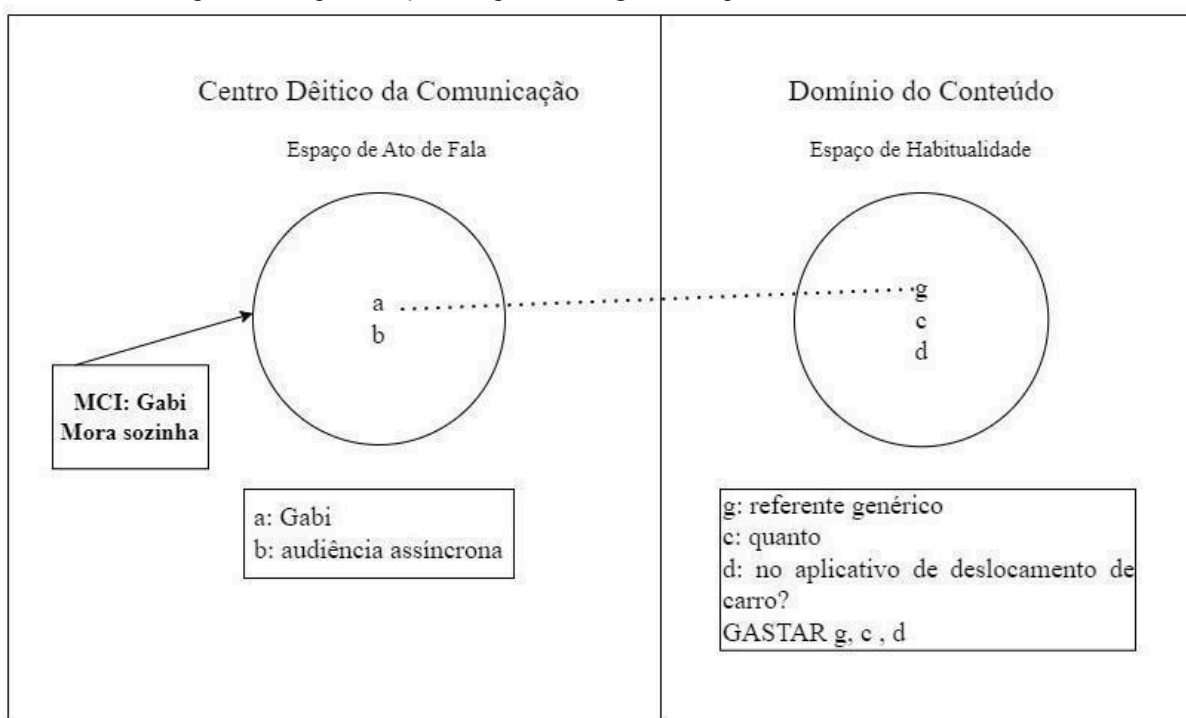
À primeira vista, os usos genéricos do *você* e do *eu* em (30) parecem intercambiáveis. Contudo, a própria alternância pronominal, ao longo do enunciado, revela a necessidade discursiva de expressões que diferenciem, pragmática e semanticamente, a dinâmica textual. Essa percepção alinha-se ao Princípio da Não-sinonímia, sustentado por Goldberg (1995). A autora analisou as distinções sintáticas de determinadas construções e concluiu que essas divergências em relação à forma estariam correlacionadas às diferenças quanto ao conteúdo semântico. Em outros termos, Goldberg (1995) defende que as variações formais, necessariamente, resultam em diferenças de sentido (entendido de maneira ampla). Assim, a escolha de uma construção, em detrimento de outra, pode alterar consideravelmente o significado do enunciado, reforçando a ideia de que não existem sinônimos perfeitos no nível semântico-pragmático.

Desse modo, espera-se que expressões diferentes em termos formais, como o *eu* e o *você*, apresentem uma estrutura conceptual distinta também em seus usos genéricos (o que, conseqüentemente, influenciará sua compreensão e aplicação discursiva). Cada elemento

linguístico coloca em proeminência certas informações, revelando, mesmo que de forma sutil, intenções comunicativas, processos cognitivos e nuances subjacentes à interação. Por isso, defendemos que, mesmo diante da indeterminação semântica presente em ambos os pronomes, os dêiticos *eu* e *você* genéricos evocam configurações conceituais distintas.

O diagrama abaixo demonstra, na prática, a aplicação de nossa proposta em um dado concreto a partir do modelo da BCSN:

Figura 13: Representação *Ah, quanto EU gasto no aplicativo de deslocamento de carro?*



Fonte: Elaboração própria.

A figura 13 representa um caso emblemático de nossa amostra. Na sequência analisada, Gabi explica que, ao morar só, é necessário pensar nos hábitos de consumo. A partir daí, ela propõe uma reflexão para o espectador: *Ah, quanto que EU gasto pedindo no aplicativo de deslocamento de carro?*. Em última instância, conforme já discutido, a interpretação desse *eu* é genérica; isto é, parte da compreensão desse enunciado envolve o entendimento de que ele se refere a *qualquer pessoa que venha a estar na situação de morar sozinha*. Esse aspecto é capturado, na figura 13, pelo fato de que a proposição denotada pela oração com *gastar* está representada no CDC, onde há um Espaço de Habitualidade. Essa representação traduz o fato de que qualquer ouvinte da passagem em questão é capaz de entender que a pergunta sobre quanto é apropriado gastar com aplicativos de transporte se

aplica a *qualquer pessoa* (que se encontre na situação de morar só e precisa organizar suas finanças).

Ao mesmo tempo, argumentamos que esse referente genérico *g* do Espaço de Habitualidade (presente no DC) se liga a um referente específico *a*, correspondente ao falante, no Espaço de Ato de Fala (presente no CDC). Isso equivale a dizer que o uso de *eu* em (30) é metonímico, já que ele menciona explicitamente o falante do *ground* comunicativo (referente *a* – veículo) a fim de fazer uma referência explícita ao referente indeterminado no DC (referente *g* – alvo). Nesse sentido, é possível afirmar que o tipo de ligação entre *a* e *g*, representada por uma linha pontilhada na figura 13, é uma função pragmática (FAUCONNIER, 1994). A interpretação do referente *a*, por seu turno, é respaldada por um MCI que captura a informação biográfica segundo a qual a falante, que antes de morar só, precisou organizar suas próprias finanças. Essas informações ficam, portanto, acessíveis no aqui-e-agora e alimentam a interpretação do referente do pronome *eu* no *Espaço de Ato de Fala*.

A conexão sistemática entre o *eu* genérico e sua contraparte prototípica – ancorada no falante – permite a suposição de que nosso objeto de estudo não se configura como um elemento tão generalizante quanto itens como *galera*, *pessoal*, *pessoas*, entre outros. Em suma, o *eu* genérico vincula-se conceptualmente ao *eu* prototípico. Algo similar ocorre nos casos do *você* genérico, como se vê no exemplo (30). Observemos a última linha desse excerto, destacado abaixo como o caso (31):

(31) Quanto **VOCÊ** pode gastar no mês com isso?

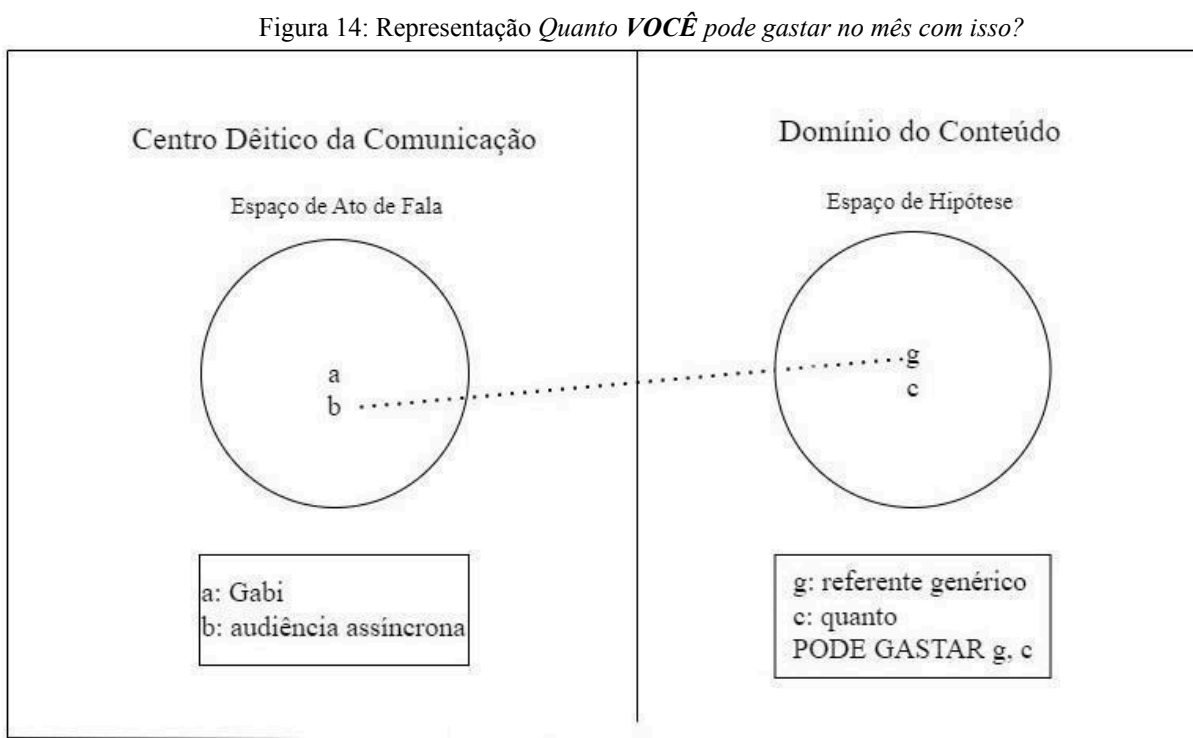
Após as reflexões propostas por Gabi, em que observamos a alternância dêitica do enunciado, o questionamento final, presente em (31), retorna ao *você* genérico. Desse modo, o discurso transita de uma experiência mais individual (*eu*), em que Gabi constrói discursivamente um exemplo colocando-se em foco, e retorna a uma forma (*você*) mais direcionada a promover uma reflexão ao ouvinte em potencial, à medida que a comunicadora se dirige ao público quando pergunta quanto ele poderia gastar com aplicativo de carros.

Em outras palavras, à medida que Gabi almeja dirigir-se diretamente ao seu ouvinte, ela coloca o seu possível interlocutor em situações potenciais por meio do uso do *você* genérico. Essa estratégia aciona o vínculo conceptual existente entre a expressão e o seu significado central, cujo objetivo é referir-se a um outro interlocutor presente no aqui-e-agora.

Portanto, a sentença final apresenta um fim bem específico: conversar de forma assertiva com a sua audiência.

Uma forte evidência de que o *você* genérico em (31) se ancora, em última instância, nos interlocutores (isto é, os espectadores do vídeo) é a própria natureza instrucional do texto: aqui, Gabi está ensinando seu público a organizar suas próprias finanças quando tiverem que fazer isso por conta própria. Note-se que, nesse sentido, o exemplo analisado aqui é fortemente análogo ao do *you* quase-genérico de Marmaridou (2000), associado ao gênero receita culinária. Evidentemente, a recorrência de pronomes de segunda pessoa genéricos em textos instrucionais não é, em si mesma, uma demonstração definitiva da associação entre o uso genérico e o uso específico, mas é, no mínimo, uma evidência relevante.

Segundo a nossa hipótese, a rede de espaços mentais que traduz o exemplo anterior pode ser contemplada na representação abaixo:



Fonte: Elaboração própria.

As figuras 13 e 14 revelam o contraste sutil entre o *eu* e o *você* genéricos. No primeiro caso, a falante projeta a si mesma ao empregar a primeira pessoa em seu sentido não-prototípico. Essa projeção é abastecida no Espaço de Ato de Fala por informações de um MCI que captura fatos da vida da falante, e ancora o elemento *a* ao Espaço de Habitualidade sob a forma genérica identificada como *g* no DC. No segundo caso, a falante direciona-se à

sua audiência em potencial, ao empregar um dêitico cuja função primordial é dirigir-se a um interlocutor. Esse cenário justificaria a ausência de um MCI de dados biográficos, pois a natureza semântico-pragmática do *você* genérico não exige, necessariamente, que informações individuais sejam evocadas, mas sim que um cenário de possibilidade ou hipótese seja aplicado a qualquer pessoa em uma situação similar. Isso supostamente explicaria a abundância de ocorrências observadas durante a compilação de dados de fala espontânea deste trabalho, em comparação às do *eu* genérico. Essa presença recorrente pode indicar um uso mais flexível do fenômeno, que estaria inserido em situações comunicativas mais diversas, sem estar, necessariamente, vinculado às experiências concretas ou individuais do enunciador.

Portanto, a primeira diferença observada no esquema mental proposto na figura 13 em relação à 14, remete à ausência da incorporação de um MCI à estrutura conceptual. Outra marca distintiva relevante na representação em foco é exposta pelo DC, onde há a emergência de um espaço mental diferente do apresentado pelo diagrama 13. Nesse local, a projeção da audiência assíncrona de Gabi, representada pelo item *b* no Espaço de Ato de Fala, é alocada no Espaço de Hipótese, onde localiza-se o referente genérico *g*. Neste espaço mental, uma situação imaginária e passível de ser atribuída a qualquer ouvinte - sem identificá-lo - é incorporada à estrutura conceptual. Desse modo, durante a interpretação genérica, o referente *b* projeta-se para o referente genérico *g*, resultando na leitura generalizante provocada pelo uso não prototípico do dêitico *você*.

Outro exemplo relevante da manifestação genérica do *você* pode ser visto a seguir:

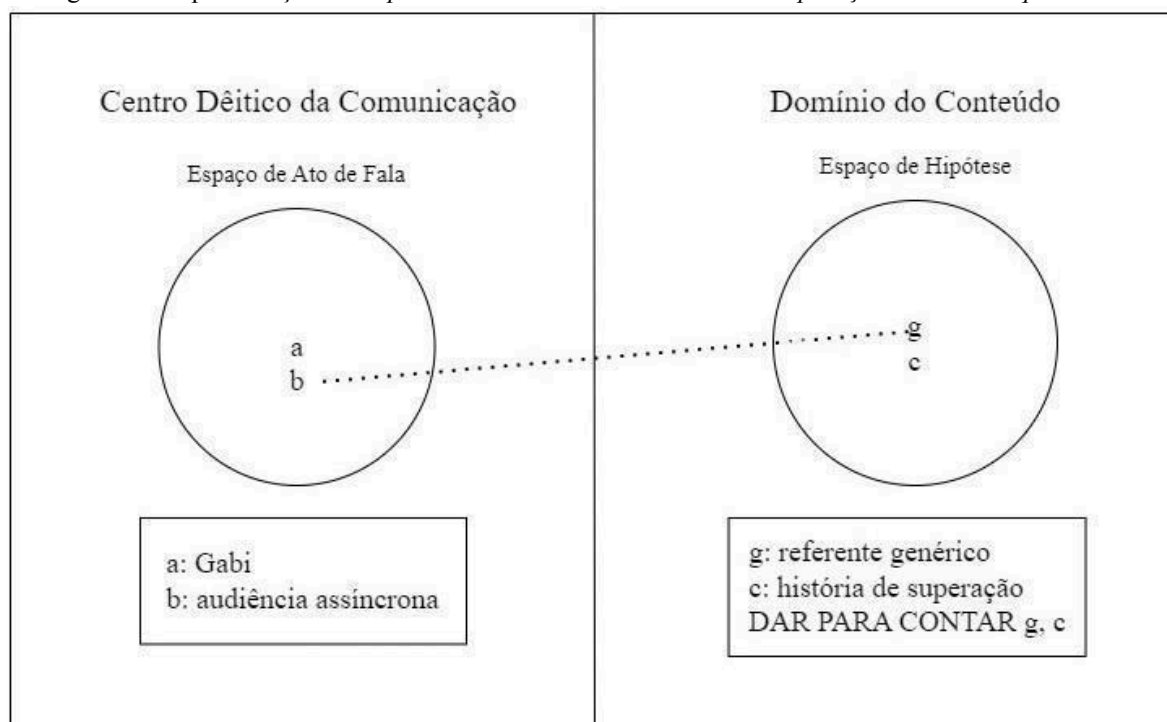
(32) [...] a quinta coisa que eu percebi e que reforçou uma crença que eu já tinha é a seguinte coisa: **dá para VOCÊ contar uma história de superação sem cair naquela coisa** de ‘quem quer consegue’, ‘bora lá’ só que não tá?! “Se você não está conseguindo é porque você não se esforçou o suficiente”. ‘Ah, quem não consegue é porque não quis, porque não se esforçou, porque não acordou tal horário’ etc. Eu já até conversei com a minha psicóloga.

Em (32) Gabi faz uma resenha da biografia de Michelle Obama, destacando os aspectos mais interessantes da obra. Dentre os pontos abordados pela comunicadora está o tom não-meritocrático da narrativa, que aponta os desafios enfrentados pela ex-primeira-dama sem romantizá-los, desafiando o senso comum que, muitas vezes, atribui o sucesso exclusivamente ao esforço individual. Por isso, a fala de Gabi sugere uma crítica a essa crença, ao argumentar, logo no início do enunciado, que *dá para VOCÊ contar uma história*



de superação sem cair naquela coisa. Esse contraponto é construído por meio da afirmação generalizante de que qualquer pessoa pode contar uma história sem recorrer a estereótipos (o sintagma *aquela coisa* refere-se à narrativa meritocrática). Nesse contexto, o uso do *você* genérico serve para universalizar o argumento, indicando que a percepção apontada por Gabi é um conceito aplicável a qualquer pessoa que queira elaborar um enredo de superação. Esse processo interpretativo resulta na seguinte rede:

Figura 15: Representação de *dá para VOCÊ contar uma história de superação sem cair naquela coisa*.



Fonte: Elaboração própria.

Assim como 14, o diagrama 15 configura-se a partir da projeção do ouvinte para um Espaço de Hipótese no DC. No *ground* comunicativo, o ouvinte, representado pelo item *b*, é projetado para o Domínio de Conteúdo, onde encontra-se o Espaço de Hipótese e as entidades que o compõem. Essa estrutura cognitiva representa a percepção de Gabi acerca das narrativas de superação e de como podem ser contadas: o narrador, sendo qualquer indivíduo capaz de se comunicar, pode relatar uma história de sucesso sem recorrer à meritocracia.

Em suma, a distinção entre os enunciados elucidados pelos diagramas 14 e 15 reside no tipo de discussão proposta. Apesar de ambos representarem uma situação hipotética, o excerto representado em 14 levanta uma reflexão mais concreta, uma vez que envolve um cenário prático e cotidiano de organização financeira. O conteúdo ilustrado pelo diagrama 15,

por outro lado, apresenta uma discussão de ordem ideológica, que envolve ações mais distantes da realidade da audiência habitual de Gabi. Ao que tudo indica, esse fato revela a complexidade de uso do fenômeno dêitico, capaz de transitar discursivamente por níveis de abstração distintos: de universos mais próximos da realidade do falante, como a organização financeira, à mais distantes, como no caso de uma crítica social.

Assim, sustentamos que o *eu* genérico ativa um MCI biográfico, que abastece a estrutura conceptual com informações relevantes para as demandas enunciativas e atreladas, em última instância, à trajetória pessoal do falante. Já o *você* genérico, diante da não-obrigatoriedade de um MCI biográfico, também apresenta recortes adequados às necessidades comunicativas. Isso sugere que as expressões analisadas, embora empregadas com a função generalizadora, carregam um vínculo conceptual com seus significados centrais, isto é, o de referenciar as entidades do aqui-e-agora. Nessa perspectiva, o *eu* e *você* genéricos não podem ser considerados termos tão inclusivos e de caráter impessoal quanto outras expressões, na medida em que, a existência desse rastro cognitivo se faz presente, diferencia-os e restringe os seus usos.

### 3.4 Conclusões e perspectivas

Este capítulo propôs uma análise baseada na Teoria de Espaços Mentais, mais especificamente, em sua expansão, a *Basic Communicative Spaces Network*. Essa abordagem demonstrou que expressões diferentes em termos formais, como o *eu* e o *você*, também apresentam distinções conceptuais (o que, conseqüentemente, influenciará sua compreensão e aplicação discursiva). Cada elemento linguístico coloca em proeminência certas informações, revelando, mesmo que de forma sutil, intenções comunicativas, processos cognitivos e nuances subjacentes à interação. Por isso, defendemos que, mesmo diante da indeterminação semântica presente em ambos os pronomes, os dêiticos *eu* e *você* genéricos evocam configurações conceptuais distintas.

O trabalho de Anunciação (2009) - mencionado no segundo capítulo deste estudo - também respalda a tese de que o *eu* genérico seria composto por domínios mais estáveis. Em sua investigação, a autora reconhece que o *eu* não-prototípico é formado por estruturas dinâmicas, porém mais consolidadas do que os espaços mentais usuais. Dessa maneira, percebe-se que a base da organização conceptual desse elemento seria feita a partir de MCIs, que mesclariam o falante factivo e o metonímico. Essas projeções revelariam o processo interpretativo de um uso menos central da expressão dêitica investigada.

Portanto, argumentamos que a manifestação genérica do *eu* pressupõe a existência de um MCI. Da sua integração à base conceptual do fenômeno por meio das projeções estabelecidas entre o Centro Dêitico de Comunicação e o Domínio de Conteúdo, depreende-se o processo de compreensão da construção linguística. Contudo, diferentemente de Anunciação (2009), que analisou como o MCI do *eu* não-prototípico emergia através do processo de mesclagem (FAUCONNIER, 1997), nós sustentamos como a incorporação do MCI à estrutura conceptual reforça os conceitos já estabelecidos no próprio modelo cognitivo que, por meio de projeções de espaços mentais, não cria um significado inteiramente novo, mas sim, reitera aspectos centrais do significado original. Enquanto o *você* genérico, por ser semanticamente mais desvinculado do enunciador, em virtude de seu uso canônico, não apresenta, obrigatoriamente, a mesma marca conceptual. Como resultado cria-se um vínculo entre o ouvinte em potencial no Espaço de Ato de Fala a um universo hipotético no Domínio de Conteúdo. Nesse sentido, há um retorno para o significado mais central da expressão, em que o *você*, ainda que em uso não-prototípico, aponta conceptualmente para o ouvinte.

Essa ausência de vínculo cognitivo com o falante, inclusive, pode explicar o maior número de ocorrências do *você* genérico em enunciados com pretensões generalizantes, quando comparado ao *eu* genérico (as buscas realizadas durante este trabalho ilustram bem essa disparidade). Assim, pode-se inferir que o *você* genérico, por não ser usado para referenciar a primeira pessoa do singular em seu sentido tradicional, desempenha um papel mais universal na construção de enunciados genéricos. Isso é observado à medida que, numericamente, nos deparamos com frequência com manifestações do *você* não-prototípico em contextos mais diversos.

Concluída essa etapa, o próximo capítulo parte para uma abordagem experimental, na qual testamos uma das hipóteses defendidas nesta seção. O objetivo do experimento é validar empiricamente a relação observada entre o dêitico genérico *eu* e as experiências do falante, contribuindo para uma compreensão mais profunda do fenômeno.

#### 4. A ABORDAGEM QUANTITATIVA E CONFIRMATÓRIA: O MÉTODO EXPERIMENTAL

A abordagem qualitativa apresentada no capítulo anterior reflete o processo de interpretação dos usos genéricos dos pronomes *eu* e *você* à luz da BCSN. Conforme nossa análise, esses dêiticos assemelham-se por apontarem para entidades não-particulares e, ao mesmo tempo, distinguem-se pela relação que ainda mantêm com seus referentes canônicos. Além disso, um desses dêiticos – o pronome *eu* – apresentaria um indicativo adicional desse vínculo cognitivo, ao exibir em sua estrutura conceptual um MCI biográfico, responsável por abastecer a configuração do novo uso com informações relacionadas às experiências do falante. Essa evidência analítica é observada no esquema conceptual do *eu* genérico.

Embora o uso da expressão sugira abrangência ou falta de especificidade, a análise proposta no capítulo anterior revela que o *eu* genérico carrega uma camada de significado profundamente enraizada nas experiências individuais do falante. Isso não impede que, em última instância, o *você* genérico também a apresente, visto que a vivência e a subjetividade do enunciador participam da construção discursiva e interpretativa. Entretanto, durante a análise de dados, observamos uma forte vinculação do uso genérico do *eu* a situações comunicativas nas quais o falante menciona ter tido algum tipo de experiência. Em contrapartida, as manifestações do *você* genérico pareciam não operar da mesma forma, uma vez que não dependiam necessariamente desse tipo de informação contextual.

Esse achado, aliado à escassez de ocorrências do *eu* em comparação com o *você* genérico, motivou a realização de um experimento. Nosso objetivo era verificar, empiricamente, a relação entre a manifestação genérica da primeira pessoa do singular e a vivência do falante, buscando assim, coletar evidências que sustentassem nossa hipótese e análise teórica de forma mais robusta.

Para tanto, elaboramos um experimento off-line de paradigma da escolha forçada em que os resultados foram avaliados por meio de um teste de qui-quadrado. Como se verá, na análise dos resultados, os dados obtidos corroboram a previsão experimental postulada, demonstrando a validade de nossa proposta. Vale ressaltar que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética (CEP), com o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de 69099823.0.0000.5582.

Neste sentido, para a melhor compreensão dos passos que envolveram a elaboração do experimento e a discussão dos resultados, este capítulo seguirá a seguinte ordem: a seção 4.1

detalha a organização geral do experimento, os materiais, os procedimentos empregados, informações sobre os sujeitos experimentais e a previsão experimental. Em seguida, a seção 4.2 apresenta e discute os resultados. Por fim, a seção 4.3 retoma aspectos gerais do capítulo e promove uma reflexão final.

#### **4.1 Procedimentos metodológicos**

Como mencionado anteriormente, a análise qualitativa culminou na elaboração de duas hipóteses. A primeira sustentava que (i) o *eu* genérico designa um conjunto indeterminado de elementos, ao mesmo tempo em que se ancora em um referente determinado, qual seja, o falante; e a segunda, que (ii) o *você* genérico designa um conjunto indeterminado de elementos, ao mesmo tempo em que se ancora em um referente determinado, qual seja, o ouvinte. Apesar de formularmos duas hipóteses, testamos somente a primeira delas, referente ao *eu* genérico. Fizemos essa opção a fim de verificar empiricamente a relação desse pronome com a experiência do falante, conforme observado nas análises da etapa anterior. Além disso, as ocorrências do *eu* genérico foram significativamente menores em comparação com os dados encontrados do *você* genérico. Portanto, a busca por outras evidências que sustentassem nossa hipótese tornou-se essencial.

No sentido de testar nossa hipótese, desenvolvemos um experimento no qual os participantes liam excertos contendo algumas frases incompletas. Os trechos eram compostos por descrições contínuas ou por diálogos, cada um apresentando uma ou duas lacunas em algum segmento. Os voluntários deveriam, portanto, ler esses fragmentos incompletos e selecionar, dentre as opções apresentadas, aquela que julgassem completar a lacuna de maneira adequada.

Dentre esses fragmentos, oito consistiam em estímulos críticos. Eles eram constituídos sempre por diálogos e abordavam situações vivenciadas por terceiros, nas quais um dos participantes revelava não ter familiaridade ou experiência com o que estava sendo discutido (mas ainda assim, expressava sua opinião sobre o assunto). Diante disso, e da hipótese referente ao *eu* genérico apresentada no capítulo anterior, segundo a qual, mesmo na interpretação genérica, o *eu* está, em última instância, associado ao falante, nossa previsão era a de que a escolha pelo *eu* genérico seria menos frequente que a escolha pelo *você genérico*. Se essa previsão se confirmasse, isso revelaria o vínculo desse pronome genérico à sua

natureza dêitica prototípica, isto é, sua ancoragem, ainda que sutil, nas informações referentes ao enunciador.

#### 4.1.1 O desenho experimental

Foi desenvolvido um experimento off-line, baseado no paradigma de escolha forçada, em que cada participante era apresentado a excertos com uma ou duas lacunas seguidos de uma pergunta acerca da maneira mais natural de completá-la(s). Dois exemplos podem ser vistos a seguir:

Figura 16 - Recorte dos estímulos do experimento

Finalmente, o dia da partida chegou. \_\_\_\_\_ o carro até o teto com malas, equipamento de camping e lanches. As crianças estavam cheias de empolgação, e até o cachorro, Rex, estava ansioso para a aventura.

Qual é a maneira mais natural de preencher a lacuna acima?

- a) Nós empacotamos
- b) A gente empacotou
- c) Qualquer uma das anteriores

Fonte: Elaboração própria.

Figura 17- Recorte dos estímulos do experimento.

Júlia: Pois é. Eu, pessoalmente, sempre tive relacionamentos muito saudáveis, em que fui muito respeitada. Agora, eu acho o seguinte... quando \_\_\_\_\_ pelo que a Carla está passando, \_\_\_\_\_ tomar algumas decisões difíceis para sair dessa situação.

Carol: É verdade, parece que ela sempre acaba se envolvendo com pessoas que a tratam muito mal.

Júlia: Pois é. Eu, pessoalmente, sempre tive relacionamentos muito saudáveis, em que fui muito respeitada. Agora, eu acho o seguinte...quando \_\_\_\_\_ pelo que a Carla está passando, \_\_\_\_\_ tomar algumas decisões difíceis para sair dessa situação.

Qual é a maneira mais natural de preencher as lacunas acima?

- a) eu passo/eu preciso
- b) você passa/você precisa
- c) qualquer uma das anteriores

Fonte: Elaboração própria.

Cada trecho apresentava situações diversas, ora apresentadas sob a forma de uma narrativa contínua, como na figura 16, que narra o momento de partida de uma viagem; ora sob a forma de diálogo, conforme a figura 17, em que é mostrada uma conversa entre as personagens Júlia e Carol. As lacunas dos estímulos críticos eram localizadas na posição de sujeito, ao passo que, as dos distratores podiam ocupar qualquer posição sintática. Ao distribuímos as lacunas dos estímulos distratores em posições variadas, e com isso tornar os estímulos mais diversificados, buscamos reduzir a probabilidade de identificação do objeto do estudo por parte dos voluntários.

Após a leitura de cada excerto, o participante deveria completar a(s) lacuna(s) por meio da escolha de uma das três alternativas que parecesse, em sua opinião, mais adequada/natural, identificadas como (A), (B) ou (C).

#### **4.1.2 Composição e distribuição dos estímulos**

Foi elaborado um total de 31 estímulos: três de treinamento, 20 distratores e oito críticos. Os estímulos de treinamento foram inseridos para evitar que os participantes tivessem dúvidas sobre a tarefa experimental no momento da execução do teste.

Os estímulos tratavam de temas diversos, como viagens, clima, comida, entre outros, e o que os distinguiu era o formato. Os de treinamento e os distratores se alternavam entre um padrão dialógico e de um texto contínuo, ao passo que os críticos apresentavam sempre uma estrutura de diálogo. Nesses casos, o nome das personagens aparecia de forma destacada no corpo do texto e era seguido por uma fala.

Em relação às alternativas, o conteúdo de cada opção variava de acordo com o sentido de cada trecho, mas todas apresentavam uma estrutura similar. Por exemplo, as alternativas (A) e (B), nos estímulos distratores, sempre apresentariam possibilidades viáveis e quase sinônimas de preenchimento para os excertos lidos, e a (C) era sempre *qualquer uma das*

*anteriores*. Nos estímulos críticos, as opções (A) e (B) continham ou o pronome *você* ou *eu*, associados ao verbo ou expressão que completasse o trecho lido; neste caso, as alternativas (A) e (B) eram contrabalanceadas em relação aos pronomes, ao passo que a (C) também era sempre *qualquer uma das anteriores*.

Os estímulos críticos eram elaborados de modo que a(s) lacuna(s) a serem completadas eram precedidas pelo advérbio *quando* ou pela conjunção adversativa *mas*. Em todos os casos, tratavam-se de situações hipotéticas e também adversas pelas quais o enunciador não teria passado (o que ficava explícito em sua fala).

Nos estímulos de treinamento e distratores, as alternativas (A) e (B) apresentavam itens diversos: adjetivos, verbos, substantivos, pronomes possessivos, pequenos trechos, entre outros. Essa pluralidade tinha o intuito de evitar que os participantes percebessem qual era o objeto de pesquisa presente nos estímulos críticos. Assim, a partir da seleção de uma dessas classes de palavras ou formatos, formulávamos opções com significados similares. Por exemplo: se em uma opção, a letra (A) trouxesse a palavra *legítimo*, a letra (B), poderia apresentar o item *verdadeiro*. A seleção de expressões com sentidos aproximados foi proposta tendo em vista as alternativas dos estímulos críticos, que não destoavam fortemente em termos de significado. Portanto, os estímulos de treinamento e os distratores foram alinhados conforme esse padrão, a fim de evitar que o sujeito experimental obtivesse qualquer tipo de indício que evidenciasse nosso objeto de estudo. A seguir, um exemplo de um dos estímulos críticos e de um dos distratores, respectivamente:

Figura 18- Recorte de um estímulo crítico do experimento.

Kaio: E a Izabel? Tem tido notícias dela?

Maria Paula: Nem te conto...assim, ela tá bem, mas só fala de teorias da conspiração, de extraterrestres visitando a Terra...

Kaio: Sério?

Maria Paula: É. Não me leve a mal, eu respeito a opinião das pessoas, mas \_\_\_\_\_ em teoria da conspiração é absurdo.

Qual é a maneira mais natural de preencher a lacuna acima?

a) você acreditar

b) eu acreditar



c) qualquer uma das anteriores

Fonte: Elaboração própria.

Figura 19 - Recorte de um estímulo distrator do experimento.

Carlos: E esse calor, hein?!

Daniel: Tá terrível. O ventilador não dá conta. Mal tenho dormido.

Carlos: E os pernilongos então? É aquela \_\_\_\_\_ a noite toda.

Qual é a maneira mais natural de preencher a lacuna acima?

a) barulheira

b) barulhada

c) qualquer uma das anteriores

Fonte: Elaboração própria.

#### 4.1.3 Materiais e procedimentos

Antes de iniciar o experimento, os participantes eram instruídos oralmente sobre o desenvolvimento da atividade experimental. Após esse momento, o teste, construído no *software OpenSesame* (versão 3.2.3b1), apresentava, em suas primeiras telas, as mesmas instruções que haviam sido apresentadas oralmente, reforçando, assim, a tarefa a ser realizada. Em seguida, o sujeito era exposto a três estímulos de treinamento, para que não houvesse dúvidas acerca da tarefa. Na sequência, eram exibidos dois estímulos distratores e um estímulo crítico. Essa ordem foi seguida até o sétimo crítico, quando introduzimos três distratores. Por fim, após o oitavo estímulo crítico, foram exibidos mais três distratores. A motivação para essa forma de organização está relacionada à necessidade de encobrir nosso objeto de pesquisa e evitar que o experimento sofresse alguma interferência. A pesquisadora permaneceu o tempo todo na mesma sala em que o participante, para sanar eventuais questionamentos ou problemas técnicos com o *software*.

Os sujeitos foram expostos a um total de 31 estímulos, conforme mencionado na seção anterior. Os estímulos de treinamento e distratores poderiam exibir diálogos, como na figura

20, ou textos contínuos, como na figura 21, e apresentavam lacunas que deveriam ser preenchidas por uma das opções disponíveis na mesma tela:

Figura 20- Recorte de um estímulo distrator do experimento.

Cassiana: Quando as pessoas têm acesso a uma educação de qualidade, elas têm mais chances de alcançar seus objetivos e melhorar suas vidas.

João Victor: Verdade. A educação não apenas fornece conhecimento, mas também desenvolve habilidades, pensamento crítico e capacidade de tomada de decisão, o que pode capacitar as pessoas a saírem da pobreza e terem um futuro \_\_\_\_\_.

Qual é a maneira mais natural de preencher a lacuna acima?

- a) mais promissor
- b) mais igualitário
- c) qualquer uma das anteriores

Fonte: Elaboração própria.

Figura 21- Recorte de um estímulo de treinamento do experimento.

Portanto, \_\_\_\_\_ conselho é sempre verificar a autenticidade de qualquer oferta ou oportunidade de investimento, pesquisar a empresa ou o indivíduo por trás dela e nunca compartilhar informações pessoais ou financeiras sem ter certeza absoluta de que é \_\_\_\_\_.

Qual é a maneira mais natural de preencher as lacunas acima?

- a) o meu/verdadeiro
- b) nosso/legítimo
- c) qualquer uma das anteriores

Fonte: Elaboração própria.

Já os estímulos críticos se apresentavam apenas na forma de diálogo, como ilustrado abaixo na figura 22. Nesse contexto, os participantes eram expostos a um cenário em que os interlocutores discutem uma situação vivida por uma terceira pessoa. Em determinado momento do texto, uma das personagens deixa claro que nunca experienciou essa situação, porém manifesta sua opinião sobre o caso. Nessa perspectiva, as lacunas seriam preenchidas pela opção que, na opinião do falante, completasse melhor o texto lido. Dentre as alternativas, encontravam-se os pronomes *eu* e *você* associados a um verbo (*eu estou/você está*) e a opção *qualquer uma das anteriores*:

Figura 22- Recorte de um estímulo crítico do experimento.

Lucas: Por que você começou a estudar organização financeira?

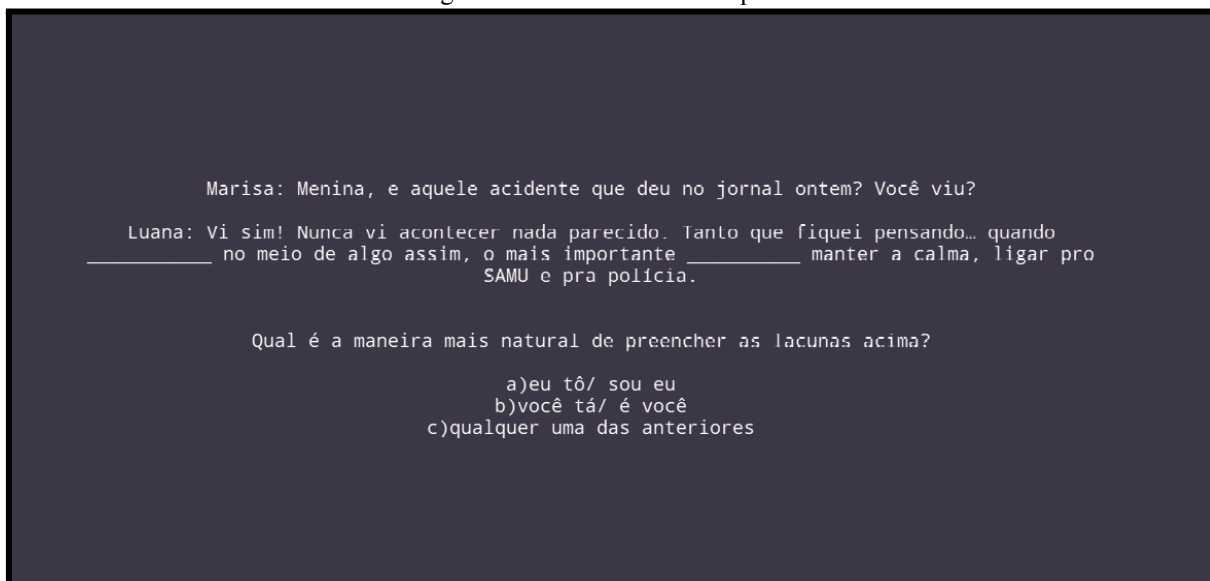
Camila: Ah, sei lá... eu ficava pensando em como as pessoas contraem dívidas desnecessárias. Eu sempre fui tão organizada, mas tem gente que vive em uma montanha-russa financeira. Lembro que uma vez, uma ex-colega de trabalho que vivia enrolada e já tinha dois empréstimos, fez mais um, porque queria comprar uma bolsa da Gucci. Cara, quando \_\_\_\_\_ em uma situação como a da minha ex-colega, \_\_\_\_\_ um empréstimo! É loucura!

Qual é a maneira mais natural de preencher as lacunas acima?

- a) você está/ você não faz
- b) eu estou/ eu não faço
- c) qualquer uma das anteriores

Fonte: Elaboração própria.

Os estímulos eram exibidos por tempo indeterminado, o que proporcionou aos participantes mais liberdade para pensarem e julgarem as alternativas que melhor completariam os excertos. Cada estímulo era exposto na mesma tela que as alternativas (A), (B) e (C), como é possível visualizar a seguir:

Figura 23 - *Print* da tela do experimento.

Fonte: Elaboração própria.

#### 4.1.4 Perfil dos participantes

O experimento contou com a participação voluntária de 60 sujeitos, entre 18 e 35 anos. Os participantes eram falantes nativos de português brasileiro e apresentavam formação universitária incompleta, em campos de conhecimento variados. A participação de alunos da graduação de Letras foi permitida até o segundo período do curso.

#### 4.1.5 Previsões experimentais e análise estatística

Explicitada a hipótese e a dinâmica subjacente ao experimento, conforme indicado acima, temos a seguinte previsão experimental:

Quadro 2: Resumo da hipótese experimental e previsão.

HIPÓTESE	PREVISÃO EXPERIMENTAL
(i) O <i>eu</i> genérico designa um conjunto indeterminado de elementos, ao mesmo tempo em que se ancora em uma referência determinada, qual seja, ao falante.	(i) A alternativa com o <i>eu</i> genérico será selecionada com menos frequência do que a alternativa com o <i>você</i> genérico.

Fonte: Elaboração própria.

Observe-se que o experimento não testa diretamente as duas hipóteses apresentadas no capítulo anterior. Com efeito, ele testa diretamente apenas a hipótese (i), na medida em que avalia se a existência de experiência pessoal em relação ao falante é pré-condição necessária para o uso bem-sucedido do *eu* genérico. A lógica aqui, portanto, é a seguinte: se os participantes optarem consistentemente pelo *você* genérico, em detrimento do *eu* genérico, nos estímulos experimentais (nos quais, como já dissemos, o falante revela não ter experiência com a situação em questão), isso será evidência de que o *eu* genérico está associado à experiência pessoal do falante (de modo que sua genericidade é, em alguma medida, relativa ou limitada) e de que o mesmo não vale para o *você* genérico. Em se comprovando essa hipótese, as alternativas restantes são a de que (i) o *você* genérico é não marcado relativamente à experiência pessoal dos interactantes ou a de que (ii) o *você* genérico é marcado relativamente à experiência pessoal do ouvinte. A segunda opção é favorecida pelo Princípio da Motivação Maximizada (GOLDBERG, 1995), mas, como dissemos, ela não está sendo diretamente testada aqui.

Para a análise estatística, foram excluídas as observações (respostas) associadas à alternativa (C). Em seguida, foi realizado um teste de qui-quadrado com as observações restantes. Partimos do pressuposto que, se os dêiticos pessoais genéricos não estiverem associados a interlocutores específicos, a escolha pelo *eu* ou pelo *você* genéricos será indiferente e, portanto, ditada pelo acaso; por isso, deve-se esperar que aproximadamente metade das respostas (excluindo aquelas da alternativa (C)) corresponda ao *eu* e metade, ao *você*. Assim, caso haja um afastamento significativo em relação a essa expectativa, com escolha significativamente mais frequente do *você* em comparação com o *eu*, teremos evidência de que a escolha não é casual e de que mesmo o *eu* genérico está associado, em alguma medida, à experiência pessoal do falante.

## 4.2 Resultados

Conforme apresentado na seção anterior, foi testada a hipótese de que o uso do *eu* genérico seria ancorado, em alguma medida, nas experiências do falante. Isso se traduziu na previsão experimental de que a escolha pelo *eu* genérico seria menos frequente do que a escolha pelo *você* genérico (dado que, como explicado acima, nos nossos estímulos experimentais, o falante deixa claro que não experienciou a situação sobre a qual opina). A partir de agora, apresentamos e discutimos os resultados obtidos.

#### 4.2.1 Apresentação dos resultados

Obtivemos um total de 480 respostas<sup>26</sup>, distribuídas entre as variáveis investigadas. Dessa soma, 358 respostas foram a favor do *você* genérico, contra 88 para o *eu* genérico. Em termos relativos, esses resultados correspondem a 74.58% para o *você* e 18.33% para o *eu*, demonstrando a preferência geral pela segunda pessoa. A terceira opção, *qualquer uma das anteriores*, foi a menos escolhida, contando com apenas 34 respostas, representando 7.08% das escolhas dos participantes. A tabela e o gráfico abaixo sintetizam esses resultados:

Tabela 1 - Respostas por variável.

Variáveis	Frequência absoluta	Frequência relativa
Eu	88	18.33%
Você	358	74.58%
Qualquer uma das anteriores	34	7.08%

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 1 - Respostas por variável



Fonte: Elaboração própria.

<sup>26</sup> Apresentamos no Apêndice D uma tabela detalhada com as escolhas de cada um dos sujeitos experimentais.

À primeira vista, os resultados parecem corroborar com a nossa previsão experimental. Contudo, para verificarmos se os resultados acima apresentam valores estatisticamente significativos e não acidentais, submetemos os dados a um teste de qui-quadrado. Para isso, antes descartamos as respostas do tipo *qualquer uma das anteriores*, que, como vimos, foram minoritárias. A lógica desse descarte é a seguinte: se os dêiticos *eu* e *você* genéricos fossem semanticamente equivalentes, seria de se esperar que, no conjunto de dados em que um dos dois fosse escolhido, cada dêitico fosse escolhido aproximadamente 50% das vezes. Logo, se compararmos o percentual de escolha de cada dêitico *desse conjunto* com o percentual de escolhas esperadas, podemos verificar, via teste de qui-quadrado, se a diferença entre a frequência observada e a frequência esperada é estatisticamente significativa. Vejamos:

Tabela 2 - Frequência observada e esperada.

<b>Categoria</b>	<b>Frequência observada</b>	<b>Frequência esperada</b>
Eu	88	223 (50.000%)
Você	358	223 (50.000%)

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 3 apresenta os dêiticos avaliados, *eu* e *você*, e suas respectivas frequências observadas e esperadas. A frequência observada reflete o número de ocorrências registradas pelo experimento, enquanto a frequência esperada representa um cenário no qual os dados fossem distribuídos de maneira aleatória. Nesse sentido, uma breve análise já permite a constatação de uma discrepância entre frequências, revelando que a frequência real é menor que a esperada para o dêitico *eu* e maior que a esperada para o dêitico *você*. Essa diferença é estatisticamente significativa ( $p < 0.0001$ ), evidenciando a existência de um padrão na distribuição das categorias avaliadas que não pode ser explicado como fruto do acaso.

#### **4.2.2 Discussão dos resultados**

Explicitamos que nosso experimento buscava comprovar que as formas genéricas estudadas estariam ancoradas, em última instância, às experiências dos interlocutores. Dessa forma, nossa previsão era a de que a escolha pelo *eu* genérico seria menos frequente, uma vez

que, nos estímulos, a falante revelava não ter experiência pessoal com os eventos discutidos. Os resultados apontam que, na maior parte dos casos, os participantes, ao se depararem com esses cenários, nos quais ficava explícita a inexperiência do enunciador, optaram de fato pela alternativa com *você*, em detrimento da alternativa com *eu*.

Esse achado corrobora com nossa hipótese referente ao pronome *eu*, na medida em que evidencia uma forte restrição para o seu uso: o pronome pessoal *eu* não pode ser usado com significado genérico quando o evento denotado não pode ser associado à experiência do falante. Isso sugere que esse dêitico é reservado à contextos em que o falante faz uso de sua vivência prévia, mesmo que de forma ilustrativa, isto é, para fins exemplificativos.

Essa descoberta, portanto, está em consonância com a hipótese defendida em nosso trabalho. No capítulo anterior, sustentamos que a distinção fundamental entre o *eu* e o *você* genéricos consiste na existência de um vínculo conceptual desses pronomes com os seus significados mais centrais, ou seja, em relação aos seus referentes canônicos – o falante e ouvinte, respectivamente.

Marmaridou (2000) menciona um fenômeno similar, ao destacar o papel dos dêiticos pessoais não-prototípicos. Em sua análise, a autora aponta que determinados usos representam uma referência quase-genérica, pois, apesar de estenderem seu campo semântico para uma aplicação mais inespecífica, ainda mantém um elo conceptual com seu uso particular e canônico. Esse é o caso do pronome *you*, exposto pela linguista como exemplo de um dêitico que, em certos contextos, como o de uma receita culinária, perfila um grupo indeterminado de seres, mas ainda assim, preserva a referência a um interlocutor direto. A autora acrescenta que a própria impossibilidade de substituição do pronome *you* por outra expressão generalizante demonstra a importância do vínculo conceptual do dêitico para o gênero textual receita. Isso ocorre porque essa expressão, mesmo em seu uso genérico, mantém uma relação direta com o leitor, e a alternância para um termo mais impessoal, enfraqueceria essa conexão e o viés pragmático envolvido na comunicação prototípica das instruções pertinentes à preparação de um prato.

Assim, nossos resultados fortalecem a concepção da quase-genericidade do dêitico *eu* (e, mais indiretamente, do *você*). Isso justificaria a restrição de uso dessa expressão a determinados contextos discursivos, como por exemplo, manuais de instruções, em que a utilização da primeira pessoa do singular genérica poderia resultar no comprometimento da relação referencial. Nesses casos, torna-se necessária uma construção discursiva que estabeleça uma referência aplicável a um público geral, sem especificar os interlocutores.



Nosso trabalho, contudo, apresenta limitações. A principal delas foi a testagem apenas de uma de nossas hipóteses teóricas, qual seja, a relação do *eu* genérico com a experiência falante. Dito de outro modo, a ausência de um experimento destinado a verificar diretamente a relação do *você* genérico com o ouvinte restringiu o potencial deste trabalho em termos de evidências sobre a dinâmica de referência associada a esses dois elementos. Afinal, explorar o comportamento do *você* genérico por meio de um experimento, ofereceria mais robustez à análise discutida no capítulo 3 e, possivelmente, revelaria aspectos adicionais acerca do uso do pronome em sua interpretação genérica. Assim, essa limitação oferece, ao mesmo tempo, um possível caminho de desdobramento desta pesquisa, qual seja, observar empiricamente, como se estabelece a relação entre o ouvinte e a utilização do *você* genérico.

Outra restrição observada durante o desenvolvimento do trabalho foi em relação aos tipos de estímulos críticos. Elaboramos somente oito estímulos críticos, todos eles baseados no mesmo modelo: um diálogo entre duas personagens em que, uma delas opina sobre uma situação sobre a qual não tem experiência. Esse formato e tema, apesar de destacarem a relação que buscávamos verificar – o vínculo entre o *eu* genérico e a experiência do falante – refletem apenas uma pequena porção dos contextos em que os dêiticos genéricos são usados. Assim, a inclusão de estímulos críticos que refletissem outras configurações textuais e discursivas poderia também contribuir para identificar padrões mais complexos na utilização dos dêiticos genéricos, revelando aspectos que, neste estudo, permaneceram ocultos.

Apesar das restrições observadas nesta investigação, nosso trabalho destaca-se pela utilização de dados experimentais, para além dos dados de fala espontânea, costumeiramente, empregados em pesquisas sobre os dêiticos não-prototípicos do português. Essa abordagem diferencia-se das demais, pois permitiu uma análise mais controlada, comprovando aspectos observados na amostra, mas que poderiam ficar menos evidentes, ou ser respaldados por evidências menos robustas, se contássemos somente com dados naturalísticos.

### **4.3 Conclusões e perspectivas**

Este capítulo detalhou o percurso metodológico adotado durante a elaboração do experimento desenvolvido e discutiu os resultados obtidos a partir dele. Por meio de um desenho experimental off-line baseado no paradigma da escolha forçada, comprovamos empiricamente uma das hipóteses-guia deste trabalho: a alegada relação intrínseca entre o item genérico *eu* e seu referente canônico. Conforme observado, os resultados revelaram o

vínculo conceptual proposto nos diagramas desenvolvidos com base na versão da BCSN da Teoria dos Espaços Mentais. Esse achado reforça a concepção de que não há intercambiabilidade perfeita no que se refere às expressões genéricas, sugerindo que dêiticos pessoais genéricos não podem ser substituídos, sem alteração de significado nem por outros dêiticos genéricos nem por outras expressões não-dêiticas que carreguem um sentido generalizante. Portanto, os dêiticos genéricos *eu* e *você* constituem uma outra categoria generalizante, descrita por Marmaridou (2000) como *quase-genéricos*. Por fim, o próximo capítulo abordará nossas reflexões finais, retomando os aspectos mais relevantes deste trabalho e avaliando as possibilidades de estudos futuros para este tema tão abrangente quanto intrigante.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao examinarmos o fenômeno da dêixis de pessoa genérica nos pronomes *eu* e *você*, esta tese buscou atingir os seguintes objetivos: na primeira etapa, (i) descrever, à luz da Linguística Cognitiva, a estrutura conceptual desses usos e a diferença semântica/pragmática entre eles; e na segunda etapa, (ii) verificar, empiricamente, a relação do *eu* genérico com seu referente prototípico, qual seja, o falante, avaliando se seu uso está de fato associado à experiência do enunciador. Assim, em função da particularidade desses objetivos, utilizamos abordagens metodológicas distintas. Por isso, iremos sintetizar as descobertas, limitações e perspectivas futuras desta pesquisa em seções separadas. Organizamos nossas reflexões finais da seguinte forma: a seção 5.1 explora a etapa qualitativa do trabalho; a seção 5.2 aborda a etapa quantitativa; e a seção 5.3 apresenta uma avaliação geral da investigação, incluindo as possibilidades de desdobramentos futuros

### 5.1 Considerações sobre a análise qualitativa

A partir do aparato teórico oferecido pela versão da BCSN da Teoria de Espaços Mentais, sustentamos que as manifestações genéricas dos dêiticos *eu* e *você* apresentam semelhanças e diferenças em sua estrutura conceptual. Em termos de similaridade, ambos os pronomes apresentam um vínculo conceptual com seus referentes prototípicos, respectivamente, falante e ouvinte. Já em relação às suas particularidades, observamos que o *eu* genérico apresenta um MCI de experiência, juntamente com uma projeção para um Espaço de Habitualidade; enquanto o arranjo cognitivo do *você* revela a ausência desse modelo cognitivo e uma projeção para um Espaço de Hipótese.

O MCI acionado pela estrutura conceptual do *eu* genérico reflete as vivências do falante nos mais variados contextos e abastece o Espaço de Ato de Fala. Ao integrarem esses dados, eles são projetados para o Domínio de Conteúdo, mais especificamente, para o Espaço de Habitualidade, localizado dentro desse local conceptual. Nesse espaço mental, a falante projeta, indiretamente, suas experiências em relação ao que está sendo enunciado; ao mesmo tempo, em que a interpretação desejada é a genérica, de modo que a referência contempla indivíduos inespecíficos que ultrapassam o contexto imediato. Já a configuração derivada da ocorrência do *você* genérico não apresenta a mesma estrutura conceptual. Embora compartilhe uma semelhança referencial com o *eu* – ambos remetem, em última instância, a seus

referentes prototípicos, respectivamente, falante e ouvinte –, o *você* genérico não é abastecido por um MCI associado a informações biográficas do seu referente canônico. Essa distinção, em tese, explicaria o maior número de ocorrências do *você* genérico em comparação às manifestações do *eu* genérico na amostra investigada. A aparente falta de vínculo direto com a experiência do enunciador, permitiria um uso mais flexível do *você* genérico, que se adaptaria a uma variedade de contextos, independentemente da vivência do falante. Portanto, a não obrigatoriedade a um vínculo pessoal tornaria o *você* genérico uma expressão mais adequada para situações hipotéticas, favorecendo discussões que não necessariamente exigem a experiência pessoal do enunciador. Assim, as informações do Espaço de Ato de Fala são projetadas para o Espaço de Hipótese, alocado no Domínio de Conteúdo. Esse espaço mental explora cenários alternativos que não se limitam às experiências do enunciador, promovendo generalizações a partir de situações que extrapolam a sua vivência.

Essas diferenciações não apenas reforçam o Princípio da Não-sinonímia (GOLDBERG, 1996), que defende a existência de sentidos diferentes para formas distintas, como também revelam que, em alguma medida, essas expressões não são tão genéricas. Marmaridou (2000) menciona esse fenômeno ao apontar a existência de expressões quase-genéricas, isto é, manifestações que apresentam usos generalizantes, mas que não são substituíveis em todos os contextos por outras expressões de conteúdo semântico similar. Em outras palavras, o *eu* e *você* genéricos não poderiam ser substituídos por expressões semelhantes em todas as situações comunicativas. A motivação para essa impossibilidade, a princípio, pode estar associada ao vínculo conceptual intrínseco desses dêiticos com seus respectivos referentes.

Essa constatação explicaria a ausência do *eu* genérico, por exemplo, em gêneros textuais instrucionais mais formais, como regulamentos e manuais. O vínculo conceptual dessa expressão com seu referente prototípico interferiria no processo de referenciação necessário para o diálogo com uma gama ampla de interlocutores. Logo, o uso desse item em tais contextos dificultaria a compreensão da referência, ou seja, o leitor poderia não saber a quem as instruções estariam direcionadas. Dessa forma, a primeira pessoa genérica não atenderia à referência genérica desejada nesse tipo de texto.

Apesar dessas descobertas, nosso trabalho apresenta algumas lacunas a serem preenchidas futuramente. Uma delas refere-se à amostra analisada. Centramos nossas buscas em um formato dialógico de vídeo, ao constatar que esse material oferecia um ambiente propício para a ocorrência de elementos dêiticos (tanto prototípicos quanto periféricos). Contudo, o foco somente neste tipo de material restringiu nossa investigação, limitando a

análise àquelas interações específicas e não explorando outros formatos e contextos que poderiam revelar diferentes manifestações dos dêiticos.

## 5.2 Considerações sobre a análise quantitativa

Por meio do experimento desenvolvido nesta pesquisa, pudemos identificar evidências em favor da existência de um vínculo conceptual entre o *eu* genérico com seu referente tradicional, qual seja, o falante. Essas evidências decorreram dos resultados de um experimento de escolha forçada, em que se verificou que o *eu* genérico é, em larga medida, bloqueado em contextos nos quais a situação denotada não está associada à experiência individual do falante. Em particular, o experimento demonstrou que uma diferença significativa entre a opção por *eu* e *você* genéricos nesses contextos (com ampla preferência pelo *você*), corroborando com nossa proposta inicial, segundo a qual o uso do dêitico genérico de primeira pessoa estaria associado à experiência do falante.

Essa abordagem confere ineditismo ao nosso trabalho, pois, apesar do fenômeno da dêixis ter sido amplamente explorado dentro – e fora – do campo cognitivista (ANUNCIÇÃO, 2009; FERREIRA, 2006; FONTES, 2017; MARMARIDOU, 2000), nenhuma das investigações discutidas nesta pesquisa propôs um estudo experimental. Esse tipo de indagação permitiria não somente verificar empiricamente as hipóteses teóricas, mas, sobretudo, aprofundar a compreensão dos mecanismos subjacentes ao uso dos elementos dêiticos em contextos específicos.

Apesar do avanço proveniente dessa abordagem, nosso trabalho apresentou uma limitação no que tange à avaliação do *você* genérico. Como explicado no capítulo anterior, apenas a hipótese teórica relativa ao *eu* genérico foi verificada experimentalmente. Essa decisão metodológica limitou nossa investigação no sentido de uma observação comparativa mais profunda entre esses dêiticos, em que poderia ter sido possível comprovar empiricamente as distinções sustentadas pela análise qualitativa. Para avançar nesse sentido, estudos futuros podem priorizar uma abordagem experimental focada na interpretação do *você* genérico.

Na seara das possibilidades futuras, um outro aspecto que merece atenção nas próximas investigações refere-se ao perfil dos participantes do experimento. Em nosso trabalho, o único critério exigido dos voluntários foi a graduação incompleta, independentemente do curso. Contudo, existem outras características relevantes que poderiam

ser consideradas no momento da composição do perfil dos sujeitos experimentais, como, por exemplo, a questão da neurodivergência. Esse critério pode enriquecer ainda mais a discussão proposta; afinal, é plausível supor que perfis neurológicos atípicos tendam a interpretar usos mais periféricos e abstratos de maneira distinta, como é o caso dos dêiticos *eu* e *você* genéricos, concebidos como representações metonímicas. Afinal, usos figurativos desse tipo são amplamente reconhecidos pela literatura como obstáculos para a compreensão de sujeitos experimentais neuroatípicos, especialmente aqueles no espectro autista (HAPPÉ, 1995b;; MOUSINHO, 2003; ADACHI et al., 2004; GOLD, FAUST E GOLDSTEIN, 2010; RUNDBLAD E ANNAZ, 2010).

Para além disso, pesquisas experimentais sobre dêiticos com sujeitos autistas têm esclarecido diversas questões relacionadas ao processamento do fenômeno dentro desse grupo cognitivo. Mizuno et al. (2011), por exemplo, desenvolveram um trabalho focado na mudança de perspectiva ocasionada pela alternância dêitica. Nessa pesquisa, os autores compararam o tempo de reação de dois grupos, um de autistas e outro de neurotípicos, em relação ao uso da primeira e da segunda pessoa do singular. Mizuno et al. (2011, p. 2423) defendem que os autistas apresentam maior dificuldade na associação do *eu* e do *você* a seus referentes corretos diante de uma alternância referencial durante a interação. Desse modo, os voluntários foram expostos a dois cenários distintos: um em que uma personagem aparece com um livro aberto, onde se observa uma imagem em cada página; e outra em que a mesma personagem aparece com uma página voltada para si mesma, e outra para o participante. Em seguida, o voluntário deveria responder o que a personagem estava vendo quando o livro estava um pouco fechado, ou o que o próprio participante observava diante da mesma situação. O objetivo era estimular os sujeitos a realizar as trocas dêiticas necessárias para estabelecer a referência adequada às imagens visualizadas na tela e requeridas pelo questionamento proposto. Os pesquisadores concluíram que, os participantes autistas apresentaram maior tempo de resposta para esses estímulos em comparação aos participantes neurotípicos.

Somando-se às evidências de que indivíduos autistas apresentam maior dificuldade com a interpretação de enunciados figurativos com as evidências de que esses mesmos sujeitos nem sempre identificam com facilidade a referência de elementos dêitico, é possível que a interpretação de dêiticos genéricos também imponha desafios para indivíduos com TEA. Diante disso, um estudo experimental sobre a interpretação de dêiticos genéricos que incluísse esses sujeitos seria bem-vinda, além de poder auxiliar na identificação de dificuldades específicas desse público, possibilitando o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de comunicação destinada a esse perfil neurológico.

### 5.3 Avaliação geral do trabalho

Esta tese representa uma contribuição ao campo da Linguística Cognitiva, na medida em que investiga a estrutura conceptual dos usos genéricos dos dêiticos *eu* e *você* por meio de uma combinação de abordagem qualitativa observacional e quantitativa experimental. Essas abordagens revelaram não apenas distinções entre as duas formas linguísticas, mas também a semelhança semântica sugerida pela influência dos sentidos prototípicos dessas expressões.

No entanto, cada uma dessas empreitadas analíticas apresentou suas limitações. A primeira padeceu de uma restrição da amostra de dados de fala espontânea, que contou com apenas um formato discursivo e com poucas ocorrências significativas. A segunda foi prejudicada, sobretudo, pela exclusão da testagem direta da variável relacionada ao *você* genérico, analisada apenas indiretamente por meio dos resultados da hipótese do *eu* genérico.

Apesar das limitações, este trabalho avança no entendimento teórico dos usos genéricos dos dêiticos *eu* e *você*, na medida em que inova tanto do ponto de vista teórico-descritivo, ao capturar sua distinção semântica por meio do modelo da BCSN da Teoria dos Espaços Mentais, quanto do ponto de vista metodológico, ao empreender uma abordagem experimental.

## REFERÊNCIAS

- ADACHI, Taeko et al. The metaphor and sarcasm scenario test: A new instrument to help differentiate high functioning pervasive developmental disorder from attention deficit/hyperactivity disorder. **Brain and development**, v. 26, n. 5, p. 301-306, 2004.
- ANUNCIACÃO, J. D. S. **‘Quando eu não sou eu’: Mesclagem conceptual em dêiticos de primeira pessoa**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- ATWOOD, M. **O conto da aia**. Tradução de Ana Deiró. São Paulo: Rocco, 2017.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. Social structure, groups and interaction. In: **Social markers in speech**. Cambridge University Press, 1979. p. 291-341.
- FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge University Press, 1997.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- \_\_\_\_\_, SWEETSER, E. **Subjectivity and upwards projection in mental space structure**. In: DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. (Orgs.) **Viewpoint in language: a multimodal perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- FERREIRA, J. S. **A interpretação sociocognitiva dos dêiticos no discurso**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras. UFRJ, 2006.
- FILLMORE, C. **Lectures on deixis**. 1971. Indiana University. UCLA, 1975.
- FONTES, V. M. F. **Dêixis e construal: uma abordagem cognitivista das formas ‘nós’ e a ‘gente’**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- GEERAERTS, D. Introduction: A rough guide to Cognitive Linguistics. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Cognitive Linguistics: Basic readings**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- GARCIA, Marília. **Um teste de resistores**. 7Letras, 2014.
- GOLD, Rinat; FAUST, Miriam; GOLDSTEIN, Abraham. Semantic integration during metaphor comprehension in Asperger syndrome. **Brain and Language**, v. 113, n. 3, p. 124-134, 2010.



GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University Press, 1995.

HAPPÉ, Francesca. Understanding minds and metaphors: Insights from the study of figurative language in autism. **Metaphor & Symbol** 10. 4, 275-295, 1995b.

LANGACKER, Ronald. **Cognitive Grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

LEVINSON, S. C. 1983. Dêixis. In: \_\_\_\_\_. **Pragmática**. (Trad. Luís Carlos Borges e Aníbal Mari). São Paulo: Martins Fontes, (p. 65-120), 2007.

LYONS, J. Deixis and anaphora. In: **T. Myers (Ed.) The development of conversation and discourse**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1977.

MARINS, Juliana; DA SILVA, Humberto Soares; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. **Revisiting DUARTE (1995): for a gradient analysis of indeterminate subjects in Brazilian Portuguese**. Revista Diadorim, v. 19, p. 140-172, 2017.

MARMARIDOU, Sophia SA. **Pragmatic meaning and cognition**. John Benjamins Publishing, 2000.

MIZUNO, Akiko et al. The neural basis of deictic shifting in linguistic perspective-taking in high-functioning autism. **Brain**, v. 134, n. 8, p. 2422-2435, 2011.

MOUSINHO, Renata. **Aspectos linguístico-cognitivos da Síndrome de Asperger: projeção, mesclagem e mudança de enquadre**. Rio de Janeiro: Departamento de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

RUNDBLAD, Gabriella; ANNAZ, Dagmara. The atypical development of metaphor and metonymy comprehension in children with autism. **Autism**, v. 14, n. 1, p. 29-46, 2010.

SANDERS, T., SANDERS, J., SWEETSER, E. **Causality, cognition and communication: a mental space analysis of subjectivity in causal connectives**. In: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (Orgs.). Causal categories in discourse and cognition. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.

## APÊNDICE

### Apêndice A: Dados de fala espontânea analisados.

#### Eu genérico

<b>Número do vídeo</b>	1
<b>Publicação</b>	20/08/2019
<b>Busca</b>	04/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=n99rI_V4sZQ&amp;t=930s">https://www.youtube.com/watch?v=n99rI_V4sZQ&amp;t=930s</a>
<b>Título</b>	A realidade de morar sozinha! Afinal, quanto custa?
<b>Resumo</b>	Gabi dá dicas para a sua audiência sobre organização e planejamento quando se decide morar sozinho.
<b>Excerto</b>	“[...] porque assim, a gente precisa entender a nossa realidade sabe. Às vezes a gente entra numa vibe muito restrita e fala ‘nossa não, eu não vou pedir comida’. Só que na sua realidade você sabe que você pede comida. Então você tem que botar na sua planilha o quanto você pode gastar pedindo comida, porque você já sabe que vai acontecer. Então para aquilo não ser um desvio, sabe. Aquilo tem que tá no seu orçamento. Ah, quanto que eu gasto pedindo no aplicativo de deslocamento de carro? Quanto você pode gastar no mês com isso?
<b>Frase</b>	Ah, quanto que <b>EU</b> gasto pedindo no aplicativo de deslocamento de carro?
<b>Intervalo transcrito</b>	14:08- 14: 55

<b>Número do vídeo</b>	2
<b>Publicação</b>	14/02/2020
<b>Busca</b>	05/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ZHFbEB2UtyQ&amp;pbjreload=101">https://www.youtube.com/watch?v=ZHFbEB2UtyQ&amp;pbjreload=101</a>
<b>Título</b>	O limite da traição e relações que nos fazem mal
<b>Resumo</b>	Gabi faz uma resenha do filme "O limite da traição" e propõe reflexões sobre relacionamentos em geral.

<b>Excerto</b>	E eu também não to falando que em algum momento da vida a gente não precisa dedicar mais tempo a esse campo ou focar um pouco mais nesse campo. Só que esse campo não pode nos fazer esquecer dos outros campos da roda da vida. Eu particularmente acredito que a gente não deve colocar tanto peso nesse campo, primeiro porque é um campo que não depende só da gente. Segundo é um campo como todos os outros, então não dá para sei lá, às vezes eu sei lá tô muito bem em todas as áreas da minha vida e aí eu sei lá achar que a vida tá infeliz somente porque esse campo não está funcionando do jeito que a sociedade ou que eu acredito que deva acontecer. Vocês conseguem entender?
<b>Frase</b>	às vezes <b>EU</b> sei lá tô muito bem em todas as áreas da minha vida e aí <b>EU</b> sei lá achar que a vida tá infeliz somente porque esse campo não está funcionando do jeito que a sociedade ou que <b>EU</b> acredito que deva acontecer.
<b>Intervalo transcrito</b>	06:02-06: 47

<b>Número do vídeo</b>	3
<b>Publicação</b>	20/06/2020
<b>Busca</b>	05/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=2LXPnyiRsgs">https://www.youtube.com/watch?v=2LXPnyiRsgs</a>
<b>Título</b>	E a carência na quarentena? Como anda o processo de adoção?
<b>Resumo</b>	A influencer responde perguntas da audiência.
<b>Excerto</b>	[...] mas principalmente quem tá em isolamento social, quem tá trabalhando em casa, às vezes parece que todos os dias são iguais, que os dias vão passando e você não tá percebendo que os dias estão passando. Então eu acho que é importante a gente, dá uma noção de normalidade do tipo: ah, domingo é domingo. Porque às vezes, você emenda domingo com domingo e nem consegue perceber qual dia da semana você tá. Então para tentar manter a saúde, é tentei continuar com as minhas rotinas e tal, continuar desenhando as minhas rotinas. Começar a pensar também em projetos, em ter um projeto para você se apegar, um projeto de futuro mesmo, sabe. O que eu quero ser? O que eu quero fazer daqui a dois anos? O que eu posso construir nesse período? O que eu acho que é importante? A gente ter essa percepção de que a vida não vai acabar nesse momento, então a gente precisar olhar de forma um pouco positiva para o futuro.

<b>Frase</b>	O que <b>EU</b> quero ser? O que <b>EU</b> quero fazer daqui a dois anos? O que <b>EU</b> posso construir nesse período? O que <b>EU</b> acho que é importante?
<b>Intervalo transcrito</b>	05:31- 5:48

<b>Número do vídeo</b>	4
<b>Publicação</b>	09/07/2020
<b>Busca</b>	05/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=wTnSMw4NtXA&amp;list=PL_RgY_2BTeaZ%20UqzeUaRQKeAeHrtMOAeNV&amp;index=3">https://www.youtube.com/watch?v=wTnSMw4NtXA&amp;list=PL_RgY_2BTeaZ%20UqzeUaRQKeAeHrtMOAeNV&amp;index=3</a>
<b>Título</b>	Quer começar a organizar sua vida financeira? Nath finanças te ajuda!!
<b>Resumo</b>	Gabi convida a influencer Nathália Rodrigues ("Nath Finanças") para falar sobre educação financeira e consumo.
<b>Excerto</b>	A conta de luz não vem sempre no mesmo valor, nem que seja um centavo diferente, sabe. Esses são os gastos variáveis. Eu coloco também o lazer. Muitas das vezes as pessoas não colocam lazer e falam assim ‘ah, não. Vou anotar só os gastos que eu tenho durante o mês, mas eu não vou botar o lazer’, mas na verdade, quando você está com seu salário, você vai num churrasquinho e para você é normal ter esse gasto e você deixa para lá.
<b>Frase</b>	Muita das vezes as pessoas não colocam lazer, falam assim ‘ah, não. Vou anotar só os gastos que <b>EU</b> tenho durante o mês, mas <b>EU</b> não vou botar o lazer’
<b>Intervalo transcrito</b>	05:19- 5:42

Você genérico

<b>Número do vídeo</b>	1
<b>Publicação</b>	20/08/2019
<b>Busca</b>	04/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=n99rI_V4sZQ&amp;t=930s">https://www.youtube.com/watch?v=n99rI_V4sZQ&amp;t=930s</a>
<b>Título</b>	A realidade de morar sozinha! Afinal, quanto custa?
<b>Resumo</b>	Gabi dá dicas para a sua audiência sobre organização e planejamento quando se decide morar sozinho.
<b>Excerto</b>	[...] porque assim, a gente precisa entender a nossa realidade, sabe. Às vezes a gente entra numa vibe muito restrita e fala ‘nossa não, eu não vou pedir comida’. Só que na sua realidade você sabe que você pede comida. Então você tem que botar na sua planilha o quanto você pode gastar pedindo comida, porque você já sabe que vai acontecer. Então para aquilo não ser um desvio, sabe. Aquilo tem que tá no seu orçamento. Ah, quanto que eu gasto pedindo no aplicativo de deslocamento de carro? Quanto você pode gastar no mês com isso?
<b>Frase</b>	Só que na sua realidade <b>VOCÊ</b> sabe que <b>VOCÊ</b> pede comida. Então <b>VOCÊ</b> tem que botar na sua planilha o quanto <b>VOCÊ</b> pode gastar pedindo comida, porque <b>VOCÊ</b> já sabe que vai acontecer. Então para aquilo não ser um desvio, sabe. Aquilo tem que tá no seu orçamento[...] Quanto <b>VOCÊ</b> pode gastar no mês com isso?
<b>Intervalo transcrito</b>	14:08- 14: 55

<b>Número do vídeo</b>	1
<b>Publicação</b>	20/08/2019
<b>Busca</b>	04/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=n99rI_V4sZQ&amp;t=930s">https://www.youtube.com/watch?v=n99rI_V4sZQ&amp;t=930s</a>
<b>Título</b>	A realidade de morar sozinha! Afinal, quanto custa?
<b>Resumo</b>	Gabi dá dicas para a sua audiência sobre organização e planejamento quando se decide morar sozinho.
<b>Excerto</b>	Morar sozinho é isso: se eu não pagar a luz, a luz vai ser cortada, se você não botar a coisa para descongelar, você não vai ter comida. A

	realidade é dura, mas é boa também. Eu amo morar sozinha.
<b>Frase</b>	[...] se <b>VOCÊ</b> não botar a coisa para descongelar, <b>VOCÊ</b> não vai ter comida.
<b>Intervalo transcrito</b>	15:24 - 15:34

<b>Número do vídeo</b>	3
<b>Publicação</b>	20/06/2020
<b>Busca</b>	05/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=2LXPnyiRsgs">https://www.youtube.com/watch?v=2LXPnyiRsgs</a>
<b>Título</b>	E a carência na quarentena? Como anda o processo de adoção?
<b>Resumo</b>	A influencer responde perguntas da audiência.
<b>Excerto</b>	[...] se apresenta como uma pessoa que tem interesse em participar do processo e isso é aqui na minha cidade, não é toda a cidade. Depois eles vão e te direcionam a um grupo de apoio a adoção, aí você faz o curso. E aí depois você entrega a sua papelada falando sobre perfil da criança, entregando papéis que comprovam que você tem condições de criar uma criança, o seu filho. Aí você informa renda, depois você passa pela avaliação psicológica.[...]
<b>Frase</b>	[...] aí <b>VOCÊ</b> faz o curso. E aí depois <b>VOCÊ</b> entrega a sua papelada falando sobre perfil da criança, entregando papéis que comprovam que <b>VOCÊ</b> tem condições de criar uma criança, o seu filho. Aí <b>VOCÊ</b> informa renda, depois <b>VOCÊ</b> passa pela avaliação.
<b>Intervalo transcrito</b>	14: 05 - 14:33

<b>Número do vídeo</b>	5
<b>Publicação</b>	24/05/2020
<b>Busca</b>	05/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=bByBnhY--3s">https://www.youtube.com/watch?v=bByBnhY--3s</a>
<b>Título</b>	Livro e documentário sobre Michelle Obama - 6 lições pra vida
<b>Resumo</b>	Gabi faz uma resenha do livro sobre a vida de Michelle Obama e propõe reflexões sobre o relato da autora.
<b>Excerto</b>	sabe quando você senta assim, sei lá numa mesa...quando você dá um jantar na sua casa ou alguma coisa assim, e aí aquele seu amigo vai contando 'quando eu nasci, aconteceu isso,isso, isso.'

<b>Frase</b>	sabe quando <b>VOCÊ</b> senta assim, sei lá numa mesa...quando <b>VOCÊ</b> dá um jantar na sua casa ou alguma coisa assim.
<b>Intervalo transcrito</b>	02:08 - 03:10

<b>Número do vídeo</b>	5
<b>Publicação</b>	24/05/2020
<b>Busca</b>	05/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=bByBnhY--3s">https://www.youtube.com/watch?v=bByBnhY--3s</a>
<b>Título</b>	Livro e documentário sobre Michelle Obama - 6 lições pra vida
<b>Resumo</b>	Gabi faz uma resenha do livro sobre a vida de Michelle Obama e propõe reflexões sobre o relato da autora.
<b>Excerto</b>	[...] a quinta coisa que eu percebi e que reforçou uma crença que eu já tinha é a seguinte coisa: dá para você contar uma história de superação sem cair naquela coisa de ‘quem quer consegue, bora lá’ só que não tá?! ‘Se você não está conseguindo é porque você não se esforçou o suficiente’. ‘Ah, quem não consegue é porque não quis, porque não se esforçou, porque não acordou tal horário’ e etc. Eu já até conversei com a minha psicóloga
<b>Frase</b>	dá para <b>VOCÊ</b> contar uma história de superação sem cair naquela coisa de ‘quem quer consegue, bora lá’ só que não tá?! [...]Se <b>VOCÊ</b> não está conseguindo é porque <b>VOCÊ</b> não se esforçou o suficiente’
<b>Intervalo transcrito</b>	18:20 - 21:03

<b>Número do vídeo</b>	5
<b>Publicação</b>	24/05/2020
<b>Busca</b>	05/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=bByBnhY--3s">https://www.youtube.com/watch?v=bByBnhY--3s</a>
<b>Título</b>	Livro e documentário sobre Michelle Obama - 6 lições pra vida
<b>Resumo</b>	Gabi faz uma resenha do livro sobre a vida de Michelle Obama e propõe reflexões sobre o relato da autora.
<b>Excerto</b>	sobre isso,né, sobre encontrar um ponto de equilíbrio entre entender que, sim, parte das conquistas que a gente tem, elas vêm pelo nosso esforço. Sim, porque você se organiza, porque você decidiu botar a

	cara no youtube, como eu fiz a um tempo atrás.Ou porque você se dedicou para passar na universidade.
<b>Frase</b>	Sim, porque você se organiza, porque <b>VOCÊ</b> decidiu botar a cara no youtube, como eu fiz a um tempo atrás.Ou porque <b>VOCÊ</b> se dedicou para passar na universidade.
<b>Intervalo transcrito</b>	18:20 - 21:03

<b>Número do vídeo</b>	5
<b>Publicação</b>	24/05/2020
<b>Busca</b>	05/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=bByBnhY--3s">https://www.youtube.com/watch?v=bByBnhY--3s</a>
<b>Título</b>	Livro e documentário sobre Michelle Obama - 6 lições pra vida
<b>Resumo</b>	Gabi faz uma resenha do livro sobre a vida de Michelle Obama e propõe reflexões sobre o relato da autora.
<b>Excerto</b>	[...] É claro que a vida adulta é mais solitária sim, principalmente se você não casa e etc. Ou não casou ainda, não quer casar,né, não tem filha, filho. Então a vida adulta é mais solitária, você não consegue encontrar mais as suas amigas, os seus amigos, como você encontrava antes. Não adianta. É uma luta para você marcar uma reunião. Quando você é adolescente, você assim, marca vai dormir, fica lá final de semana. Depois de adulta não é tão fácil[...]
<b>Frase</b>	principalmente se <b>VOCÊ</b> não casa e etc. Ou não casou ainda, não quer casar,né, não tem filha, filho. Então a vida adulta é mais solitária, <b>VOCÊ</b> não consegue encontrar mais as suas amigas, os seus amigos, como <b>VOCÊ</b> encontrava antes. Não adianta. É uma luta para <b>VOCÊ</b> marcar uma reunião. Quando <b>VOCÊ</b> é adolescente, <b>VOCÊ</b> assim, marca vai dormir, fica lá final de semana.
<b>Intervalo transcrito</b>	07:05 - 07: 27

<b>Número do vídeo</b>	6
<b>Publicação</b>	21/11/2018
<b>Busca</b>	06/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=bWkIfneWi-4">https://www.youtube.com/watch?v=bWkIfneWi-4</a>



<b>Título</b>	Minha experiência com a terapia - ansiedade, relacionamentos e crises
<b>Resumo</b>	Gabi relata a sua experiência com a terapia e comenta as razões que a levaram a procurar ajuda.
<b>Excerto</b>	[...] porque eu acho que ajuda a esclarecer, sabe. Quando você pega um papel e uma caneta e você coloca, você faz uma lista de alguma coisa, você torna aquela coisa mais palpável, você entende melhor. Quando eu listo quem eu sou, por exemplo, eu consigo perceber como eu me coloco no mundo, como eu me percebo nesse mundo, e às vezes o meu olhar sobre mim não necessariamente é o olhar que o outro tem sobre mim.
<b>Frase</b>	Quando <b>VOCÊ</b> pega um papel e uma caneta e <b>VOCÊ</b> coloca, faz uma lista de alguma coisa, <b>VOCÊ</b> torna aquela coisa mais palpável, <b>VOCÊ</b> entender melhor.
<b>Intervalo transcrito</b>	10:00 - 10:20

<b>Número do vídeo</b>	6
<b>Publicação</b>	21/11/2018
<b>Busca</b>	06/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=bWkIfneWi-4">https://www.youtube.com/watch?v=bWkIfneWi-4</a>
<b>Título</b>	Minha experiência com a terapia - ansiedade, relacionamentos e crises
<b>Resumo</b>	Gabi relata a sua experiência com a terapia e comenta as razões que a levaram a procurar ajuda.
<b>Excerto</b>	[...] também principalmente quando você identifica um padrão de comportamento ou de pensamento e que você já sabe aonde aquilo vai te levar. Aí você não consegue mudar e isso te dá uma certa 'caraca, mano. To errando isso de novo' e é uma coisa que eu já sei identificar. Eu não tô mais cega, não to mais com as escamas nos olhos, eu já sei que isso acontece, eu já sei que me comporto assim, eu já sei que isso de alguma forma pode prejudicar as minhas relações. E aí você, de repente, você cai naquela mesma coisa e falando em cair, eu acho que é muito importante falar isso, né. Fazer terapia não vai te fazer ter uma vida linear, onde você não tenha altos e baixos.
<b>Frase</b>	[...] também principalmente quando <b>VOCÊ</b> identifica um padrão de comportamento ou de pensamento e que <b>VOCÊ</b> já sabe aonde aquilo vai te levar. Aí <b>VOCÊ</b> não consegue mudar e isso te dá uma certa 'caraca, mano. To errando isso de novo' [...] E aí <b>VOCÊ</b> , de

	repente, <b>VOCÊ</b> cai naquela mesma coisa e falando em cair, eu acho que é muito importante falar isso, né. Fazer terapia não vai te fazer ter uma vida linear, onde <b>VOCÊ</b> não tenha altos e baixos.
<b>Intervalo transcrito</b>	10:55 - 12:24

<b>Número do vídeo</b>	6
<b>Publicação</b>	21/11/2018
<b>Busca</b>	06/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=bWkIfneWi-4">https://www.youtube.com/watch?v=bWkIfneWi-4</a>
<b>Título</b>	Minha experiência com a terapia - ansiedade, relacionamentos e crises
<b>Resumo</b>	Gabi relata a sua experiência com a terapia e comenta as razões que a levaram a procurar ajuda.
<b>Excerto</b>	como eu busquei antes, eu percebo que eu consegui de alguma forma driblar as crises de uma forma melhor, porque eu já estava com uma certa estrutura sabe, eu já estava num tratamento, já estava me tratando, eu já tinha uma pessoa que, de alguma forma, já me conhecia fora daquela crise. É bom você ter alguém para te resgatar, sabe [...]
<b>Frase</b>	É bom <b>VOCÊ</b> ter alguém para te resgatar, sabe[...]
<b>Intervalo transcrito</b>	10:55 - 12:24

<b>Número do vídeo</b>	4
<b>Publicação</b>	09/07/2020
<b>Busca</b>	05/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=wTnSMw4NtXA&amp;list=PL_RgY_2BTeaZ%20UqzeUaRQKeAeHrtMOAeNV&amp;index=3">https://www.youtube.com/watch?v=wTnSMw4NtXA&amp;list=PL_RgY_2BTeaZ%20UqzeUaRQKeAeHrtMOAeNV&amp;index=3</a>
<b>Título</b>	Quer começar a organizar sua vida financeira? Nath finanças te ajuda!!
<b>Resumo</b>	Gabi convida a influencer Nathália Rodrigues ("Nath Finanças") para falar sobre educação financeira e consumo.
<b>Excerto</b>	[...] eu coloco também o lazer. Muita das vezes as pessoas não colocam lazer, falam assim 'ah, não. Vou anotar só os gastos que eu

	tenho durante o mês, mas eu não vou botar o lazer'. Mas na verdade, quando você está com seu salário você vai num churrasquinho e você não anota esse gasto e você deixa para lá e fala 'é agora,só se vive uma vez'. Não se vive só uma vez, vivemos todos os dias se morre só uma vez,sabe?! E essa é a parte principal.
<b>Frase</b>	Mas na verdade, quando <b>VOCÊ</b> está com seu salário <b>VOCÊ</b> vai num churrasquinho e <b>VOCÊ</b> não anota esse gasto e <b>VOCÊ</b> deixa para lá e fala 'é agora,só se vive uma vez'.
<b>Intervalo transcrito</b>	05:19 - 05:42

<b>Número do vídeo</b>	4
<b>Publicação</b>	09/07/2020
<b>Busca</b>	05/11/2020
<b>Link</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=wTnSMw4NtXA&amp;list=PL_RgY_2BTeaZ%20UqzeUaRQKeAeHrtMOAeNV&amp;index=3">https://www.youtube.com/watch?v=wTnSMw4NtXA&amp;list=PL_RgY_2BTeaZ%20UqzeUaRQKeAeHrtMOAeNV&amp;index=3</a>
<b>Título</b>	Quer começar a organizar sua vida financeira? Nath finanças te ajuda!!
<b>Resumo</b>	Gabi convida a influencer Nathália Rodrigues ("Nath Finanças") para falar sobre educação financeira e consumo.
<b>Excerto</b>	[...] criança tá vendo o tempo todo aquela roupa de marca e todo mundo fica zuando você que não tem aquela roupa de marca ou essa roupa tá furada. E quando você tem uma situação financeira ou começa a ganhar um dinheirinho, você vai fazer de tudo pra se encaixar naquele padrão e vai fazer de tudo para comprar aquela roupa e colecionar.
<b>Frase</b>	todo mundo fica zuando <b>VOCÊ</b> que não tem aquela roupa de marca ou essa roupa tá furada. E quando <b>VOCÊ</b> tem uma situação financeira ou começa a ganhar um dinheirinho, <b>VOCÊ</b> vai fazer de tudo pra se encaixar naquele padrão
<b>Intervalo transcrito</b>	25: 18 - 25:30

## Apêndice B: Desenho experimental.

### Instruções dadas aos participantes

Você foi convidado a participar de um experimento linguístico muito simples.  
Leia as instruções a seguir com bastante atenção.  
Responda ao que for solicitado de modo rápido e preciso.

[TECLE ENTER PARA AVANÇAR]

Nesse experimento, você lerá uma sequência de excertos.  
Cada excerto apresentará situações comunicativas diversas, tais quais, as instruções de como se tirar um passaporte, o conselho sobre algum assunto, dicas sobre educação financeira, entre outros.

[TECLE ENTER PARA AVANÇAR]

Os excertos apresentados terão lacunas e sua tarefa consiste simplesmente em completá-las, escolhendo a opção que considerar mais adequada. Não existe certo ou errado.  
Cada pergunta terá 3 alternativas: a, b, ou c. Importante lembrar: para confirmar sua resposta, você deverá clicar na tecla da alternativa escolhida (a, b, ou c) duas vezes.

[TECLE ENTER PARA AVANÇAR]

Mas antes de começar, vamos treinar?

[TECLE ENTER PARA AVANÇAR]

Se houver alguma dúvida, pergunte à pesquisadora presente.

Se não, tecla *enter* para continuar

Estímulos (Script)

	CONDIÇÃO	EXCERTO
1	Treino	<p>Luciana: Cara, eu não sei você, mas eu prefiro muito mais gastar o meu dinheiro com viagem do que com roupas.</p> <p>Marina: Ah, eu também. Ano _____, eu deixei de comprar várias coisas para economizar para a viagem que vou fazer esse ano. Meu sonho era conhecer o Chile e, em dezembro, vou realizá-lo.</p>
2	Treino	<p>Portanto, _____ conselho é sempre verificar a autenticidade de qualquer oferta ou oportunidade de investimento, pesquisar a empresa ou o indivíduo por trás dela e nunca compartilhar informações pessoais ou financeiras sem ter certeza absoluta de que é _____.</p>
3	Treino	<p>Francisco: Acho que a pior coisa que já comi na vida foi jiló. Não me desce de jeito nenhum.</p> <p>Rodrigo: Ah, não acho tão _____ assim. Quando eu era criança, eu não gostava, mas depois de adulto eu me acostumei e como _____. Não é tipo, gostoso, mas dá para comer.</p>
4	Distrator	<p>Finalmente, o dia da partida chegou. _____ o carro até o teto com malas, equipamento de camping e lanches. As crianças estavam cheias de empolgação, e até o cachorro, Rex, estava ansioso para a aventura.</p>
5	Distrator	<p>Letícia: Você ficou sabendo das últimas notícias da guerra na Ucrânia?</p> <p>Luan: Não. O que rolou?</p> <p>Letícia: Bem, parece que a Ucrânia tem buscado apoio de outros países e eles meio que estão abertos _____.</p>
6	Crítico	<p>Júlia: Sabe, eu estava pensando sobre a Carla. Ela já passou por tantos relacionamentos abusivos, é realmente preocupante.</p> <p>Carol: É verdade, parece que ela sempre acaba se envolvendo com pessoas que a tratam muito mal.</p> <p>Júlia: Pois é. Eu, pessoalmente, sempre tive relacionamentos muito saudáveis, em que fui muito respeitada. Agora, eu acho o seguinte...quando _____ pelo que a Carla está passando, _____ tomar algumas decisões difíceis para sair dessa situação.</p>

7	Distrator	<p>Gleisi: É como eu sempre te falo: quando um não quer, dois não brigam.</p> <p>Leninha: Eu sei, né? Mas é triste ver um casal que parecia tão feliz se separar. Você tem alguma ideia do que pode ter acontecido?</p> <p>Gleisi: Dizem que foi um problema de agenda, que quase não se _____ e acabaram se _____o. Mas também não tenho certeza. Vai saber, né ?!</p>
8	Distrator	<p>Carlos: E esse calor, hein?!</p> <p>Daniel: Tá terrível. O ventilador não dá conta. Mal tenho dormido.</p> <p>Carlos: E os pernilongos então? É aquela _____ a noite toda.</p>
9	Crítico	<p>Lucas: Por que você começou a estudar organização financeira?</p> <p>Camila: Ah, sei lá... eu ficava pensando em como as pessoas contraem dívidas desnecessárias. Eu sempre fui tão organizada, mas tem gente que vive em uma montanha-russa financeira. Lembro que uma vez, uma ex- colega de trabalho que vivia enrolada e já tinha dois empréstimos, fez mais um, porque queria comprar uma bolsa da Gucci. Cara, quando _____ em uma situação como a da minha ex-colega, _____ um empréstimo! É loucura!</p>
10	Distrator	<p>Essa torta é uma combinação perfeita de texturas e sabores. Ela tem uma base crocante de biscoitos triturados, um recheio cremoso de chocolate e uma cobertura de ganache de chocolate. É uma explosão _____ em cada mordida, e eu garanto que todos vão _____.</p>
11	Distrator	<p>Lembre-se de que a montagem de móveis requer _____, e seguir as instruções do manual é _____. Se tiver alguma dúvida ou encontrar problemas durante a montagem, não hesite em consultar o fabricante ou buscar ajuda de alguém com experiência em montagem de móveis.</p>
12	Crítico	<p>Angélica: Aqui, você ficou sabendo do submarino que implodiu?</p> <p>José Carlos: Sim!! Não consigo nem imaginar o que esse pessoal passou.</p>

		<p>Angélica: Pois é, deve ter sido uma situação de pânico e desespero. Fico pensando, o que alguém faz numa situação dessa?</p> <p>José Carlos: Bem, acho que _____ ter que seguir os protocolos de segurança e procedimentos de emergência.</p>
13	Distrator	<p>Caio: Se eu fosse começar a treinar hoje, eu acho que ia pegar bem leve. Começaria com alguns alongamentos e com _____ de fortalecimento.</p> <p>Manu: Isso é uma ótima ideia. O importante é começar, para que você construa uma rotina _____.</p>
14	Distrator	<p>Antônio: Pai, me dá dinheiro para comprar bala?</p> <p>Marcos: De novo? Não mesmo, já conversei com a sua mãe sobre isso e não tá nada bom a quantidade de _____ que você anda comendo.</p>
15	Crítico	<p>Marisa: Menina, e aquele acidente que deu no jornal ontem? Você viu?</p> <p>Luana: Vi sim! Nunca vi acontecer nada parecido. Tanto que fiquei pensando... quando _____ no meio de algo assim, o mais importante _____ manter a calma, ligar pro SAMU e pra polícia.</p>
16	Distrator	<p>Dandara: Eu odeio café. Não sei como você consegue tomar isso. Ainda mais sem açúcar.</p> <p>Dimas: Ah, eu não sei como você não gosta. Nada melhor do que sentir o cheiro de café fresco de manhã, e tomar uma xícara bem cheia e quentinha para começar o _____.</p>
17	Distrator	<p>Ada: E aí? Como tá indo a busca por um apartamento?</p> <p>Giovana : Ah, tá sendo meio complicado. Os aluguéis têm aumentado bastante, e tá difícil encontrar algo dentro do meu orçamento.</p> <p>Ada: Entendo. Você já pensou em dividir o aluguel com alguém?</p> <p>Giovana: A ideia de dividir o aluguel é boa, e tenho até pensado nisso. Só preciso encontrar alguém com quem eu me sinta confortável para dividir _____.</p>
18	Crítico	<p>Marta: Menina, você ficou sabendo que o Victor se meteu em uma briga de trânsito?</p>

		<p>Carla: Sim, ele perdeu a cabeça completamente.</p> <p>Marta: Eu nem dirijo, mas quando _____ no trânsito, é preciso manter a calma.</p>
19	Distrator	<p>Lucia: Oi, Ana! Aqui, tava pensando em fazer um churrasco nesse fim de semana. O que acha?</p> <p>Ana: Acho ótimo!</p> <p>Lucia: Tô pensando em chamar alguns amigos e fazer um churrasco no quintal. Vai ser algo _____, mas com muita comida _____</p>
20	Distrator	<p>José: Eu andei pensando e acho que vou adotar um gato.</p> <p>Paulo: Você tem certeza? Porque um _____ é uma _____ muito grande. Você vai ter tempo de cuidar e dar atenção a um bichinho?</p> <p>José: Ah...acho que sim. Se eu organizar os meus horários, acho que consigo dar conta de cuidar de um gato.</p>
21	Crítico	<p>Kátia: Aí foi isso: a Kauany e a Camila não são mais amigas.</p> <p>Luzia: Olha, nunca passei por isso, mas quando _____ uma amizade como a delas, _____ que tentar fazer as pazes.</p>
22	Distrator	<p>Luana: Te falei que vou comprar um carro?</p> <p>Maria: Não!! Que legal ! Um carro zero ou usado?</p> <p>Luana: Claro que usado, né?! Carro zero perde valor muito rápido nos primeiros anos, e eu não quero perder tanto dinheiro assim que eu sair da concessionária. Fora que um carro popular _____ tá_____.</p>
23	Distrator	<p>Alana: A vacinação é tão importante, né?!</p> <p>Juliano: Com certeza. Ao nos vacinarmos, estamos protegendo aqueles que não podem ser vacinados por motivos de saúde, como crianças muito novas ou pessoas com sistemas imunológicos _____.</p>
24	Crítico	<p>Kaio: E a Izabel ? Tem tido notícias dela?</p>



		<p>Maria Paula: Nem te conto... assim, ela tá bem, mas só fala de teorias da conspiração, de extraterrestres visitando a Terra...</p> <p>Kaio: Sério?</p> <p>Maria Paula: É. Não me leve a mal, eu respeito a opinião das pessoas, mas _____ em teoria da conspiração é absurdo.</p>
25	Distrator	<p>Carol: Me ajuda a escolher uma mochila nova, amiga?</p> <p>Bruna: Ajudo. O que você precisa na mochila e quanto você pode gastar?</p> <p>Carol: Meu orçamento é flexível, desde que seja algo de qualidade. Preciso de uma mochila que seja funcional para o trabalho, mas também suficientemente _____ para levar em viagens _____ de fim de semana.</p>
26	Distrator	<p>Luna: Pai, tô preocupada com você. Minha irmã me falou que você tá _____ algumas informações sobre vacinas que são fake news. Isso me preocupa bastante, e quero te pedir que não acredite e nem compartilhe informações não verificadas sobre as vacinas.</p> <p>Rodrigo: Ah, Luna, eu só tava lendo algumas coisas na internet. Não é para levar muito a sério.</p>
27	Distrator	<p>Margareth: Mas como eu posso saber o que é verdadeiro ou falso?</p> <p>Alzira: Uma maneira é verificar as fontes das informações. Confira se as informações são _____ de fontes _____, como agências de saúde, instituições de pesquisa e organizações médicas. Além disso, desconfie de informações que pareçam sensacionalistas ou extremamente alarmantes.</p>
28	Crítico	<p>Natan: Vitória te contou da confusão que tá no prédio dela?</p> <p>Ketlyn: Contou! Qualquer probleminha vira um bate-boca no grupo de <i>Whatsapp</i> do condomínio.</p> <p>Natan: Ainda bem que sempre morei no sítio e nunca passei por isso. Mas quando _____ um problema com um vizinho, _____ na porta dele para resolver, ao invés de expor na internet.</p>

29	Distrator	<p>Rebeca: Com certeza, Felipe. A desigualdade social é uma questão preocupante em muitos lugares do mundo. Ela afeta as oportunidades e a qualidade de vida das pessoas de maneira significativa.</p> <p>Felipe: _____. Uma das maneiras de abordar esse problema, na minha opinião, é através da educação. Acredito que a educação pode ser uma ferramenta _____ para reduzir a desigualdade.</p>
30	Distrator	<p>Cassiana: Quando as pessoas têm acesso a uma educação de qualidade, elas têm mais chances de alcançar seus objetivos e melhorar suas vidas.</p> <p>João Victor: Verdade. A educação não apenas fornece conhecimento, mas também desenvolve habilidades, pensamento crítico e capacidade de tomada de decisão, o que pode capacitar as pessoas a saírem da pobreza e terem um futuro _____.</p>
31	Distrator	<p>Leili: As universidades são muito mais do que apenas locais de ensino. Elas também são centros de pesquisa e inovação. E as pesquisas acadêmicas têm um impacto _____ em várias áreas da nossa vida.</p> <p>Ailton: Mas como exatamente as pesquisas acadêmicas afetam a nossa vida cotidiana?</p> <p>Leili: As pesquisas acadêmicas são responsáveis por descobertas e avanços em diversas áreas, desde medicina e tecnologia até economia e meio ambiente. Por exemplo, muitos medicamentos que salvam vidas foram desenvolvidos graças à pesquisa _____.</p>

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**Departamento de Linguística e Filologia**  
**Programa de Pós-graduação em Linguística**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**  
**OS DÊITICOS “EU” E “VOCÊ”: UMA ANÁLISE COGNITIVISTA SOBRE SEUS**  
**USOS GENÉRICOS**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa desenvolvida Leila Cruz Magalhães, discente de Doutorado em Linguística na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob orientação do Professor Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiros.

Antes de consentir com a sua participação nesta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas antes que você decida participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

O teste de aceitabilidade ao qual você será submetido, pretende examinar os seus julgamentos linguísticos, não existindo respostas inadequadas, uma vez que este experimento visa analisar a sua familiaridade com as expressões investigadas e as suas aplicabilidades aos enunciados expostos.

Portanto, a sua atuação consistirá em selecionar uma alternativa (A, B ou C) para cada uma das 31 frases lidas por você, de acordo com o seu julgamento pessoal. O tempo de duração do experimento é de aproximadamente meia hora.

Os riscos relacionados à pesquisa envolvem a quebra de confidencialidade e, para tanto, a pesquisadora se compromete a manter em sigilo sua identidade, assim como dados que possibilitem a sua identificação a fim de garantir o anonimato.

Sua participação no estudo não implicará em custos adicionais e não terá qualquer despesa com a realização dos procedimentos previstos. Também não haverá nenhuma forma de pagamento pela sua colaboração.

Sua participação é voluntária e, portanto, você poderá se recusar a participar.

Você receberá uma via idêntica deste documento assinada pela pesquisadora do estudo.

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e CONCORDO em participar.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do sujeito da pesquisa/ RG

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável /RG

**Apêndice C: Respostas dadas por cada participante para os estímulos críticos.**

<b>Sujeito</b>	<b>Item crítico</b>	<b>Resposta</b>
1	1	b
1	2	a
1	3	a
1	4	b
1	5	a
1	6	b
1	7	a
1	8	a
2	1	a
2	2	a
2	3	a
2	4	b
2	5	a
2	6	b
2	7	a
2	8	b
3	1	b
3	2	a
3	3	a
3	4	b
3	5	a
3	6	b
3	7	a
3	8	a
4	1	b
4	2	a
4	3	b
4	4	a

4	5 b
4	6 a
4	7 a
4	8 b
5	1 b
5	2 a
5	3 c
5	4 b
5	5 a
5	6 c
5	7 a
5	8 a
6	1 b
6	2 a
6	3 a
6	4 b
6	5 a
6	6 b
6	7 c
6	8 c
7	1 b
7	2 a
7	3 a
7	4 b
7	5 a
7	6 b
7	7 a
7	8 c
8	1 b
8	2 b
8	3 a
8	4 b
8	5 a

8	6 b
8	7 a
8	8 a
9	1 b
9	2 b
9	3 b
9	4 b
9	5 a
9	6 b
9	7 a
9	8 a
10	1 b
10	2 a
10	3 a
10	4 b
10	5 a
10	6 b
10	7 a
10	8 a
11	1 b
11	2 a
11	3 a
11	4 a
11	5 b
11	6 a
11	7 a
11	8 a
12	1 b
12	2 a
12	3 c
12	4 b
12	5 c
12	6 b

12	7 a
12	8 a
13	1 a
13	2 b
13	3 a
13	4 b
13	5 a
13	6 c
13	7 a
13	8 b
14	1 b
14	2 a
14	3 a
14	4 b
14	5 a
14	6 b
14	7 a
14	8 b
15	1 b
15	2 a
15	3 a
15	4 b
15	5 a
15	6 b
15	7 a
15	8 b
16	1 b
16	2 a
16	3 a
16	4 a
16	5 b
16	6 a
16	7 a



16	8 a
17	1 b
17	2 a
17	3 a
17	4 b
17	5 a
17	6 b
17	7 a
17	8 b
18	1 b
18	2 a
18	3 a
18	4 b
18	5 c
18	6 a
18	7 c
18	8 b
19	1 a
19	2 a
19	3 b
19	4 a
19	5 b
19	6 a
19	7 a
19	8 a
20	1 b
20	2 a
20	3 a
20	4 b
20	5 a
20	6 b
20	7 a
20	8 b

21	1 a
21	2 a
21	3 a
21	4 b
21	5 a
21	6 b
21	7 a
21	8 a
22	1 b
22	2 a
22	3 a
22	4 b
22	5 a
22	6 c
22	7 a
22	8 b
23	1 b
23	2 a
23	3 a
23	4 b
23	5 a
23	6 b
23	7 a
23	8 a
24	1 b
24	2 a
24	3 a
24	4 b
24	5 a
24	6 b
24	7 a
24	8 b
25	1 b

25	2 b
25	3 a
25	4 b
25	5 a
25	6 b
25	7 a
25	8 b
26	1 a
26	2 a
26	3 a
26	4 b
26	5 a
26	6 b
26	7 a
26	8 a
27	1 b
27	2 a
27	3 a
27	4 b
27	5 a
27	6 a
27	7 b
27	8 b
28	1 b
28	2 a
28	3 a
28	4 b
28	5 a
28	6 b
28	7 a
28	8 a
29	1 b
29	2 b

29	3 a
29	4 b
29	5 a
29	6 b
29	7 a
29	8 b
30	1 b
30	2 a
30	3 a
30	4 b
30	5 a
30	6 b
30	7 a
30	8 a
31	1 a
31	2 b
31	3 c
31	4 a
31	5 b
31	6 a
31	7 a
31	8 a
32	1 b
32	2 a
32	3 a
32	4 b
32	5 a
32	6 b
32	7 a
32	8 b
33	1 b
33	2 a
33	3 a

33	4 b
33	5 b
33	6 b
33	7 a
33	8 a
34	1 a
34	2 b
34	3 a
34	4 a
34	5 a
34	6 a
34	7 a
34	8 a
35	1 b
35	2 a
35	3 a
35	4 b
35	5 a
35	6 a
35	7 a
35	8 a
36	1 b
36	2 a
36	3 a
36	4 b
36	5 a
36	6 b
36	7 a
36	8 a
37	1 c
37	2 a
37	3 a
37	4 b

37	5 c
37	6 b
37	7 a
37	8 a
38	1 b
38	2 a
38	3 a
38	4 b
38	5 a
38	6 b
38	7 a
38	8 b
39	1 c
39	2 a
39	3 c
39	4 c
39	5 a
39	6 c
39	7 a
39	8 c
40	1 b
40	2 a
40	3 a
40	4 b
40	5 a
40	6 b
40	7 a
40	8 b
41	1 b
41	2 a
41	3 a
41	4 b
41	5 a

41	6 b
41	7 a
41	8 a
42	1 b
42	2 a
42	3 a
42	4 b
42	5 a
42	6 a
42	7 c
42	8 c
43	1 c
43	2 a
43	3 a
43	4 b
43	5 a
43	6 b
43	7 a
43	8 b
44	1 b
44	2 a
44	3 a
44	4 b
44	5 a
44	6 b
44	7 a
44	8 b
45	1 b
45	2 b
45	3 a
45	4 b
45	5 b
45	6 b

45	7 b
45	8 b
46	1 b
46	2 a
46	3 b
46	4 c
46	5 b
46	6 b
46	7 c
46	8 b
47	1 b
47	2 a
47	3 a
47	4 b
47	5 a
47	6 b
47	7 a
47	8 a
48	1 b
48	2 a
48	3 a
48	4 b
48	5 a
48	6 b
48	7 a
48	8 b
49	1 b
49	2 a
49	3 a
49	4 b
49	5 a
49	6 a
49	7 b



49	8 b
50	1 b
50	2 b
50	3 b
50	4 c
50	5 a
50	6 b
50	7 a
50	8 a
51	1 b
51	2 b
51	3 a
51	4 a
51	5 b
51	6 a
51	7 a
51	8 a
52	1 b
52	2 a
52	3 a
52	4 b
52	5 c
52	6 a
52	7 a
52	8 a
53	1 a
53	2 b
53	3 a
53	4 b
53	5 b
53	6 a
53	7 b
53	8 a

54	1 b
54	2 a
54	3 a
54	4 b
54	5 a
54	6 b
54	7 b
54	8 b
55	1 c
55	2 a
55	3 a
55	4 c
55	5 c
55	6 c
55	7 c
55	8 c
56	1 b
56	2 a
56	3 a
56	4 b
56	5 a
56	6 b
56	7 a
56	8 a
57	1 b
57	2 a
57	3 a
57	4 b
57	5 a
57	6 b
57	7 a
57	8 b
58	1 b

58	2 a
58	3 a
58	4 b
58	5 a
58	6 b
58	7 a
58	8 b
59	1 c
59	2 c
59	3 a
59	4 b
59	5 a
59	6 b
59	7 a
59	8 b
60	1 b
60	2 a
60	3 a
60	4 b
60	5 b
60	6 b
60	7 a
60	8 b

**Apêndice D: Respostas de cada participante às variáveis analisadas.**

<b>Participantes</b>	<b>Eu</b>	<b>Você</b>	<b>Qualquer uma das anteriores</b>
<b>1</b>	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)
<b>2</b>	2 (25%)	5 (62,5%)	1 (12,5%)
<b>3</b>	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)
<b>4</b>	6 (75%)	1 (12,5%)	1 (12,5%)
<b>5</b>	6 (75%)	2 (25%)	0 (0%)
<b>6</b>	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
<b>7</b>	1 (12,5%)	5 (62,5%)	2 (25%)
<b>8</b>	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
<b>9</b>	1 (12,5%)	5 (62,5%)	2 (25%)
<b>10</b>	5 (62,5%)	3 (37,5)	0 (0%)
<b>11</b>	2 (25%)	6 (75%)	0 (0%)
<b>12</b>	4 (50%)	4 (50%)	0 (0%)
<b>13</b>	1 (12,5%)	5 (62,5%)	2 (25%)
<b>14</b>	0 (0%)	7 (87,5%)	1 (12,5%)
<b>15</b>	0 (0%)	7 (87,5%)	1 (12,5%)
<b>16</b>	3 (37,5%)	5 (62,5%)	0 (0%)

17	2 (25%)	6 (75%)	0 (0%)
18	3 (37,5%)	5 (62,5%)	0 (0%)
19	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)
20	1 (12,5%)	5 (62,5%)	2 (25%)
21	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
22	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
23	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
24	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)
25	3 (37,5%)	4 (50%)	1 (12,5%)
26	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
27	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)
28	2 (25%)	6 (75%)	0 (0%)
29	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)
30	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)
31	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)
32	0 (0%)	7 (87,5%)	1 (12,5%)
33	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
34	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)

<b>35</b>	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
<b>36</b>	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
<b>37</b>	2 (25%)	6 (75%)	0 (0%)
<b>38</b>	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
<b>39</b>	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
<b>40</b>	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)
<b>41</b>	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)
<b>42</b>	2 (25%)	6 (75%)	0 (0%)
<b>43</b>	2 (25%)	4 (50%)	2 (25%)
<b>44</b>	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
<b>45</b>	3 (37,5%)	5 (62,5%)	0 (0%)
<b>46</b>	0 (0%)	3 (37,5%)	5 (62,5%)
<b>47</b>	0 (0%)	8 (100%)	0 (0%)
<b>48</b>	5 (62,5%)	3 (37,5%)	0 (0%)
<b>49</b>	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
<b>50</b>	2 (25%)	5 (62,5%)	1 (12,5%)
<b>51</b>	2 (25%)	6 (75%)	0 (0%)
<b>52</b>	4 (50%)	4 (50%)	0 (0%)

<b>53</b>	2 (25%)	6 (75%)	0 (0%)
<b>54</b>	6 (75%)	2 (25%)	0 (0%)
<b>55</b>	0 (0%)	6 (75%)	2 (25%)
<b>56</b>	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
<b>57</b>	1 (12,5%)	7 (87,5%)	0 (0%)
<b>58</b>	0 (0%)	2 (25%)	6 (75%)
<b>59</b>	2 (25%)	5 (62,5%)	1 (12,5%)
<b>60</b>	0 (0%)	6 (75%)	2 (25%)